

REVISTA MENSAL
DA
SOCIEDADE
PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. — AGOSTO DE 1869. — N.º 6.

—o-O-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO
PORTO ALEGRE

1869

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Nicolau Vicente Pereira.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

Aurelio V. de Bittencourt.

DUAS IRMÃS

• (Conto Moral)

A' JOVEM TYMIRA F. DA SILVA.

I

Amelia e Lucilia são duas moças, bellas como os amores.

Alberto da Cunha, seu pai, já na idade em que todas as aspirações do homem se voltão para a outra vida promettida nos livros santos, era obrigado a frequentar a alta sociedade, á cata de marido para as suas filhas.

Ataviava-as ricamente, para que despertassem a attenção.

Em casa, nos bailes, nos passeios, nos theatros, em toda a parte, brilhavão sempre as duas beldades, tendo constantemente em roda, como se pôde comprehender, uma multidão de adoradores.

Poetas, advogados, jornalistas, funcionarios publicos, negociantes, cada um queimava o seu grão de incenso junto áquellas moças, por todos divinizadas.

Amelia morria por essa côrte; vel-os todos a elogiar-lhe os dotes d'alma, que nenhum conhecia, a belleza fascinadora, os olhos negros, a boca pequena, o nariz curto e arredondado, a pennugem que lhe bordava os labios, a delicadeza do pé guardado n'uma botina de setim e por fim o gosto da *toilette*, eis no que consistia toda a sua ventura.

Lucilia, ao contrario, parecia sempre triste quando todos folgavão; ás bajulações dos *dandys* respondia com um sorriso secco como de tédio.

Amelia preferiria a tudo o sequito dos lisonjeiros que dizião-lhe viver de sua vida, amar do seu amor; Lucilia, a quem chamavão romantica, manifestava-se pelas paginas de um bom livro, onde pudesse ver exemplos de sã moral.

Quantas vezes não disputavão as duas irmãs a primasia dos seus gostos? Uma amava o prazer que se encontra nos salões do baile, prazer ephemero e perigoso, porque vicia o coração da moça inexperta que se enleva nas phrases e meneios estudados dos galanteadores; a outra preferia o theatro e os livros.

Uma estudava ao espelho o melhor gesto para apparecer em publico e tornar-se agradável aos moços; a outra, considerando que o seu unico arrimo na terra era o pobre velho que tambem não podia ir longe, tratava de aprender os deveres da mulher em sociedade, sem que tivesse repugnancia ao trabalho.

Sigamos-lhes os passos até o salão do baile.

A orchestra faz signal para uma walsa. A alegria reina entre todos os convidados. Um, dois, tres, muitos jovens vem solicitar de Amelia a honra de seu braço para voltearem pelas salas; este quer ser o seu par, aquell'outro o seu vis-a-vis, Amelia a todos sorria, a todos attendia.

Perguntavão-se dois moços um ao outro, retirados á um canto:

— Aquella moça terá algum sentimento de amor por qualquer d'aquelles que lhe seguem os passos?

— Diverte-se ouvindo-lhes os protestos de amor eterno, e nada mais

— Mas aquellas maneiras estabanadas não ficão bem n'uma menina, não julgas?

— Culpa não é d'ella, que não tem quem lhe refrêe os desregramentos.

— E o pai?

— Ora o pai! repara, eil-o sentado á banca do jogo.

— Pois elle...

— Distrahe-se, meu amigo; pois que não de fazer os velhos? Trazel-os á agitação das salas, seria deslocar-os.

Em quanto taes commentarios se fazião, Amelia já tinha andado pelo braço de seis ou sete mancebos, que não lhe poderião dizer mais que banalidades.

O que é feito de Lucilia?

O quanto tem de luxuoso o vestido que traja Amelia, tem o seu de simples. Um vestido de musselina branca, sem mais enfeite; e um botão de rosa no cabelo.

Está ella sentada, quando Arnaldo Pinheiro vem occupar um lugar vasio que lhe ficava ao pé.

— Não dança, minha senhora?

— Contento-me em observar.

— Permitta que lhe diga que faz mal; está na idade em que o praser é o unico sonho que nos occupa a mente... Quando todos se entregão ás delicias que nos dá os ritornellos da walsa, porque aqui tão pensativa? Tem algum pesar?

— O de ter vindo aqui!

— Não comprehendo. Dar-se-ha caso que o brilho d'estas luzes, o aroma d'estas flores, o ruido d'esta gente a mortifique?

— Quer saber? Se aqui vim, se frequento os bailes, é que a isso me obriga Amelia. Prefiro a este movimento continuo, incessante, a solidão do meu lar. Lá, sinto infinito deleite relendo as paginas de Magalhães ou Gonçalves Dias; Castello Branco ou Herculano; Pinheiro Chagas ou Cesar Machado; do romance ou da poesia passo ao drama, e leio Mendes Leal ou Lacerda, Alencar ou Assis, P. Guimarães ou Hoggan. Longe dos meus livros, vem-me o tedio e a abstracção de tudo quanto se passa em roda de mim.

— No entanto D. Amelia é uma perfeita antithese de V. Ex. Veja como se diverte ouvindo aquelle velho.

— Não a invejo, creia. Minha irmã é muito moça, e tudo antevê por entre um prisma seductor: tenho esperanza de que ha de mudar. Mas que estou dizendo? Esqueceu que a musica deu signal para uma quadrilha?

— Por ouvil-a, pouco importára esquecer tudo. V. Ex. faz-me a honra...

— Não quero que me chame excentrica... Vamos.

.....
— Ao sairem do baile, quando no horisonte se desenhavão os primeiros traços do dia, Amelia pesarosa lamentava ser obrigada a interromper um colloquio amoroso que encetára com um gamenho guardalivros, e Lucilia dava graças a Deus por fugir ás importunações dos officiosos que queriam conhecer o segredo do seu recolhimento.

II

Amelia é esposa de Guilherme Soares.

São passados tres mezes da noite do baile.

Guilherme Soares foi um dos muitos que rodearão-n'a então. D'um vaso de flores collocado sobre um consolo tirou um raminho de alecrim, e offereceu-o a Amelia dizendo que aquella flôr significava firmeza.

A travessa menina recebeu o ramo, deu-lhe um osculo erguendo os olhos ao céu como em extasi e collocou-o no peito.

O moço desde esse instante perdeu a cabeça. Pensou que Amelia só quizera dar-lhe uma prova de preferencia sobre os outros e julgou-se o mais feliz de todos os homens.

No outro dia subia as escadas do velho Alberto da Cunha o negociante Guilherme a solicitar a mão de sua filha.

Amelia foi ouvida, e permaneceu silenciosa emquanto Alberto lhe dizia que o pretendente era um excellente moço, filho de uma familia que tinha remotas ligações com pessoas d'alta linhagem e outras tantas recomendações d'este gosto. Quando ouviu esta phrase — **além d'isso é senhor de uma boa fortuna** — os olhos brilharão-lhe com uma luz sinistra, os labios dilatarão-se-lhe n'um riso satânico, e ella proferiu resoluta: — **Desnecessaria era a minha audiencia; bem sabe que eu não lhe desobedeço!** —

Guilherme, pobre moço! não cabia em si de contente; o coração batia-lhe forte e apressadamente, e como que em delirio osculou as mãos do velho pai.

Como sou feliz, meu amigo, dizia elle a um dos seus confidentes, por possuir um thesoiro tão cubigado e disputado.

No fim de um mez, o casamento effectuava-se sem ostentação, nem mais testemunhas que as pessoas da familia dos noivos.

Dois mezes só decorrerão, e já o desgosto entrou na habitação dos jovens esposos.

Amelia, que passára as primeiras quadras da vida em pura ociosidade, via-se agora forçada a um trabalho rude e continuado desde amanhecer até findar do dia.

Ultimamente Guilherme, desesperado pela má escolha que p'uma hora de tresvario fizera, passára aos maus tratos, obrigando-a ao trabalho á força de exprobações.

Guilherme dirigia uma casa de commercio, para a qual não entrára com capitaes, mas tinha parte nos lucros; por conta d'estes gastava como se fôra um banqueiro. e o resultado dos esbanjamentos em coisas de desproveito foi dentro em breve a pobreza.

Dando-se balanço á casa, conheceu-se que Guilherme ainda devia á firma social.

Quando sentia necessidade de alguma coisa e não a podia haver, vingava-se em accusar sua mulher como causa das desgraças que sobre si pesavão; Amelia, alimentando-se das lagrimas, desculpava o marido para accusar seu pai, que a deixára entregue ás proprias inclinações na idade justamente em que lhe dévera formar o coração e preparal-a para entrar na vida positiva.

— Enriquecêrão-me a intelligencia; acostumarão-me aos prazeres passageiros que se experimentão no delirio da walsa, nos passeios; vendo a meus pés, supplices, tantos moços a pedir-me uma só palavra de amor, eu que não conhecia o que significava esta expressão, mentidamente jurava a todos que erão os escolhidos de minha alma! Esqueci as reflexões de minha irmã, e por vezes descí á inconveniencia para repellil-a, porque eu não podia aceitar que ella, mais moça, me viesse dizer como me devia eu conduzir na sociedade; fôra viva minha mãe, e ella velaria sobre mim, ensinando-me com a sua autoridade as regras que conviria guardasse. Meu pai disse-me: — estou pobre, velho e cansado, e é preciso que cases; faz a diligencia por achar marido, que eu não descurarei procurar-t'o! E hoje, n'esta minha longa agonia, ninguem me ajuda a sosegar o calice amargo, nem uma só voz amiga me segreda ao ouvido: — **resigna-te!**

Guilherme passa os dias a considerar nos meios de sustentar sua mulher; sem credito no commercio, aguarda por algum outro emprego,

e enquanto isso, vai empenhando as joias que lhe trouxe Amelia!
Infelizes entes! Um desespera á falta de recursos; a outra chora á
força do soffrer.
Dolorosos transes!

III

Arnaldo Pinheiro ficou encantado dos sentimentos de Lucilia no
baile.

Tomando mais detalhadas informações á seu respeito, soube que a
virtude era uma de suas mais nobres qualidades; tornava mais singela
o seu *toilette* afim de poder comprar livros e distribuir esmolas aos seus
pobres.

Uns chamavão-n'a — a romantica; — outros — a rolinha; — Lu-
cilia tinha o genio docil, e a todos tratava com uma delicadeza de cap-
tivar.

Arnaldo solicitou a mão de Lucilia.

A' consulta de seu pai, pediu permissão para reflectir por alguns
dias; é que tinha presente o exemplo de sua irmã, tão infeliz pelo pou-
co escrupulo na escolha.

D'ahi a dois dias Lucilia accedia ao pedido de Arnaldo.

— Meu pai, vejo que cada vez mais se dobra ao peso da velhice
e da enfermidade; se a mão da fatalidade me ferisse agora, roubando-
m'o ás minhas caricias, não sei se poderia resistir ao golpe. Só na terra,
sem asylo, sem protecção de ninguem, a miseria viria tomar-me em
seus braços; se minha irmã houvesse sido feliz, na sua companhia es-
taria á coberto das precisões diurnas. Reflecti bem, portanto, no par-
tido que se me apresenta: — ama-me com um amor sincero, puro, que
lhe vem do intimo do coração — serei digna do seu amor; em vez dos
bens da fortuna, das commodidades que o dinheiro offerece, pede-me
auxilio para ganharmos ambos o nosso sustento — a minha resposta é
a seguinte — aceito! Ha, porém, um additivo á minha resolução; meu
pai ha de ir viver em nossa companhia; os nossos cuidados hão de res-
tabelecel-o, e se é possível, dilatar-lhe os dias de vida.

O bom velho chorava de contente; beijou-a na fronte e abraçou-a
com todas as suas forças.

Arnaldo aceitou com prazer o additivo e prometteu adoptal-o.

Alguns mezes depois Lucilia e Arnaldo ligavão-se aos pés do al-
tar pelos laços do matrimonio.

De manhã vai á sua repartição, á tarde lê para distrahir seu sogro.

Dispensa ao sogro e á esposa todos os carinhos, e tudo envida para
que uma só nuvem de tristeza não lhes paire no rosto!

Reina a felicidade na habitação do pobre!

Lucilia com justa razão se julga a mais feliz das mulheres, e to-
dos os dias agradece a Deus a ventura que desfructa na posse de um
marido que a ama estremecidamente.

Arnaldo julga-se feliz por viver do amor de um anjo, que com os
seus affagos lhe entorna a felicidade n'alma.

Alberto abencôa os seus dois filhos e pede para elles o auxilio cons-
tante de Deus.

IV

São passados tres annos.

Lucilia vive feliz, tendo já um filhinho, loura e bella criança, que
faz os encantos do avô.

Amelia, a pobre Amelia, definha a olhos vistos; o desgosto, os sof-

frimentos, a tem abatido muito; quem a visse agora, desconhecê-a-hia por certo.

Arnaldo retempera as forças no trabalho; Guilherme, expellido da sociedade honesta, espera que o pai lhe morra para haver a herança dos seus bens.

Tinhão os genios differentes; tiverão desiguaes destinos na terra!

V

A moralidade do conto que acabou consiste no seguinte:

As moças não devem escolher os maridos pela fortuna que porventura tenham; antes de tudo devem indagar da nobresa dos seus sentimentos, do conceito em que a sociedade os tem, e só accital-os por maridos quando tenham a prova evidente e irrecusavel de que são verdadeiramente amadas.

Foi desgraçada a moça que deslumbrou-se ao brilho da fortuna apparente d'um negociante; a felicidade bafejou a outra que guiou-se pelas inspirações do coração.

Agosto de 1869.

Aurelio de Bittencourt.

—o-o-o—

RECORDAÇÕES

Era Setembro...

Lembras-te, Emma?...

As laranjeiras em flor espargião perfumes, os sabiás canoros dedilhavam amenos modilhos, as christalinas cascatas sorrião-se amenizando cantos, os colibris osculavão-se, as borboletas adejavão junto aos nevados jasmims e as auras no perpassar dizião — Setembro —...

Salve! tres vezes salve a primavera dos pampas de meu sul; salve! ella que dá echos ás serranias e vozes aos rouxinões da patria...

*
* *
*

Lembras-te, Emma?...

Na alfombra da esmeraldina veiga, nós reclinados fitavamos esse céu de chrysóes, essas nuvens alvinhentas como a graça do Uruguay, e essa tela do sublime, bello e grandioso — a natureza...

E nós sorriamos...

Emma, sorriamos... porque a infancia só tem sorrisos...

Escutavamos os garganteios dos gaturamos, o pepitar das rolas, os trinos amorosos das juritys...

Tudo era madrigaes de amores...

E nós, também, filhos da criação, sentiamos nascer um sentimento novo e affluir aos labios em borbotões...

Tinham-nos curvado á essa lei da criação... amar!

E nos amavamos...

Era um amor infantil, ingenuo, como o do cysne que banha-se no regato, puro como o da borboleta para as flores...

Assim era nosso amor...

Lembras-te, Emma?...

*
* *
*

Eu tinha treze annos... e as tuas doze primaveras não tinham desabrochado...

Eras uma flor em botão...

Lembras-te, Emma?...

Recorda-te, não olvida o passado...

Não queres?...

Eu t'ó peço... relê o livro de nossa infancia... e essas flores myrrhadas, essas flores sem vida, revive-as ao calor de teus beijos...

Tu podes...

Eu... não o posso mais; jovem romeiro, tropecei na romaria sem forças; lyrio da primavera, já curvo o hastil... as petalas murchão-se de dia em dia... e minha alma abatida vive envolta no sudario da soidão...

*
* *
*

Era uma noite festival, festival como são as noites de baile...

Tinha decorrido um anno...

Se Outubro não guardou em suas tradições essa noite... guar-
dei-a eu... tu estavas tão bella... eu tão ébrio, tão louco d'amor...
Lembras-te?...
Que olvido!...

* * *

A orchestra... era harmonias...
As flores... perfumes...
As mulheres... vida...
Lembras-te?...
Nas salas o borborinho das walsas... e entre esse mar revolto de
valsistas... alegria, enthusiasmo e mocidade... e se de vez em quando
o murmurio da floresta rumorejada pelas brisas da noite, o ruido de
uma catadupa que despenhava-se com fracasso, vinha quebrar as notas
da orchestra, a embriaguez da walsa era mais louca, o bulicio dos dan-
santes mais forte... a alegria redobrava, o enthusiasmo duplicava...
Que noite, Emma!...
Lembras-te?...
Sê generosa, diz-me ao menos uma só vez, que em teu coração ain-
da pulsa uma fibra pelo passado, em tua fronte reminiscencia pelo nos-
so amor de criança... em tua alma uma saudade pela infancia...
E para mim... o que pedirei?
Nada!...
Não te creio mais...

* * *

Conheces, Emma, aquella menina que tem as mãos entrelaçadas
nas de seu jovem companheiro? que troca com elle sorriso por sorriso,
caricia por caricia, blandicia por blandicia?...

Conheces?...
Fita-a bem...
Contempla suas formas airozas, cinzeladas em habil estatuaría; sua
côr moreno-italiana pede um pincel...
Ah! Raphael teria harmonisado esse primor da natureza, no bello
de seu moreno, com a ingenuidade que em seus traços transluzia...
Seus cabellos são de ébano azevichado, e revoltos em caracões bei-
jam a assettinada cutis...
Ser um d'aquelles caracões...
Louco desejo!...
Mas se eu podesse...
Seus labios de coral abrem-se graciosamente, mostrando a alva
dentadura de christal!...
Seus pézinhos de andaluza transparecem por entre a fimbria de
seu vestido branco...
Suas mãozinhas...
Conheces, agora?
Eras tu aos treze annos...

* * *

Escuta...
Ouve esse trocadilho de palavras... uma trança de teus cabellos...
Sim?...
Sim...

E tua voz era meiga, meiga como as cantilenas pastoris das filhas de nossos pampas...

Tuas palavras... harpejos de harpa éolia...

Cumpriste tua promessa?

Não, nunca...

Tinhas mentido...

Do perjuro, Emma, emanou o esquecimento...

Perjuraste tua promessa de criança, tudo olvidaste, e hoje, moça, tu lanças ao teu amor infantil o escarneio do desprezo...

Fazes bem...

Variar é viver...

Já o disse alguém, e eu o digo também...

* * *

Emma, estou só e penso em ti...

O que farás tu?...

Pensarás em mim?...

Perdoa-me, ainda sou muito credulo...

Crenças da infancia, que não morrerão de todo no coração do mancebo...

Se um dia, Emma, meu nome chegar junto a ti... foi levado pelos ecos, e se morreu a teus pés, culpa a brisa que ergueu as cortinas de teu santuario de virgem e o deixou cahir ahi.

Emma, se perdoar aos que errão é uma acção nobre, eu te perdoo, e em retribuição á tua indiferença, dou-te — amisade...

E ao teu esquecimento só direi:

Obrigado, Emma...

Adeus...

Julho de 1869.

Apelles Porto Alegre.

EPISTOLAS

I

Tu, alma de poeta, seio ardente
Que se enleva ante o bello, ante o sublime,
Como vais ao cerrilho teus cabellos
Sem pavor entregar? E no cilicio
Da batina envolver-te, como o morto
Nas dobras d'um sudario?

Tu, livre, pensador, como te arrojas
Ao Maelstron do infortunio?
Bem sabes que um apostolo de Christo
Se dobra ao Vaticano
Como authomato vil! Gregorio setimo
E o concilio de Trento em dia infausto
O tornarão em rocha.

E' sublime a missão do sacerdocio,
Mais sublime não ha, porém não hoje,
Em que, além da estamenha,
Ha a soidão, o tédio, a morte em vida,
E o desprezo das turbas!

O homem está sujeito ao erro, errão todos,
Porém a leve falta do levita,
Da creatura que a Deus somente serve,
Que seus dias e noites vota às preces,
Que os prazeres da vida eterno olvida,
O poviléo levanta-se,
Insultos e baldões lhe atira às faces.

Elle presta do templo ante os altares
Sagrados juramentos que não póde
Jamais cumpril-os, e se um dia os quebra,
Se um dia a mão da natureza os rompe,
Ante o Deus que o ouvira e ante o mundo,
Eil-o perdido, infame!

Se procura cumpril os, que martyrio!
Que angustias e que luctas! Mais ditoso
E' o verme na terra rastejando!
Pois a lei natural jamais repelle,
Nem á diva feitura sublimada
Não tenta eliminar sequer um orgão.
Infame o que mutila a natureza!
Infame a lei que o sacrilegio ordena!

Se procura cumpril-os, que martyrio!
Se vê um rosto lindo, uns olhos meigos
Que n'elle se fitarão, eil-o em lucta

Sobre o catre mesquinho!
Seus cilícios filtrão incendios d'alma,
Seus pulsos torcem-se em feroz delirio,
Sua tez queima em estuaste febre,
Todo elle treme, convulsêa o misero!
Que tambem coração possui o padre.

Lembrando que sósinho, sem familia,
Sobre o mundo vegeta, e que a donzella
Vista ha pouco, quem sabe lhe apontasse
A ventura da vida. Tão angelica
O animaria em improbos trabalhos,
Nas arduas excursões do sacerdocio...
Vel-a, sentil-a, desejal-a sempre...
O' que magoas! Que dores o conculcão!
Que desespero infrene lhe arfa o peito!
Como maldições despede em cada folego!
Como o punho cerrado desafia
O espectro que creára o celibato!

A razão lhe murmura que espedace
A cadêa de bronze que o macera,
Os élos atirando, além — no Tibre;
O coração o leva a dôces gosos
Lhe mostrando as delicias da lareira;
Porém um juramento o prende, o liga,
E o altar e a consciencia lh'o recordão.

O que ha de então fazer?

Desvaira o triste,
È a victoria ás paixões inconscio deixa!
E triumpha Satan!

Mais um apostata
A casa de Jesus recebe ao seio,
Mais um Iscariota conta o mundo!

Tu, primavera rosea que viceja
Sob o sol do Equador, tenra planta,
Que quer ar, rocio e brisas, cuja fronte
Ennastra da esperança as flores lindas,
Cujá arteria da vida a seiva ostenta,
E cujo olhar radia a luz d'amores,
Como queres deitar-te n'este equuleo,
Onde o viver é morte, e o pensamento
Duro agulhão que move a um cadaver?

Não, amigo, cadaver, frio, inerte,
Não o serás, affirmo, embora o queiras!
O que vale ostentar presença gelida,
Se o volcão ferverá no seio ardente?
Se o Pitina nos Andes entre gelos

Effervesce constante?
Não creio, é impossivel. Se da vida
O peso te incommoda, e na sotaina
Buscas prompto allivio a ditos males,

Se em seus abraços tem-te o desespero,
Escuta: que mais vale ser suicida
Na taça da peçonha, em fundos mares,
Que mais vale o punhal que sangra o peito
Que no burel, no claustro a morte lenta.
Antes corre da patria na defeza
E em imigos bastiões a gloria alcança.

O homem serve ao Senhor, lhe rende preitos,
E' dever com um pai que o filho adora,
Dever que se resumê em culto santo
E a natureza inteira dá-lhe sempre,
Mas não o sacerdote! Como amal-o?
Como dos céos fundir no augusto solio
Palavras doces e sinceras preces,
Elle a quem em horrifica masmorra
De infortunios e dores arrojarão
Em nome do Senhor?

Até no labio

Muitas vezes lhe passa atroz blasphemia!

E quando no mundo vejo as turbas
Cubrirem-n'o de insultos e improperios,
O lamento e perdão. Conheço as causas.
O mal está na regra que o dirige,
E não na natureza que o formára.

II

Dizes que o homem vence a natureza
E em orgulhoso tom a historia citas,
E entões de victoria um canto altivo.

Meu amigo, lamento essa cegueira
Que no animo te apaga a luz celeste.
No estabulo dos erros és ditoso,
Pois ris de meus futeis devaneios!
Dos absurdos a treva te inebria,
Esqueces a razão e a liberdade,
E o homem já confundes na materia!
A historia é o fecundo pensamento
Que segue do progresso a róta fulgida
Atravez dos espaços e dos tempos.

O homem, se doma a vaga que rebrama,
Se um freio põe aos ventos, se dirige
O rabido corisco, se da terra
Tira alimento e veste, crês que vence
E torce a lei divina n'este facto?
Engano! Elle prosegue na vereda
Que Deus indigitou-lhe ao — *fiat lux* —
O rio que decorre, o grão que gemma,
O passaro que vóa, o sol que brilha,
O corpo que p'ra a terra inclina e tomba,
O fogo que produz voraz incendio,
A natureza porventura esmagão?
No entanto são diversos da feitura
Que a creação domina! Uns sem idéas,
Outros sem um resquicio de vontade!

Em falsos argumentos não te escudes
Que tardo arrependimento vem-nos sempre,
Quando as cégas trilhamos.
Inda uma vez te digo:
Maldito o que mutila a natureza!
Maldita a lei que o sacrilegio ordena!

Dizes-me que o suicidio sancção
Que t'ò conselho mesmo! Longe d'isto
Vagou meu pensamento. Não me entendes!
O' temo por ti, temo que te percas
No dedalo de canones estereis,
De tão sáfara e fossil escholastica!
Relê o que escrevi, e então reflecte,
Reflecte como outr'ora, quando juntos
Passavamos a vida, meditando
Nos livros da sciencia e n'esse livro
Mais sabio que todos — a natura;
Então felizes sempre, irmãos vivemos
A' luz do sentimento e das idéas.
Que saudade hoje nutro d'esse tempo!
Se voltássemos a elle, quão diverso
Não fôras do presente, nem sollicito
Agora te escrevera!

Escuta, amigo,
Porque me dizes: "Não perturbes
"A paz de consciencia que demando,
"A vocação me arrasta, vou seguil-a?"
A vocação disseste?! Estás perdido!
Confundes o erro co'a verdade augusta!
E' vocação correr para os abysmos?
Cortar o corpo á disciplina crua,
Nos jejuns maceral-o eternamente?
Não, isso é que é suicidio, e um suicidio
Sem razão de existencia!

D'elle quero
Pressuroso afastar-te.
O anachoreta,
O padre sobre a terra inuteis vivem,
Só o seu braço concedendo a Roma.
Escravos da tiára, o mais odeião...
Sem familia e sem patria de que servem?
E sem Deus, porque d'elle até renegão
Quando a carne lhes falla com facundia!

Assim sem luz, sem berço — os grandes moveis
Do humano coração, tu bem conheces
Que dão á sociedade escarneo intenso
Roma sobre elles vela, Roma os manda.
Por tudo é um suplicio o sacerdocio.
Tua alma grande e nobre não transige
Com a verdade sacrosanta e pura,

Por isso assim m'exprimo, assim te fallo.
Não serás refractario a teu passado.
A' doutrina dos mestres, aos deveres
Que a lei civil impõe, de nós reclama.

De precipício foge, emquanto é tempo.
Não prosigas, senão... serás Lutherô,
Melanchton talvez, em lucta ousada,
Erguendo outra Smalkalde n'esses climas.

(Continúa.)

PARECER

SOBRE A THESE:

Os animaes têm alma? Essa alma é immortal?

Os materialistas, e entre elles Diderot e Helvecio, affirmão que não ha differença entre o homem e os animaes, senão de sua organização.

Esta asserção tão audaciosa quanto absurda não se apoia, porém, em nenhuma razão positiva.

Qual o ponto de contacto que estabelece a igualdade entre o homem e o animal?

Os animaes são dotados de suas forças distinctas; o instincto, e um certo gráo de intelligencia cuja faculdade, porém, não attinge a perfeição da intelligencia humana, pois que só é dado ao homem o poder de reflectir, com o qual pôde suspender as deliberações do entendimento, fazel-as proseguir ou retroceder, segundo o seu arbitrio.

Os animais têm memoria, entendimento e vontade, porém estas faculdades não operão n'elles livremente; são antes impellidos por uma força instinctiva, machinal, cega, como acontece em muitas acções dos homens em cujas operações não entra a reflexão.

O homem, pois, distingue-se consideravelmente dos animaes, não só pela perfeição dos órgãos dos sentidos, como pela supremacia de suas faculdades, e sobretudo pela reflexão, com a qual entra em conselho comsigo mesmo e modifica as operações da vontade, o que não acontece aos animaes, que obrão instinctivamente, segundo as leis de sua propria natureza ordenados pelo Supremo Creador de todas as cousas.

Onde está pois o ponto de contacto que marca ao animal o honroso lugar de igualdade na esphera da razão humana?

Os animais que pensão, que sentem, que lembrão e querem, têm manifestado com o exercicio d'estas faculdades alguns signaes de progresso intellectual? Reconhecem, porventura, como o homem, a existencia de um Ser Supremo?

De certo que não, porque, segundo a opinião de um philosopho, só é dado ao homem o poder de sentir que sente, de conhecer que conhece e de pensar que pensa.

E' verdade que o animal tem órgãos dos sentidos que oppõe em relação com o mundo exterior, do qual recebe impressões; porém, segundo a opinião de um outro philosopho, falta-lhe a alma para os reconhecer, o que não acontece ao homem que tem alma, que vê, sente, ouve e quer, com a qual aquilata essas impressões e sabe discernir o bem do mal.

Por mais que queira condescender com os apologistas d'essas doutrinas perniciosas que affirmão a existencia da alma racional nos animaes, doutrinas que mais nos impellem para a descrença da bemaventurança, do que para fortalecer a esperanza de que após esta vida, outra mais pacifica nos aguarda, não podemos acetal-as sem detrimento dos principios evangelicos da philosophia christã.

Como admittir que o animal tenha alma, se elle não foi formado do mesmo principio de que Deus tirou o homem?

A luz, o firmamento, os astros, animaes, sahirão do nada em virtude de uma só palavra de Deus — Faça-se, — e tudo se fez.

Deus, porém, não formou o homem em virtude de uma palavra de mando — Faça-se o homem, — não; Deus principiou a distinguil-o com uma palavra de conselho — Façamos o homem á nossa imagem, — o que dá a conhecer que a formação do homem foi de mais transcendencia que todas as obras da criação, pois que Deus principiou a honral-o, não só formando-o á sua imagem, como dotando-o com alma racional. Essa alma, porém, não foi tirada dos elementos.

Diz a Sagrada Escriptura: — Formou, pois, o Senhor Deus ao homem do limo da terra, e assoprou sobre seu rosto um assopro de vida, e recebeu o homem alma e vida.

Por consequencia, o Senhor formando o homem da materia, á sua imagem; querendo, além das fórmãs corporeas, distinguil-o ainda do resto dos animaes, honrou-o com alguma cousa de immaterial, cuja substancia infinita tirou de si mesmo, e a massa inerte do homem inspirado com o divino assopro, recebeu alma e vida. Logo o homem foi creado em virtude de dous principios: um material e o outro espirital. A parte corporea do homem é mortal porque foi tirada da materia, e a parte espirital é immortal, porque Deus não a tirou do limo da terra e sim de sua propria essencia, e a infundiu no corpo humano por meio do assopro divino.

Essa particula espirital que o homem recebeu do Creador, a que se póde dar o nome de alma racional, é que constitue o imperioso predominio que o homem exerce sobre todos os animaes terrestres.

Os animaes forão tirados de um principio todo material. Diz a Sagrada Escriptura: — Disse tambem Deus: Produza a terra animaes viventes, cada um seguindo a sua especie, e a terra os produziu já completos com movimento e vida.

Esta animação, vital, porém, não foi infundida nos animaes por meio de assopro divino, e sim tirado como o corpo dos elementos e por conseguinte nada tem de immaterial.

Não, os animaes não têm alma; a alma racional teve origem n'um principio eterno, e essa vida animal a que os materialistas chamão alma, não sahiu d'esse principio, e volverá indubitavelmente ao nada d'onde sahiu.

Se, pois, negamos a existencia da alma racional nos animaes, nada mais diremos de sua immortalidade, porque não ha argumentos para justificar o nada, nem póde ser immortal aquillo que não existe.

Porto Alegre, 1868.

Nicolau Vicente Pereira.

OS PALMARES

ROMANCE HISTORICO

POR

Appolinario Porto Alegre

(CONTINUAÇÃO)

PARTE I

CAPITULO I

Rajava o anno de 1869.

No espaço intermediario entre Porto Calvo e a serra da Barriga hoje na provincia de Alagôas, e na época a que nos reportamos, formando uma comarca da capitania de Pernambuco, d'entre basto arvoredo quasi em totalidade exotica, sobresahia severo e carrancudo o contorno de um edificio de vastas proporções na fórma, mas sem guardar eurithmia no complexo de suas partes.

Distava meia jornada pouco mais ou menos de Porto Calvo.

E' a fazenda de Pero Lopes, senhor de numerosa escravatura e de engenhos, d'onde annualmente desde que a invasão hollandesa desaparecêra, derramava a cornucopia de productos n'esta capitania, e inda sobre outras comarcas.

Não será inutil antes de proseguirmos n'esta historia uma vista sobre o estado do paiz.

Na occasião em que a encetamos, não por uma, mas por varias restaurações tem elle' passado. O dominio dos Paizes Baixos havia baqueado ante um heroismo a toda a prova, o ferreo mando da companhia de Jesus era suplantado em alguns lugares e aborrecido no espirito da grande colonia, e afinal começava a extremar-se a nacionalidade brasileira. Verdade é que os moveis de tão grandes e nobres sentimentos, nascião as mais das vezes do contraste de opiniões que requintavão e progredião na lucta apaixonada, fervorosa e em certos casos terrivel, porque o sangue golfava; comtudo não deixava de existir o embrião que annos depois faria surgir da chrysalida, factos supremos e de magna importancia para o Brasil e para a civilisação.

A eliminacão do poderio hollandez e a extincção da Companhia Geral do Commercio, forão a fonte de bens physicos e moraes que resaltarião mesmo emquanto o paiz se restabelecesse das innumeradas ulceras abertas no longo periodo de trinta annos que durou a guerra.

Vieira e Vidal, Camarão e Henrique Dias mostrarão no mais exclusivo desamparo de Portugal, vivendo e alimentando-se dos seus proprios, posto que comesinhos recursos, que, uma nação aggredida por outra soberana dos mares e senhora de exercitos formidaveis, pôde manter sua honra e integridade illesas, se o patriotismo e os grandes sentimentos de abnegação, em tão melindrosa emergencia, inspirão sómente a seus filhos.

Emquanto á companhia de Jesus, d'esses maldictos filhos de Loyola, já sem prestigio, rechaçados pela massa da população, pouca vida se lhe augurava, embora o manto dos pontifices sobre elles estendesse escandalosamente, embora em seu gremio houvessem vultos da tempera de Vieira. A corrupção no maior auge tressuava de seus conventos, a gangrena apoderava-se de todos os seus membros.

Em pouco tempo um dos maiores politicos modernos, o celebre ministro de D. José I, devia levantar-se como o raio que lasca a mancenilheira lethal, como o agricultor que monda a má herva. E' a seu apparecimento que os jesuitas vão tremer, tiritar de espanto.

Com o olhar de lynce com que seu genio de dimensões verdadeiramente athleticas devorava o futuro, e escudado na egide do passado, onde nos annaes dos outros povos bebera proficua experiencia, virá aniquilal-os e demonstrar que, se a religião na pureza de seu archetypico é uma lei necessaria para a moralidade do genero humano, não deixa de ser um veneno delecterio, quando mente a seus fins, e desvirtua sua realesa e brilho no conflicto de interesses temporaes e no jogo de paixões ignobeis.

Cada um, como elle, frisasse os actos na governança d'uma nação pelos convincentes corollarios da philosophia da historia, tirando d'elles uma norma invariavel, e quão feliz seria a humanidade!

Assim não veriamos governos ainda hoje postergando tão sãos principios e cingindo-se a anomalias e desregramentos que causão admiração!

Era então que a nacionalidade brasileira começava tambem a ter consciencia.

A larva informe e inerte já sentia alguns movimentos, a seiva de vitalidade começava a circular-lhe na arteria, um vislumbre de razão fulgia-lhe passageiramente no cerebro. Era um prenuncio de um grande acontecimento — a emancipação politica de um povo; era a promessa d'um esforço nas aspirações, d'um acto energico nos movimentos.

O colono portuguez gozava de immuniidades e regalias que não tinham os colonos natos no paiz, até o ponto d'estes serem excluidos dos diversos ramos da administração civil e militar.

Nem foi outra a causa primordial do ciume que já semeava a sizania entre uns e outros e mais tarde devia rebentar em sedição aberta entre Recife e Olinda, cada uma representando uma das parcialidades.

Além de taes considerações, outras muitas podião vir ampliar o perimetro deste capitulo; porém para não esquecel-as de todo, apenas as esfolaremos. Se por um lado a terra de Santa Cruz avançava nas veredas do progresso, por outras muitas causas concorrião para quasi neutralisal-o. Uma das mais salientes era o zelo estólido com que a côrte de Lisboa olhava o adiantamento e forças da grande colonia portugueza da America; por isso seu unico fito foi sempre enfraquecel-a.

Dominada por principios adversos á verdadeira politica, dividiu-a em Estados independentes uns dos outros, e em quasquer projectos que lhe erão relativos, mostrava tal volubilidade que só produzia disturbios e desperto de odios.

(Continua).

UM SONHO

I

E' uma linda noite...

A viração agita as arvores da floresta.

Depois de escuridão espessa, lá apparece a lua cheia e avermelhada como se fôra de sangue.

E mais e mais se alteia, a pouco e pouco mostrando seus esplendores.

O céu de anil agora, está bordado de estrellas. Venus ostenta-se garbosa a desafiar as suas iguaes.

Como é bello contemplar ás horas mortas os vastos campos da costa de Belém!

A relva é verde, mas branqueja ao orvalho da manhã; os montes que ficão perto cobrem-se de neblina.

E as arvores baloução-se, alastrando o chão de folhas.

II

Reina profundo silencio.

E' sobre a relva o meu leito; servem-me de travesseiro alguns ramos de umbú, e de coberta a vasta extensão dos céos.

De repente, quando descansava sob a egide de Morpheu, vi apparecer por traz de um outeiro uma luz. Pouco depois mostrou-se-me uma mulher, linda como um anjo, que caminhava em direcção ao lugar em que me achava.

A sua belleza fascinou-me; ergui-me ligeiro e fui ao seu encontro.

Era Marciria, a encantadora Marciria, que passeiava quando a madrugada se approximava.

De dia estivera ella em uma casa onde era eu hospede. Era domingo, dia religiosamente guardado pela gente da roça. Ella sentou-se á sala brincando ora com o seu alvo lenço pendento ao pescoço, ora com um raminho de flor que tinha entre as mãos.

Fui sentar-me á seu lado; disse-lhe que tambem queria gozar dos perfumes d'aquella flor, que fazião a sua delicia, e ella sem disfarce, sem mais demora respondeu-me: — **mas se o senhor não é meu noivo, como quer cheirar a flor?**

— Mas posso sê-lo. A menina é mimosa; tem a côr sympathica do jambo; tem longos e pretos os cabellos, labios da côr da rosa e dentes d'alvo marfim; as sobranceiras pretas e espessas, os olhos vivos e escuros. Tem a cinturinha delicada...

Quando ia para dar-lhe um abraço em prova do amor que estava começando a sentir, pedindo-me que lhe não fizesse cocegas, sahiu correndo para entre o laranjal.

Quiz seguil-a para fazer-lhe a declaração do meu amor; mas, tendo apenas posto o pé fóra da porta, vi que o velho pai andava de gancho em punho a colher laranjas.

Eu tinha uns amores muito castos; mas a declaração sem a presença do velho seria feita sem constrangimento, com melhor franqueza...

A' tarde pai e filha forão para casa, e eu segui-os de longe para

conhecer o local. Ao despedir-me da menina Marcira, olhei-a com tanta ternura, que ella sorriu.

Disse acima que fôra ao seu encontro no momento em que a reconheci.

Tive bastante coragem para fallar-lhe; aquelle sorriso da tarde parecia-me prova de que já lhe não era indifferente.

— Ah! bella Marciria, tão cedo é ainda, e já de pé!

— E o Sr. então que é da cidade e costuma erguer-se quando o sol vai alto? São 4 horas; vou levar os carneiros ao logar do pasto e volto para servir de leite ao pai quando acordar.

— Bella missão, minha menina, mas enfadonha devêras sem um companheiro... Quer a minha companhia? Eu sou muito bom e tinha tanto que lhe dizer...

— Não, eu ando sempre só. Se tem alguma coisa a dizer-me seja breve, que o dia não tarda a amanhecer...

— Mas se o que lhe tenho a dizer... pois não adivinha? Eu... eu... estou louco de paixão... pela senhora...

— Mas se ainda hontem me viu... O Sr. não diz a verdade; com a mesma pressa com que lhe veio essa paixão, póde extinguir-se e...

— Ah! não, eu hei de... eu amo-a muito... Iremos aos pés do altar para que Deus abençoe o nosso amor; levar-te-hei depois para a cidade, onde terás ricos vestidos de seda e velludo, de cambraia e moiré; terás rendas, bordados, fitas, franjas, gregas e mais miudezas para enfeitar-te; irás aos bailes, aos theatros, ás igrejas, aos passeios; dar-te-hei todos os gozos em troca do teu amor.

— Nada d'isso me serve... ainda se...

— Ainda se...

— Ainda se fosse para viver aqui... eu tenho tanto amor a meu pai e aos meus carneiros... Ai! adeus, Sr., o dia não tarda e tenho pressa... Logo nos veremos.

E quando quiz fallar-lhe, já tinha partido.

III

Marciria tomou a direcção da praia.

Eu tinha na algibeira um vidrinho de chloroformio, que me fôra pedido da cidade por uma velhinha, que n'esse dia o devia procurar.

Que idéa havia de apparecer-me ao espirito?

Ella ia perto da praia; ahi estava o navio que me devia trazer á cidade, carregando tijolos e telha d'uma olaria proxima; que pensamento sinistro, santo Deus!

Corri, voei, consegui alcançal-a antes que houvesse chegado.

A pobre menina recuou tremula e atterrada; reconhecendo-me, de joelhos implorou a minha clemencia; a chorar apontou-me a casa onde um velho honrado dormia, e pediu-me que o não matasse.

Segurei-a com força e fil-a aspirar o cheiro do liquido...

Vi-a desmaiar nos meus braços... era tão bella... que delicia infinda ter a gente reclinada nos braços, sem sentidos, sem forças para reagir, uma mimosa mulher!...

Corri á praia, levando-a ao collo; os carneiros gritavão com força á falta de sua dona e seguião-me.

— Olá do navio S. José! um bote que precisó embarcar.

— Quem?

— O unico passageiro de Pelotas para Porto Alegre que traz o hiate.

— Vou acordar o mestre, faça o favor de esperar, gritou-me um dos marujos.

Cada minuto de demora era para mim um supplicio.

Os carneiros tinham-me rodeado; já o dia se fazia anunciar pelo gorgoeio dos passaros na ramagem dos arvoredos; se alguém nos visse... Oh! mas eu fal-o-hia calar... imporia silencio com uma ameaça de morte.

— Oh do navio! tenho frio, estou a morrer, depressa com o bote!

De repente senti passos n'uma curta distancia.

— Alguem viu-me, alguem foi testemunha do rapto, e vem buscar Marciria. Mas eu não a entregarei, porque pertence-me. Na cidade dar-lhe-ei o meu nome... Mas os passos... sinto-os mais perto... Oh! do navio!... oh! do navio!

E no esforço de gritar ,acordei!

.....

Fôra tudo sonho!

Em vez de mulher, tinha nos braços um jornal, que ao deitar começára a ler. Em vez da praia, estava deitado no meu leito; em vez da costa de Belém, estava em Porto Alegre.

Tendo deixado accesa a vela, porque dormira quando lia, consumiu-se toda.

Tive pena; o sonho fôra tão agradável!...

Agosto de 1869.

Aurelio de Bittencourt.

A MISSA DO GALLO

(FRAGMENTOS DE UM LIVRO)

I.

O PEDIDO FOI ATTENDIDO.

A's cinco horas da manhã do dia 24 de Dezembro de 1861, a Sra. D. Angelina da Silveira dormia preguiçosamente o somno da madrugada, ao lado de seu marido, que recostado indolentemente n'um sofá, lia com pasmosa velocidade, inda que interrompido por algumas pitadas de simonte, as noticias commerciaes consignadas na correspondencia da corte.

A avidez com que o marido de Angelina percorria os olhos pelas columnas do *Mercantil*, deixava perceber claramente a dolorosa impressão que lhe causára a oscillação dos cambios, e por conseguinte o prejuizo imminente que o ameaçava em suas ultimas transacções, que, graças ao seu genio iniciador e especulativo, rariissimas vezes acarretavão funestas consequencias.

A' vista do que acima consignamos, fica comprehendido que Ambrozio da Silveira, que assim se chamava o marido de Angelina, era negociante de calculos palpitantes, de emoções mais ou menos agradaveis, com as quaes devassava largos horisontes na esphera dos interesses mercantis.

O tino e actividade de Ambrozio tinham lhe conquistado uma opulencia invejavel, e por conseguinte poderia ser considerado, se nos permittem a liberdade da qualificação: — negociante de grosso trato!

Deixemos, porém, o Sr. Ambrozio mergulhado em suas cogitações, mercantis, e analysemos o inquieto dormir de sua cara metade, que inda á primeira vista pareça nada offerecer de extraordinario, não deixa todavia de encerrar o quer que seja de mysterioso, que é mister desvendar aos olhos de meus circumspectos leitores.

A cada ruido da folha que seu marido, cedendo ao impulso de uma má impressão, desdobrava impetuosamente, Angelina estremecia, suspirava, mas continuava a dormir.

O negociante, posto que tivesse todas as suas idéas empregadas exclusivamente na correspondencia, ou absorvidas na inexgotavel mina de suas explorações commerciaes, não deixou todavia de observar aquelle estremecimento produzido talvez por alguma idéa extravagante, azedada pelo fel da venenosa prevaricação.

Ambrozio da Silveira, pouco dado como era, a perscrutar os phenomenos da psychologia, longe mesmo de levar a sua phisolophia ao ponto de investigar o segredo das paixões humanas, não suspeitou que o estremecimento de sua mulher fosse filho das agitações tempestuosas de um amor criminoso.

No entretanto Angelina continuava a estremecer, o que levou seu marido a encara-la em profunda contemplação, de cujo resultado foi attribuir aquelle movimento involuntario á necessidade physica de coçar a mordedura de alguma pulga impertinente, e por conseguinte proseguiu na leitura da corespondencia, que já ia approximando-se do ponto car-

dinal de seus desejos, que era a tabella dos preços correntes da praça do Rio de Janeiro.

O bom do negociante tinhaprehendido um carregamento de feijão para aquella cidade, de cuja remessa esperava colher um resultado satisfactorio.

A fortuna, porém, foi-lhe adversa d'esta vez, e a maldita correspondencia que elle anciosamente devorava, foi a mensageira d'esse desastroso acontecimento!

Quando Ambrozio deparou com a consideravel baixa de cincoenta por cento no preço do genero que exportára, deixou escapar um grito, que despertou totalmente a nossa formosissima heroina.

Ella, porém, que na physionomia do marido não descobriu a tempestuosa revolução que lhe devorava as entranhas d'alma, aventurou o seguinte pedido:

— Vamos hoje á missa do gallo, Ambrozio?

Escusado é dizer ao leitor a pungente impressão que aquelle intempestivo pedido produziu no interior do negociante.

Ambrozio da Silveira encarando sua mulher com aspecto atterrador, respondeu-lhe n'um tom, que nada recommendava os fóros que gosava de homem circumpecto e reflectido.

— Ora, Sra. Angelina...

O bom do velho faltou pela primeira vez ás regras da boa decencia, e nós, por um timbre de moralidade, não repetiremos aqui a palavra que lhe escapou dos labios, que, segundo a opinião de Victor Hugo, se tornára sublime pronunciada por Cambrone nos campos de Waterloo!

Ambrozio da Silveira, ainda que cigano em seus negocios, era todavia dotado de uma boa indole, e se uma ligeira tempestade o agitava em desespero, em breve o santelmo da bonança se manifestava na serenidade de seu rosto.

Como os espiritos fortes e os genios arrebatados são quasi sempre quebrantados pelas arditosas doçuras da mulher, Ambrozio teve de ceder ao impulso d'essa lei immutavel da natureza.

Após profunda reflexão sobre os motivos que occasionarão uma tal baixa de preço no feijão, concluiu que os lucros da penultima transacção cobrião os prejuizos da ultima, e por conseguinte o bom do velho, tomando um aspecto menos sorumbatico, adubou o sorriso que lhe pairava nos labios com o sorvo da decima quarta pitada.

Angelina que tinha tanto de formosa como de sagaz e astuta, não querendo espediçar a occasião em que o contentamento transluzia no rosto de seu consorte, aproveitou-se da situação como se diz em politica, para aventurar o segundo pedido.

— Mas então, meu velho, vamos á missa do gallo?

— Vamos, sim; porque não havemos de ir, minha velha? respondeu o negociante.

Ambrozio da Silveira conhecia que o tratamento de — **minha velha** — não era adequado á sua mulher, que estava ainda no verdor da mocidade, mas para não transgredir o uso admittido nas sociedades modernas, ia com a moda chamando-a sempre **sua velha**.

Angelina radiante de prazer e contentamento pelo triumpho obtido, levantou-se de subito e foi abraçar seu marido, que a recebeu nos braços com aquella fleugmatica pachorrice que o caracteriza.

Na nossa, como em todas as sociedades do mundo, ha uma certa classe de mulheres casadas, cuja perversão moral attinge a um tal ponto de aviltamento, que seria difficil até á propria intervenção divina operar a regeneração n'essas almas crestadas pelo calor da vaidade e do egoismo!

Estas mulheres, ou antes cancos venenosos, que vão contaminando com a podridão de seus costumes a sociedade decente, distinguem-se

quasi sempre das almas bem formadas, pelo desplante com que pretendem convencer o publico de que adorão seus maridos, affectando o desavergonhado ciume, que por elles manifestão publicamente.

Este apparente ciume tem dois fins a satisfazer: o primeiro é captar a benevolencia publica com aquellas demonstrações de apreço, e a segunda, é consolidar o imperio que exercem e a consideração que gosão nos corações dos desventurados maridos.

E ha alguns tão papalvos que após um d'estes ridiculos ensaios, exclamão:

— Como ella me ama! como sou venturoso!

Angelina não attingia ainda a esse requinte de depravação; mas se não era mestra jubilada, tinha-se matriculado n'essa escola e promettia grandes esperanças para o futuro.

Se o abraço com que Angelina remunerou a boa vontade com que o marido accedeu a seu pedido, foi uma especie de agua com assucar com que ella adoçou os labios do velhote, afim de mais tarde fazel-o tragar até ás fezes o lethal veneno, na taça do adulterio, é o que por emquanto não podemos dizer.

O que, porém, podemos affiançar, é que o pedido foi attendido.

Nicolau Vicente.

(Continúa.)

POESIAS

SONHANDO.

Eu via um quadro de celestes gosos,
De leve a aura balançava a flor;
Depois correndo nos vergeis viçosos,
Em brando adejo murmurava amor.

Rubra asomava matutina aurora,
Envolta em dobras d'um sendal d'anil;
Doirada nuvem percorria ess'hora
Um céu ignifero de amanhã gentil.

No val bramia perennal cascata,
De manso as aguas a rolar, veloz,
Cantor volátil desparzia á mata
Ternos gorgeios em sonora voz.

Um véo de rosas ondulava lindo,
Então n'um prisma de brilhante côr,
Eu via um mundo de prazer infindo...
Todo poesia — a me fallar d'amor...

Junto á floresta appareceu um anjo,
Por entre as flores n'um feliz vagar.
Era essa virgem porque a lyra tanjo,
Colhendo flores em gentil scismar.

Cobria as formas virginaes, mimosas,
Denso vestido de fulgente côr;
Longas madeixas a cahir ondosas
Sob uma c'rôa de nevado alvor.

Esse de graças feminil composto,
Que ao romper d'alva vagueava ali,
Nos labios tinha um sorriso posto,
Ai! era Dylia, que formosa vi!...

Ao meu chamado, que vibrou instante
Cobriu-lhe as faces infantil rubor;
Lançou em roda terno olhar d'amante
Dizendo: — és tu... é meu fiel cantor...

Em louco anseio comprimi-lhe o peito,
Que effluvios n'alma prelibava então;
Tendo de flores perfumado leito
Beijei insano a divinal visão!...

Mas logo o sopro da real verdade,
Rompeu meu sonho, qual um véo de pó;
Já vendo um mundo d'infernal vaidade,
Triste, abatido, despertei — mas só!

SEGREDO E AMOR

(RECITATIVO.)

Ha sonhos lindos aos desoito annos,
Fundos arcanos de febril queimor;
Que a nós, donzella, sobrevivdo a medo
Guardão **segredo** murmurando **amor**.

Diz-me, adivinhas se quem vês agora
Louco te adora com voraz paixão?
Tanto **segredo** meu **amor** 'esconde...
Diz-me, — responde — tu não sabes, não!...

Quando te olho, seductora e bella
Sonhas, donzella, n'esse olhar quem vê?
E' ao **segredo** d'este **amor** affeito
Morrendo o peito, sem que um ai só dê.

Como nas flores á occultar'-se essencias,
Ha existencias que ninguem sentiu;
Assim minh'alma no **segredo** immersa
De **amor** conversa com quem nunca 'ouviu.

E' que ha na terra perennes arcanos
Que nunca humanos saberão transpor;
Mysterios, duvida, e descrença e medo,
Longo **segredo** de infinito **amor**.

Quando te vejo me assomar tão linda,
Que paz infinda que se abriga em mim!...
E tu não sabes se o **segredo** illudo
Do **amor**, de tudo que se diz n'um sim!...

E' que nas cinzas encuberto o fogo
Não brilha logo, se o não vem soprar;
Tal em **segredo** minha mente opprime
O **amor** sublime que trahiui no olhar.

Se ora em ti penso, na fugaz vertigem,
Sabes, oh! virgem, de um praser veloz?
Sonho em **segredo** n'este **amor** tyranno,
Que ouço um piano, que t'escuto a voz.

Se de ti perto meu sorrir confrango,
Zombas, meu anjo, de me ver sorrir?
E' que em **segredo** d'este **amor** a imagem
Vem qual miragem, para mim fulgir.

E' que ha mysterios aos desoito annos,
Fundos arcanos de febril queimor...
Que eu sempre, oh! virgem, te adorando a medo
Guardo **segredo** — murmurando **amor**.

Agosto de 1869.

Francisco Antunes Ferreira da Luz.

EMENTARIO MENSAL

Foi quasi totalmente destituído de factos notaveis o mez que finda hoje.

Dois, no entanto, ha a mencionar, que interessão grandemente á humanidade.

O primeiro é a nova serie de victorias que o nosso valente exercito tem alcançado no Paraguay, o que nos faz crer no proximo termo da guerra.

Reunidos todos os elementos de acção, parece que é proposito do joven commandante em chefe perseguir o despota Solano Lopes até fazel-o deixar a terra que estragou.

O exercito que vivia contristado pela inacção a que o condemnára um fatalissimo engano, tomou as armas com enthusiasmo para recommear a lucta.

Peribebuy e Ascurra cahirão já em nosso poder, dizem-nos telegrammas do Desterro.

Os nossos soldados, animados pela presença do bravo Osorio, seguem na gloriosa marcha encetada. Que Deus os proteja e á causa por que se batem, e os restitua breve á terra natal, á familia.

Não ha impedir o livre curso á emancipação.

O grito dos esclavagistas morre sem echo no coração do povo!

Este, aquelle, todos, comprehendendo o degradante papel que o Brasil faz ante os outros Estados que ha muito banirão de seus dominios o elemento servil, se reúnem em associação para extirpar d'esta terra que se diz livre o cancro da escravidão domestica.

Hontem era o **Parthenon**, que adherindo á feliz idéa do seu digno presidente honorario, tratava de exhibir um espectáculo e applicar o producto á liberdade de algumas infelizes crianças do sexo feminino que nascerão escravas.

Hoje é o directorio liberal que, seguindo o exemplo aberto pelo **Parthenon** e a sociedade **Acacia** do Rio Grande, pretende installar no dia 7 do futuro mez uma sociedade que tenha por principal missão a liberdade de crianças.

O **Parthenon** trata com interesse de levar a effeito a sua idéa, e por felicidade tem encontrado o melhor acolhimento por parte da generosa população d'esta cidade.

A sociedade **Libertadora** nomeou commissões para aquisição de socios, e submetteu á approvação do governo os respectivos estatutos.

De toda a parte nos chegão noticias, que dizem bem alto, que em breves annos a extincção do elemento servil será um facto consumado.

Aqui é um proprietario que declara livre o ventre das escravas que possue.

Acolá outro liberta onze escravos de maior idade.

Além é uma associação libertadora que se installa, remindo da escravidão a 7 criancinhas.

Mais além são alguns moços, estudantes, que applicão á liberdade de 3 crianças as quantias que em annos anteriores empregavão em festejos banaes.

E outros e outros factos d'esta natureza que os leitores tem visto registrados na imprensa diaria.

Abençoada propaganda!

Que o desanimo não chegue, que a este movimento ardente e grandioso não succeda a apathia e o receio, para que breve possamos dizer orgulhosos e satisfeitos: — a escravidão domestica desapareceu do mundo inteiro. O Brasil já não é uma triste excepção dos Estados que derribarão a arvore maldita.

O limitado circulo reservado ao Ementario obriga-me a esquecer o theatro.

Contento-me em louvar o procedimento que teve Julieta Argeline dando hoje liberdade a uma criancinha.

Tenho sempre palavras de elogio para aquelles, não importa a condição, que amão a idéa da liberdade e por ella são capazes de sacrificio.

Nenhuma novidade de maior monta se dá pelo mundo litterario.

Por mais que procurasse, nada foi possível saber.

As folhas da côrte só tratão de politica ou da Ristori.

A grande tragica tem feito as delicias do povo fluminense, que a obriga á repetição por vezes de cada peça de seu repertorio.

E deve ter razão.

Quem pôde deixar de mesmo de longe, admirar o genio sublime da mulher que, em tres noites personifica com geraes applausos o amor lascivo da corteza sem pejo; o ciume violento da esposa trahida, e depois a ingenuidade de uma menina, de pésinho á mostra, a servir á mesa ou a engommar, em quanto lhe protestão amor?

As ovações á Ristori contão-se pelas representações.

Os italianos, com especialidade, tem-lhe dado as mais significativas provas de apreço.

A eminente artista ficava a partir para o Rio da Prata, onde os seus compatriotas preparão-lhe uma esplendida recepção.

Pena é que só possamos applaudil-a pelo juizo autorisado da imprensa da côrte.

Pinheiro Chagas!

Eis ahi um nome que não nos é desconhecido.

Lembrão-se os leitores do autor de uma lenda historica que ha dois annos publicou o *Jornal do Commercio*?

Lembrão-se ainda do distincto autor de um escripto que fez furor em toda a parte em que foi lido, e que deu sérias dores de cabeça á execranda Isabel a catholica, — a noite de S. João em Aranjuez?

Pois bem; Pinheiro Chagas, profundo litterato portuguez, notavel pelos seus deliciosos romances, acaba de publicar um livro, contendo a biographia dos portuguezes celebres que mais lustre derão á sua patria pelas virtudes, pelas letras, pelas artes ou pelas armas, de Viriato a Garrett.

Comprehende-se a grandeza do serviço prestado ás letras portuguezas; sahir da linguagem faceira das lendas e romances para o estylo grave e sentencioso da historia vale muito, porque no ultimo caso mór lucro tem a nação.

O Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello publicou ultimamente na côrte n'um pequeno volume a biografia do heroico Andrade Neves.

Os leitores conhecem a obra pela transcrição que fez a **Reforma**.

Para um tão grande heróe, tal biographo.

Se consigno o apparecimento do novo livro, é para louvar o jovem historiador, nosso consocio, que tão bons serviços tem prestado á litteratura.

Quando publicou-se na côrte a **Bibliotheca Brasileira**, deu elle á luz os seus **Esboços biographicos**, onde historiava a vida dos vultos grandiosos d'este paiz pela epocha da nossa emancipação politica.

De volta d'esta provincia, que presidiu por mais de um anno, publicou a continuação dos seus esboços, tendo d'aqui levado uma grande copia de documentos, que lhe forão facilitados pelos seus amigos e pelos archivados publicos.

N'uma viagem que fez ao Paraguay completou os dados sobre a vida do desditoso Andrade Neves, e pagou um justo tributo á memoria do valente general na publicação da sua biographia.

O livro foi offerecido á provincia do Rio Grande.

Nem só esse foi o resultado colhido do seu passeio á terra inimiga.

Em cartas que o Dr. Homem de Mello escreve á seu irmão, e que a **Reforma** da côrte publica, ha muita preciosidade sobre a natureza do Paraguay, descripção do terreno etc.

Felicito de coração o **Parthenon** por contar no numero de seus associados ao distincto escriptor.

Alguns jovens residentes na côrte tiverão a feliz idéa de reunir n'um volume de 112 paginas diversos escriptos em prosa e verso, publicados já em jornaes.

E' um bom serviço prestado ás letras, e oxalá que todos tratassem de seguir esse exemplo.

N'esta provincia quanta belleza em poesia se tem perdido nas columnas dos jornaes que quasi ninguem guarda!

No entanto conviria procural-as e reunil-as em volumes. Um pouco de trabalho, e isso bastaria para alcançar-se um grande resultado.

Sabemos que alguem houve n'esta cidade que tivesse a idéa de colleccionar todos os cantos dos nossos inspirados poetas; porque desanimou esse jovem e intelligente escriptor?

Vai muito desenxaibido o presente Ementario. Culpa é da falta de talentos de quem o escreve e tambem da monotonia com que passarão-se os dias d'este tão temido mez.

E' adagio popular: — **Quem diz Agosto diz desgosto.** —

Será talvez por isto que fecho o Ementario com a noticia da morte do bravo general rio-grandense João Manoel Menna Barreto.

Cahiu á 12 no campo de batalha, varado por duas balas inimigas.

Parece que um mau fado persegue a esta briosa provincia; cada combate que se fere no Paraguay rouba-lhe um filho distincto e de alta patente militar.

João Manoel, companheiro de Osorio e Andrade Neves, não lhes era inferior no valor com que se atirava ao inimigo, conquistando para a patria novas e brilhantes glorias, e para si a fama de destemido guerreiro.

O Rio Grande prantêa a morte do heroico soldado, que pelo valor de que deu provas em frente dos paraguayos e em arriscadas expedições, mereceu dos escriptores do Rio da Prata o appellido de — **Anibal rio-grandense**.

E disse.

31 de Agosto de 1869.

Aurelio de Bittencourt.

POESIAS

NAO SCISMES

I

Que sonhos fictícios são esses que envolvem,
tua alma encoberta por candido véo?
são gratos enlevos, ó tímida virgem,
que gozão, que sentem os anjos no céu?

Será por saudades, por crença ou esp'rança
que scismas tão triste, que pensas assim?
Ou são os arroubos dos sylphos que fallão,
que fallão voando nos ares sem fim?

Serão as lembranças da infancia querida,
que assim tão dormente te fazem scismar?
ou é que no peito, já preso de amores,
desbrochão as flores com teu meditar?

—o-O-o—

Não scismas mais, linda virgem,
oh! não medites mais, não;
já me chora o coração
por te ver assim penar.
Tem fé no amor, feiticeira,
deixa tu'alma sorrir,
não queiras a Deus mentir
tentando ao peito enganar.

És virgem, formosa e casta,
és innocente e criança;
e se tens n'alma a esperança,
porque a fazes soffrer?
Não scismes mais, ó donzella,
não entristeças assim.
Ergue a fronte, cherubim,
que o scismar faz padecer.

Ergue a fronte, linda pomba,
esquece a dor, esse enleio;
deixa o sorriso em teu seio
acalmar os soffrimentos:
O' não sejas tão calada
n'um retiro, suspirosa,
como a rolinha queixosa
que á veiga solta lamentos!

Esquece a dor, virgemsinha,
ergue essa fronte singela,
que és a mais linda estrella
em céu sereno a brilhar;
Ah! não queiras ver tão cedo

teu coração innocente
viver triste e descontente
n'esse fundo meditar!

II

Casto enlevo que um peito de criança
alimenta na fé mais pura e viva,
doce illusão que n'alma da donzella
entre visões de amor ergue-se altiva!

Nasce do sonho. E a mente vaporosa
que um ideal formou em mundo vago,
se julga que respira só perfumes
vai sorvendo a cicuta trago a trago.

Meditação!... Sonhar amargo e doce
que as trevas occultar em vão deseja;
rosa galante que o espinho acata
e mata o colibri que em torno adeja.

Lago profundo onde a lua argentea
banha-se núa prateando as aguas;
é manso e bello, mas no leito fundo
guarda-se o lôdo que prediz as magoas.

Orla de fumo em aspiral formato
que pouco a pouco se toldou nos ares,
globo de gelo que tornou-se liquido,
e jaz perdido na extensão dos mares.

Oh! não acordes, ou não durmas nunca
entregue ao goso de illusões tão bellas!
são puras nevoas que esvaecem logo,
e a vida pôde esvaecer com ellas.

— o-O-o —

Sim; que o scismar é um tormento d'alma
nectar envolto de lethal cicuta,
é veneno cruel!...

E ai d'aquelle que, perdida a calma,
em vão tentando não cahir na luta,
suga-lhe o fel.

Vem o delirio atormentar-lhe ao leito,
atroz martyrio de um punhal que offende,
e a fé perdida!
suffoca a angustia o coração no peito,
contorce irado, mais a dôr se estende,
foge-lhe a vida!

Criança loira que lá corre anciosa,
atrás da branca borboleta erguida
sobre a flôr;
e n'essa louca embriaguez que gosa,
não sente o cardo que lhe rouba a vida,
não sente a dôr!

A CUNHA VASCO

Eu li teus versos, inspirado moço,
E attonito fiquei sentindo o genio
Que te refere n'essa fronte augusta,
Meu nome celebrar em aureo metro;
N'esse que apenas só é dado a poucos
Com graça modular na lusa phrase.

A aguia soberba que no céu da gloria,
O sol abrasador fita sem medo:
As longas azas retrahiu, baixou-se,
E quiz depois arrebatat comsigo,
A timida avesinha que abrigada,
A' sombra da indifferença não conhece,
Outro horisonte que não seja aquelle,
Onde medrosa e pipilando ensaia
Os rastejantes vôos.

Na cruel solidão de affectos meigos,
Em que tu, meu poeta, vês passarem,
Da mocidade os teus mais bellos dias:
Nunca se te inundou de pranto a face,
Ao ver por noute calma a lua em ondas,
Espargir um clarão que nos fascina,
Nos leva ao mundo de acordados sonhos?
Talvez, buscando, d'esse pranto a origem,
Trouxesses á memoria a leda infancia,
O conforto do lar e os mil affagos,
Que em pequenino os teus irmãos te derão.
— Delicias que só podem ser julgadas
Ai, por quem como nós vaga no exilio! —
Depois, fitando o teu olhar saudoso
No azul do mar ou na campina verde,
Sentisses n'alma aquella dor immensa,
Que inda nome não tem na lingua humana:
Ser moço, e sem amar, morrer d'amores! —
Como tu, meu poeta, eu sinto na alma:
Medonha solidão, escura noute!
Como os teus dias, os meus dias correm,
Sem que d'um brando affecto os doces laços,
Me prendão com amor ao mundo e á vida!
Ai quantas vezes no silencio triste,
Das noutes desvelladas, eu pergunto,
A mim, a Deus, á minha sombra, a tudo:
Que vale ter no peito um cofre aberto
As brandas sensações, e vel-o apenas
No seio enthesourar negra saudade!...
Então n'esses instantes melancolicos,
A musa da tristeza, a minha fada,
Vem debruçar a loura cabecinha
Sobre meus hombros, e cicia os cantos,
Que a ti, com timidez com susto ás vezes,
Em busca da lição, eu hei mostrado.
Mas é debalde, que o segredo magico
Não se transmite! esse condão do genio,

Recebem-n'os de Deus os seus eleitos,
E quando a pedra tumular os cobre,
Rasga a materia a emanção divina,
Vai para Deus, deixando á terra um nome.
Assombro ás gerações, ao mundo assombro!

Quando nos versos teus fito meus olhos,
E unidas vejo com tão raro acerto:
Fórma severa, idéa peregrina,
E tudo a respirar um sentimento
Tão cheio de purissima candura;
Ai, crê minh'alma no seu grato arroubo,
Que alli no teu cantar palpita a queixa,
De criança chorosa a quem roubarão,
O enlevo de seus olhos, o seu brinco.
Tanto mimo e ternura o canto encerra!
Então... não sei... mas um presagio negro,
Medonho, horrendo, me esvoaça em torno,
Da douda fantasia á dor propensa!
Receio, ouvindo-te, oh meu branco cysne,
Que a morte impiedosa, venha e exclame:
— Na terra quem a voz d'anjos imita,
Não é da terra, a seus irmãos pertence! —

Eu sei que o meu temor é como as aves,
Pairando ao longe sobre o nada firmes;
São extremos talvez do muito affecto,
Que ao mancebo tambem prende a minh'alma;
Mas quem viu com saudade abrir-se um tumulto,
E n'elle ir-se esconder na flor dos annos,
O mimoso cantor das **Primaveras**:
Tambem por ti deve temer, oh bardo!
Sempre foi esta do talento a sina!
Começa a gloria a entretecer grinaldas,
E a morte inclina-se a plantar cyprestes!
E tu que de repente — ave sublime —
Os echos da floresta assim acordas,
Com taes preludios que emmudecem cantos;
Sim, tu, cujo talento irrompe fervido
D'esse teu craneo, como irrompe a lava
Do seio de um volcão; diz me: é loucura,
Dar o meu coração lugar ao medo,
E na mente abrigar tristes presagios
Se tudo em ti já denuncia um genio?...

Esquiva-te, porém, á voz do susto,
Que a lei fatal aos labios meus impede.
E' bella a vida, e tu és moço; oh canta,
Que eu vendo-te, qual és, criança ainda,
Um colosso futuro em ti prevejo!

1869, Setembro 15.

Gonçalves Junior.

CHERUBIM DE AMORES

(RECITATIVO)

A'.....

Era de noite... dos ipés á sombra,
Na verde alfombra te beijava terno;
E no teu rosto de brilhante alvura
Quanta doçura de um amor superno!...

Eramos juntos!... Desmaiava a lua
Na fronte tua de mortal pallor;
Convulsa, tremula, empallidecias
Porque temias meu febril amor.

Tu me fallavas, temerosa, meiga,
Como na veiga a jurity que chora;
Casado o pranto ao estalar dos beijos,
Loucos desejos de quem muito adora!

Tu me sorrias n'um sorrir d'archanjo,
Eras meu anjo, meu amor, meu Deus;
Louco, perdido, me entreguei contente
E docemente aos mil affagos teus.

Ebrio d'amores duvidei da vida,
Julguei mentida tão ditosa scena,
Julguei sonhar em um febril delirio
Doce martyrio que o penar serena.

Eramos sós e dos ipés á sombra,
Na molle alfombra te fallava a medo;
A viração louca soltava queixas,
Tristes endeixas em subtil segredo.

Em meu regaço adormecestes bella,
Sublime tela de innocente amor;
Cerraste os olhos á um beijo meu,
No rosto teu de sepulchral pallor.

Oh n'esse beijo quanto amor bebi,
Quanto sorvi de tua alma virgem
Nem mesmo sei, pois julguei sonhar
Ou delirar em divinal vertigem.

Era bem tarde! gemedora a brisa
De leve alisa dos vergeis as flores;
E d'entre os ramos dos ipés transluz
Serena luz em cherubim d'amores.

Julho de 1869.

Achylles Porto Alegre.

A MISSA DO GALLO

(Fragmentos d'um livro.)

(CONTINUAÇÃO)

II.

DESARRANJOS CONJUGAES

Ambrozio da Silveira tinha descido para a loja de negocios, deixando sua mulher no toucador lutando com uma alluviação de idéas extravagantes, que lhe tumultuavão no cerebro.

Que a sumptuosidade do luxo, e a praga das modas, que continuamente importamos do estrangeiro, são os principais motores da corrupção dos costumes sociaes, é para nós um problema resolvido.

Quasi podemos affirmar que a demasiada prodigalidade com que Ambrozio satisfazia as exigencias de sua cara metade, concorrerão para os derrancamentos de sua alma!

Na existencia social da mulher, por indole — vaidosa, — ha sempre um vacuo, um anelo a satisfazer.

A sede insaciavel dos desejos multiplica-se á medida com que se vai satisfazendo, e ai do desventurado marido que leva a sua complacencia a tolerar a realisação do ultimo, que a queda da mulher é inevitavel.

Angelina habituada a ver todos os seus caprichos satisfeitos, encontrou-se um dia ao espelho e disse — Sou bonita, moça e rica! meu marido não se poupa em colocar-me pelo esplendor do luxo acima de minhas companheiras; porque não hei de tambem ter um amante?

Este desejo de possuir um amante não se manifestaria em Angelina, se o desventurado marido, em lugar de pianos, brilhantes e sedas, lhe dêsse agulha e linhas afim de entreter-lhe o espirito nos amanhos domesticos.

Em frente á casa do Sr. Ambrozio morava um moço chamado Eduardo.

Os attractivos d'este personagem tinham chamado mais de uma vez a attenção de Angelina.

As inclinações pronunciarão se mutuamente aos reflexos vagos da poetica luz crepuscular, que seja dito de passagem, a Sra. Angelina tinha o seu quê de poesia!

Os aventureados vizinhos passarão rapidamente das formalidades de um cumprimento glacial, aos olhares significativos, e logo em seguida aos poeticos devaneios de uma correspondencia epistolar.

Angelina dominada pela idéa da prevaricação tinha dado o primeiro passo na senda do crime.

Cumpre-nos fazer aqui uma observação, que longe de isentar Angelina do crime do adulterio, não deixa contudo de attenuar-lhe a culpabilidade.

Ambrozio da Silveira, posto recommendar-se pela robustez de um physico agradável, tinha gasto o vigor da mocidade nos desenfreamentos de uma vida desregrada. Alquebrado pela velhice e pelo abuso dos praseres que o privarão do exercicio de suas funcções, não foi sem grande descontentamento que o bom do velho se viu prohibido de perpetuar pelo matrimonio a illustre próle dos Ambrozios Silveiras.

A' vista d'esta circumstancia, aliás pouco lisonjeira para um cabeça de casal, a joven e bella Angelina procurou no exterior um ambiente mais perfumado e vigoroso, que o que respirava na athmosphera abafadiça do lar domestico.

Este acontecimento monstruoso sirva do mais solemne protesto contra o matrimonio contraído entre um velho decrepito com uma moça cheia de vigorosa vitalidade!

Angelina tinha dansado com Eduardo no ultimo baile da soirée, onde combinarão uma entrevista amorosa, que deveria ter logar na occasião da missa do gallo.

Com as idéas embebedas exclusivamente nas delicias de um praser futuro, Angelina não pudera dormir tranquilla, como o demonstramos no capitulo antecedente.

.....

A hora fatal da entrevista approxima-se.

Veremos agora se os dois amantes forão felizes n'essa criminoso aventura.

III.

.....

O JURAMENTO E O ADULTERIO

O sol ardente do dia 24 de Dezembro de 1861, que tinha raiado esplendido, declinára no ocidente encoberto por um espesso véo de nuvens pardacentas.

O vento sul principiava a soprar forte, e de quando em quando a luz momentanea do relampago atravessava o espaço.

Não obstante a revolução dos elementos presagiar uma noite tenebrosa e ameaçadora, as familias cruzavão as ruas d'esta cidade em demanda dos vapores, que do trapiche da alfandega partirão para a localidade do Menino Deus, onde o povo convergia a saudar o nascimento do Redemptor do mundo!

A's 11 horas da noite, porém, já reinava o silencio.

Apenas algumas familias mais devotas atravessavão a praça com o fim de assistirem á missa do gallo.

O vento que soprava com violencia tinha apagado a maior parte da illuminação publica.

A noite continuava borrascosa e ameaçadora.

Nenhuma só estrella rasgava aquella uniforme escuridão do firmamento!

Apenas alguns raios de luz coados pelas janellas do templo reverberavão nos edificios fronteiros.

E todavia a igreja apinhava-se de gente!

Uma boa parte da nossa luzida sociedade alli se achava ajoelhada e constricta ante a imagem de Deus e do gracioso encanto do berço de Bethlem!

Perto do altar-mór permanecia de joelhos um vulto de mulher.

Com os olhos fixos nas orações do Evangelho, parecia que a irradiação do amor divino inundava a alma de suavidade e luz!

De repente um movimento geral se manifestou na multidão dos crentes, que tomavam unânimes uma attitude respeitosa.

Era a imagem veneranda do sacerdote, que approximando-se do altar, ia principiar o sacrificio da missa.

O vulto da mulher de que acima fallamos, não querendo espediar aquelle momento de agitação, evadiu-se furtivamente pela porta da sacristia, sem que fosse presentida.

Alguns minutos depois aquelle mysterioso vulto permanecia atraz da igreja calado e quedo, como a estatua do silencio!

A luz de um relampago illuminou o rosto d'essa mulher, em cujas feições se distinguirão todos os traços physionomicos de Angelina da Silveira!

Aquelle clarão electrico illuminando rapidamente o velho cemiterio, que a mão civilisadora de nossa diocese transformára em seminario episcopal, desenhou aos olhos de Angelina uma alluviação de visões phantasticas que a fizeram estremecer de pavor!

Angelina, inda que tomada de susto e terror, esperava resoluta o seu querido Eduardo.

Elle, porém, não se fez esperar. Surgindo d'uma especie de baraca onde se tinha occultado, correu a abraçar sua extremosa amante.

— E's tu, Angelina?! meu anjo, quanto sou feliz em abraçar-te!

— Eduardo, não sabes a quanto me exponho por tua causa! Estou assustadissima! muito póde o amor no coração da mulher que te adora!

— Angelina, eu sei avaliar, pelo perigo a que te expozeste, a extensão do amor que me consagras, e permitta o céo que nos affagos de meu peito, encontres a recompensa de teus sacrificios.

— Ah! Eduardo, este momento de suprema felicidade pago com a vida, não era caro!

— Eu te agradeço, meu amor; mas diz, como foi que podeste vir aqui?

— Muito bem, Eduardo; como' sabes, o meu marido para fugir aos apertos da igreja, fica sempre no adro á espera que acabem as solemnidades religiosas.

— Compreendo, Angelina; não temos tempo a perder; dá-me um beijo, disse Eduardo, agarrando-a violentamente pelos pulsos.

— Eduardo, não abuses de minha fraqueza; não exijas de mim mais que os protestos de um sentimento affectuoso! disse Angelina, cedendo comtudo aos impulsos do arrebatado amante.

Após alguns momentos de lucta silenciosa, Eduardo proseguiu:

— Não te esquives, Angelina, dá-me um beijo, um só.

— Não, Eduardo, ainda não... sim... eu não queria cahir no teu desagrado, mas... não... receio... receio muito que a tua leviandade de moço me comprometta, que vás divulgar o segredo de nosso amor.

— Eu te juro, Angelina, pelas cinzas de minha mãe! este segredo irá commigo ao tumulo!

— Mas se uma circumstancia qualquer nos descobrir aos olhos da sociedade?

— Que importão os preconceitos sociaes quando a voz da natureza brada tão alto? Despe esses temores e deixa que eu comprima d'encontro ao meu o teu collo voluptuoso.

Um beijo ardente estalou nos labios de Angelina, que tremula e vacillante, n'um deliquio amoroso, se deixára cahir nos braços do mancebo.

E depois?

O que se passou n'essa hora
E' segredo... não direi!
Foi um sorriso d'aurora
Um delirio... nem eu sei!
Foi um balsamo celeste
Que tu ingrata lhe dèste
De teus labios a sorver!
Foi d'amor terno gemido
Do seio d'ambos fugido
Que vos fez enlouquecer!

Após longo silencio, ouviu-se um tumultuar ruidoso.

Erão os fieis que deixavão o templo do Senhor.

Angelina apertando subitamente a mão de seu amante disse: —
Guardas segredo, Eduardo?

— Juro, respondeu elle.

— Pelo que ha mais sagrado? tornou Angelina.

— Pelas cinzas de minha mãe!

— Basta, Eduardo, adeus.

A imagem encantadora de Angelina desapareceu aos olhos de
Eduardo como a visão phantastica d'um sonho vaporoso!

EPILOGO.

São duas horas. Eduardo dorme a somno solto, sonhando com as
aventuras d'essa noite.

Angelina da Silveira, depois de fazer d'um acto religioso instru-
mento de suas devassidões, disputa em alta voz com seu marido por
ter ficado no adro da igreja.

Ha tantas mulheres assim!

Nicolau Vicente.

A LIBERTAÇÃO DAS CRIANÇAS

Não devia passar despercebido para a capital do Rio Grande o dia da patria, o anniversario da nossa emancipação politica.

A cidade festejou-o dignamente, e á sua frente o **Parthenon Literario** tornou-se o arauto da idéa liberal que devia remir o captivo innocente em commemoração da liberdade politica que havíamos conquistado no dia 7 de Setembro.

A situação é gelida, fria como os paramos do norte da montanhosa Dalecarlia, escura como os seus breves dias de inverno; passaria na monotona expressão do cortejo, de algum viva mal correspondido, e na pallidez de descoradas luminarias postas como em sarcasmo nas janellas de edificios fechados onde funcção as repartições publicas. Passaria taciturna, como vão passando os echos dos gemidos d'outr'ora do servo da gleba ante os ferreos portões do castello russo.

Não o consentirão, porém, os sentimentos patrióticos que nos animão. Lembrão-nos ainda as fervorosas ovações, os hymnos ardentes que levantavão no dia da independencia á patria que quebrára os ferros, e o odio que votavamos ao despotismo que viramos medonho descer aniquilado para os antros escuros d'onde não devia ter sahido.

E estas reminiscencias patrióticas, estas tradições do entusiasmo popular, disserão-nos que tomássemos a iniciativa na festa da liberdade; não hesitamos, quando nos lembramos que o **Parthenon**, esse ninho da mocidade porto-alegrense, digna sempre no prelo das idéas, já nos havia considerado, e que nos podia entender no caminho em que queríamos ir.

Formulamos a idéa, esboçamos o programma. O **Parthenon** aceitou-os, fez mais do que tínhamos imaginado.

A festa, a commemoração do dia nacional devia ser feita, dando-se a liberdade aos innocentes, ás crianças que podessemos haver do **berço escravo**.

O **Parthenon** fez correr uma subscripção entre a população, e tudo dispóz para exhibir um espectáculo de gala em honra do 7 de Setembro, cujo producto integral seria destinado á manumissão.

Era fervido o entusiasmo da mocidade, os liberaes concorrerão, um apoiado bem pronunciado partiu do seio do directorio liberal, o nobre e elevado coração do Exm. Sr. conselheiro conde de Porto Alegre não ficou estranho á idéa, adiantou-se na arena e traçou um pensamento digno do generoso povo rio-grandense, creando a **Sociedade Libertadora dos escravos**, cujos estatutos acabão de ser approvados.

Os escravagistas estremecerão, alguns senhores mal intencionados especularão; bagagem dos partidos, essa turma que está sempre á mercê do poder, riu-se com estupido desdem, e a situação presentiu um golpe certo que lhe dirigiamos.

D'ahi os obices, as difficuldades com que o **Parthenon** teve de lutar e que retardarão a festa santa da liberdade até o dia 19.

Mas, emfim, chegou o momento. O **Parthenon**, radiante em seu triumpho, ia desfechar um tremendo golpe nos prejuizos e falsas idéas de muitas gerações que forão nas passadas idades. Era a **abolição da escravidão domestica** no seu mais esplendido apparato. Artigos de jor-

nal, uma longa e bem dirigida propaganda não valem o mundo de idéas, de grandiosos pensamentos que alli não resumir-se.

O theatro estava litteralmente cheio, não havia um lugar vago em todo o salão, nem nos camarotes. A anciedade, e a expectativa publica era imponente.

Levantou-se o panno: era o **Elogio Dramatico** que havíamos esboçado, e cujos versos deramos á composição dos jovens e ardentes poetas da nossa cidade, que ia ser recitado. Os compositores tinham comprehendido o pensamento e tornado-o sympathico.

A **Liberdade** visitando as plagas brasileiras encontra o **Brasil**, tão varonil antes, languido e triste; anima-o, e reparando para o fundo da floresta, vê o **Escravo** lugubrememente cantando, coberto de andrajos e cicatrizes recentes, entregue á lida diurna. Comprehende a sorte do Brasil e invoca o auxilio do céu; desce então um **anjo mensageiro**, prediz a **abolição gradual** e entrega o **Escravo á Liberdade** como uma promessa de Deus, e indo ao fundo ordena como um meio pratico a **libertação dos ventres**, que é symbolisada por um grupo de vinte e uma crianças que o **Parthenon** havia libertado, e que alli estavam pendentes dos seios maternos, de suas mães **ainda escravas**.

A este espectáculo as lagrimas correrão, e o enthusiasmo dos corações sensiveis tocou até o delirio. Houve em todo o auditorio uma abstracção feliz, ninguem pensou no abuso da autoridade que representa a actual situação, era só a nação que alli estava e cujas fibras tangião com força varonil os gratos sons do hymno nacional; depois foi só a liberdade que occupou todos os espiritos quando levantamos os vivas á nação, ao progresso e á liberdade.

Foi como presidente honorario do **Parthenon** que alli fizemos ouvir a nossa voz, e seja-nos licito dizer, com a franqueza que nos caracteriza, no momento em que estavamos com a nação, em que festejamos a liberdade, esquecemo-nos do imperador, do filho do berço liberal, educado como nós nas idéas santas da revolução que nos assegurou a independencia, a constituição e o futuro do progresso por que temos passado. E esse esquecimento justificou-o o silencio do Sr. Dr. João Sertorio. Na magna questão da abolição o actual ministro desvirtuou o procedimento d'aquelle que exerce o poder moderador, e resfriado o coração, pôde não ter enthusiasmo senão pelos que ardentes sabem provocar-lhe as pulsações. Sob outras inspirações, debaixo da direção de uma politica benefica, livre e progressista, todos os brasileiros amão as instituições que conquistarão, e como nação comprehendem a responsabilidade dos poderes, que são os seus delegados.

Foi longa a impressão da **abolição pratica** produzida no auditorio pelo **Elogio**. Nós o terminamos dando as cartas de liberdade aos innocentes alli reunidos.

Marcou-se uma epocha. Porto Alegre ha de lembrar-se sempre do dia em que se levantou bem alto no conceito da humanidade.

Seguiu-se, após, quanto estava no programma.

A signora Candiani cantou, como inspirada, uma das melhores arias do seu repertorio. A sympathica D. Maria Lima recitou a **Judia**, e a menina Paranhos, na festa da innocencia, veio ainda infantil dar mostras da sua rara aptidão musical.

O drama e a comedia adornarão de prazer o magico divertimento.

O **Parthenon** não deixou sem corôas, bouquets e agradecimentos os artistas e amadores que concorrerão na festa da liberdade, e o Sr. Magalhães no seu enthusiasmo, n'um breve canto, disse-lhe o quanto valia a caridade e o sentimento patriotico que n'aquelle momento o animavão.

Porto Alegre 24 de Setembro de 1869.

Dr. Valle Caldre e Fião.

EMENTARIO MENSAL

O leitor conhece o que seja a macabra? O quadro medonho que a media idade legou-nos desenhado nos muros de suas gothicas cathedraes?

Pois vou fallar a proposito.

Ha muito que eu ouvia contar maravilhas que se passão á meia-noite, e no entanto duvidava.

Tenho a obstinação de S. Thomé: **non video, non crederam**. Será defeito, mas um defeito que faz-me trabalhar na indagação da verdade. Não dê-m-me por isto o epitheto de sceptico. Não nego a realidade de Deus, da materia e da alma, como Aenesidemo e Hume; não pergunto-me, como Montaigne: Que sei eu?

Se nego, nego como Descartes, para deduzir uma affirmação, para... mas onde vou eu, meu Deus?! Ia já internando-me pelo trevosos mundo philosophico, mundo que dá toda a sorte de systemas, mas nunca a verdade, tantas philosophias, quantos são os philosophos, semelhando a essas regiões que Gulliver e Niel Klim, heróes de Swift e Holberg, percorrerão!

Fallava pois das duvidas que nutria sobre a dança dos mortos; mas já as não tenho, estou crente, como um sectario de Mafoma, e capaz de jurar como as personagens das comedias de Plauto: Aedepol! Ab Jove!

Crêdes? Dir-me-hão.

Sim, porque como S. Thomé assisti, toquei, vi...

Contemos o caso, como o caso foi.

Aconteceu n'uma das ultimas noites, quando o **Parthenon** ardia em febre contra o mahometano Cabral, que eu lia a vida de Apollonio de Tyana, Nostradamus, Paracelso, Cagliostro, Bosco e não sei quantas outras celebridades da sciencia dos mysterios, além de alguns livros de magia. Fazendo isto, procurava um processo para trazer o capitão á minha presença, embora sob a fórma d'uma pulga ou mosquito.

Os **critiqueiros** que tanto incommodão o meu caro Hilario, consintão que eu falle de pulga e mosquito. Nem devem fazer questão. (O ultimo, se a memoria não me falha, fôra poetisado por Salvandy em D. Alonzo em Hespanha. Placentius n'um poema cantou o combate dos porcos; Homero, segundo uns, o das rãs e ratos; A. de Macedo, os burros; Boileau uma estante do côro; Diniz um hyssope; Araujo Porto Alegre na destruição das florestas as surucucús, etc. etc. Arreda pois, **critiqueiros**! Deixem tambem passar: a pulga e o mosquito).

Maldito parenthese! Não sei para que inventarão esta figura!

Ia pois trabalhando á pista da incognita, quando barafustarão pelas frestas da porta, pelo buraco da fechadura e pelo soalho os seguintes Srs. D. Asrael, D. Asmodêo e D. Queiroga.

Mal entrarão, fechão-me os livros, rasgão-me alguns calculos começados, saltão-me sobre a mesa, cantão, assovião, tração danças carnavalescas, fazem uma balburdia infernal!

Então arrependi-me devêras de ter travado conhecimento com semelhante gente...

O leitor não admira-se de ver Queiroga tão nosso amigo?

Depois que o Felipe Neri fez uma tão séria, justa e magistral apreciação do 1.º numero da revista do **Parthenon**, Queiroga tornou-se um verdadeiro amigo da mocidade. Parece que a palayra autorizada do homem, cuja fronte alveja ao sol d'um outomno brilhante, e da penna que constitue uma realza, forão a vara de condão que operára tal prodigio.

— O' moço, não se incommode comnosco, disse Asrael. Sabemos o que queria e viemos satisfazel-o. Hoje estamos de ferias, temos a macabra...

— A macabra?! Exclamei eu.

— Sim, e vamos leval-o.

— Mas como hei de dançar?

Soltarão uma tremenda gargalhada.

— Nada... não dança, não; nós vamos assistir á festa. Vá, temos uma cieia, onde saboreará pela primeira vez manná, ambrozia e figados de pavão cevados com figos frescos, e onde terá, se lhe aprouver, iguarias desde o rangifer laponio até o ninho de passarinho aziatico.

— E o Cabral?

— Havemos de vel-o transformado em uma ave e não em um insecto, como queria.

— E minha conducção?

— Facil como tudo, respondeu Asmodéo. Veja... e começou a inchar! a inchar! e em breve tomou as formas d'um aerostato, em quanto Asrael ia tomando as d'um barquinho.

— Entremos, disse Queiroga.

Eu acompanhei-o extremamente admirado.

O balão guindou o barco e vogou velleiro nos espaços. Dez minutos depois descia sobre a varzea do Gravatahy.

Erão onze horas e meia da noite.

Sentamo-nos na relva e começamos a fumar em fleugmaticos cachimbos flamengos.

— Então conte-nos a festa do **Parthenon**, mancebo, disse Asrael.

— Foi uma bella festa! exclamou Queiroga.

— E para nós pessima, horrivel, infame! acudiu Asmodéo!

— Como?

— Sim, porque a servidão é um mal. Os senhores peccão por alienarem a liberdade alheia, e os escravos por viverem n'um estado de completa estupidez que os torna uma ameaça para os senhores, a atrophia da industria e do commercio, e a immortalidade do lar domestico. A mocidade, Sr. Boccacio, é o nosso maior inimigo!... Felizmente que temos a velhice para as conquistas do erro.

— Conte-nos, no entanto...

— E' inutil, porque se quizerem, podem ler no proximo numero da **Revista** uma bella descripção, obra do Dr. Caldre e Fião.

— Fallem-nos antes os Srs. Asmodéo e Asrael do que ha pelo resto do mundo, acudiu Queiroga.

— O que ha? Muito, muito! mórmente por esse grandiloquo Brasil... Desde que as **mumias do passado** sahirão de seus hypogêos, e os fosseis resurgirão da camada de trevas a um aceno nosso, o Brasil não é Brasil, é sentina; o amor da patria — egoista, as virtudes civicas — apparencias, o erario publico — mangedoura dos molóssos imperiaes e do nepotismo canceroso. Nós, os espiritos do mal, temos dois campos em que não falha uma semente; a purpura dos reis e o estomago dos padres.

— Mas um dia, atalhei, dará a polilha nos guarda-roupas reaes e a purpura será pó; outro dia o mesenterio sacerdotal abrindo em pus-tulas inutilisará o estomago.

— Não é assim, moço; Roma não se fez n'um dia, e as obras de Chesps cimentadas com suor e sangue de myriades de homens, subsis-

tem impavidas ao passar dos seculos, attestando que ainda ha seiva para nutril-as nos tempos de hoje.

— A verdade afinal brilha e...

— Ha de convellir o mal, não é o que ia dizer? Engano!

A verdade é Deus e Deus é a luz em sua quinta essencia; mas nós existimos em contraposição a Deus e somos a fonte dos absurdos, erros e preconceitos; nós — as sombras e a treva, semelhamos as manchas que o sol traz em seu velamen de resplendores. A humanidade divide-se em duas porções; uns são: Melitos e Caiphazes e outros Socrates e Christos; aquelles pertencem á nossa gry; estes á communhão divina.

Que quer?! O mundo é assim, o céu no ansverso da medalha, o inferno no reverso...

O demonio da lascivia emmudeceu.

Uma badalada echoou nos espaços sinistra e agoureira como um requiem.

Era meia noite.

Gelida brisa, que fazia ouriçar os cabellos, soprou sobre a varzea. Lividas luzes illuminavão funereamente a noite. Erão os brandões dos boitatás tradicionaes. Córós de virgens mortas no verdor dos annos fazião-me o coração gemer, tanto sua tristeza era profunda, tanto sua voz reçumava doridas queixas!

Dominou-me ao principio o terror.

Estava estatelado, com os olhos cerrados, receiando ver as negras peripecias da scena. quando Asrael tocou-me. Encarei-o, e elle indigitou um ponto Olhei... era medonho!

Fechei os olhos, abri-os de novo e assim continuei até acostumar-me ao quadro.

Havia um throno. Era construido de arcabouços e carcassas de raças extinctas de animaes. Sobre elle destacava a morte com a inexoravel fouce. Em torno o tripudio dos mortos de todos os sexos, de todas as idades, de todas as raças, de todas as condições! E dansavão.

Dansavão como doudos, embatendo os esqueletos, saccudindo os sudarios. E rião no torvelinho dos circulos! que coisa mais horrivel ha que a caveira que ri!? O que mais cõa n'alma o gelo do pavor que um craneo liso, de reflexos eburneos á luz versatil dos tocheiros?!

.....

Afinal desapparecerão os terrores que me incutia aquella scena.

Em vez de ver alli um motivo de reluctancia, achei indefinivel prazer.

Eu dizia: O' vaidade do mundo! Eis niveladas as raças, as jerarchias sociaes na macabra!

Queiroga, Asrael, Asmodêo apertavão as ilhargas, em accessos de riso, ouvindo minhas considerações.

— Moço, deixe de reflectir, vamos ceiar; enquanto os mortos revoluteião em vortices delirantes, banqueteemo-nos... Façamos uma ruidosa saturnal. A vida é: *molles in gramine somnos*, quando sabemos gozal-a... Vamos brindar os herões da taça, desde D. Noé até John Falstaff e Werner. E levarão-me para uma mesa á sombra de algumas figueiras silvestres. Ahi estava um urubú-rei. A multiplicidade de iguarias açulavão-lhe o appetite, tentava tocal-os com o adunco bico, mas fazia esforços inuteis, soffria o supplicio de Tantalos, estava preso por uma força superior. Tambem para a voracidade d'esta ave, insaciavel, como o tonel das Danaides, só um tal castigo!

E sabe o leitor, de que urubú-rei fallo?

Adivinhe.

.....

Estou com somno... quem vai á macabra, fica exausto de forças... O' uma noite ao relento entre mortalhas é uma pilha electrica! As emoções são tantas e tão variás!
A penna treme-nos entre os dedos, cahe traçando apenas:
Good bye.

Boccacio.

ATAS

4.^a sessão ordinaria em 14 de Fevereiro de 1869

PRESIDENCIA DO SR. ERNESTO PAIVA

Aos 14 dias do mez de Fevereiro de 1869, ás 8 horas da noite, presentes 12 Srs. socios, abriu-se a sessão.

Foi lida e sem debate approvada a acta da sessão anterior.

Em seguida foi lida uma proposta do administrador da empresa da **Actualidade**, para a impressão da "Revista Mensal" da associação. — Ao conselho economico.

O Sr. 1.^o secretario procedeu á leitura do expediente a seu cargo.

Foram aceitos 2 socios effectivos, e 1 correspondente, residente no Rio Grande.

O Sr. 1.^o orador saudou na forma do estylo a um Sr. novo associado.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA:

Nada houve a tratar.

SEGUNDA PARTE:

Continuou a discussão da these philosophica sobre a guerra. Orou o Sr. Affonso Marques, tendo sido depois encerrada a discussão.

O Sr. presidente deu para a ordem do dia da sessão seguinte o parecer sobre a these historica: **como deve ser considerado Juarez perante a historia?** cujo parecer fôra confiado ao Sr. Achylles Porto Alegre, e levantou a sessão ás 9 ½ horas da noite.

O 2.^o secretario,

Aurelio V. de Bittencourt.

5.^a Sessão ordinaria em 21 de Fevereiro de 1869

PRESIDENCIA DO SR. ERNESTO PAIVA

A's 8 horas da noite, presentes 19 Srs. socios, abriu-se a sessão.

Foi lida e sem debate approvada a acta da antecedente.

Foi lida a acta da 1.^a sessão d'este anno do conselho economico.

O Sr. 1.^o secretario procedeu á leitura do expediente á seu cargo.

A' requerimento do Sr. Achylles Porto Alegre, o Sr. presidente nomeou os Srs. Juvencio Augusto de Menezes Paredes e Hilario Ribeiro afim de darem os pesames ao socio fundador Henrique Maya de Castilho, em demonstração de sentimento pelo infausto passamento de sua irmã.

Foram aceitos 3 socios effectivos e 6 correspondentes, sendo d'estes 4 residentes em Pelotas, um em Taquary e o outro em S. Jeronymo.

O Sr. Bernardino dos Santos preveniu á casa de que na primeira

sessão, apresentaria o protesto de alguns socios contra a eleição geral a que se procedeu na sessão extraordinaria de 17 de Janeiro.

Travou-se discussão á respeito entre os Srs. Affonso, Achylles Porto Alegre e Bernardino.

1.^a PARTE DA ORDEM DO DIA.

Nada houve a tratar.

2.^a PARTE.

O Sr. Achylles Porto Alegre leu o parecer sobre a these historica: **Como deve ser Juarez considerado perante a historia?**

Orarão sobre o assumpto os Srs. Menezes Paredes, Bernardino e Achylles. Todos davão a Juarez as proporções de um heróe, libertador da patria do jugo que a quizera escravisar; havendo no entanto discordancia no modo de considerar a scena de Queretaro. De um lado sustentava-se que Juarez ainda se tornára maior, mandando executar a sentença do conselho de guerra que condemnára Maximiliano á morte, porque assim vingava elle o assassino de tanto pai de familia, a deshonra de tanta donzella, a ruina commercial do Mexico, autorisados pelo principe que Napoleão fizera sentar no throno; d'outro lado, porém, opinava-se que o audaz guerreiro, que não trepidára ante as privações e as inclemencias de uma campanha para desthronar um rei illegítimo, mancharia os seus laureis fazendo derramar o sangue de um irmão, que apenas fôra o instrumento do insaciavel desejo de conquista de um monarcha ambicioso.

Indo adiantada a hora, foi adiada a discussão, ficando com a palavra o autor do parecer.

Levantou-se a sessão ás 10 horas da noite.

O 2.^o secretario,

Aurelio V. de Bittencourt.

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. — OUTUBRO DE 1869. — N.º 8.

—o-O-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO

PORTO ALEGRE

1869

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Francisco Isidoro de Sá Brito.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

José Bernardino dos Santos.

OS PALMARES

ROMANCE HISTORICO

POR

APPOLLINARIO PORTO ALEGRE

(CONTINUAÇÃO)

CAPITULO III

Avancemos um passo no interior. E' quasi no fundo, onde mal lobriga-se a porta d'uma pequena camara.

A noite vai adiantada e uma pallida e languida menina inda vela.

Reclinada no leito com a fece apoiada sobre a mão, parece dar livre curso á meditação. Ahi na mais lucida e aurea quadra do viver, quando porventura devia encarar o mundo pelo prisma das illusões, ella vê o esphacelo que o corróe, já possue seu cadaver dissecado, bem como os augures de Roma a pagã, soletrou-lhe nas visceras a verdade monstruosa.

Ahi nas noites sem somno, duradouras sempre como um seculo, tem curtido asperas e lentas agonias, que, semelhantes á giboia ennovelando a suçupara, ião aos poucos lhe aquebrantando as forças, e dando incremento aos paroxismos d'uma febre, que lhe absorvia a seiva da existencia.

Tendes, leitor, conhecimento do que seja a combustão espontanea, sequer d'outiva? Pois a dor que se abraça a uma entidade por larga dura não lhe é somenos, quicá mais cruciante, mais cervical, mais satânica e inconcebível; porém fallamos da dôr moral, para a qual não ha panacéa, nem refrigerio, a não ser a leiva dos sepulchros. A eternidade! A eternidade só lhe basta! porque só ella pôde encher o abysmo de desespero e angustia que então se rasga, se amplia, se aprofunda sem termo na alma do desgraçado!

Enfermidades corporeas em que se lhe assemelhão?

A consumpção da intelligencia, a atrophia do coração é só das almas grandes.

O cerebro vulgar do arrieiro e do hyppopotamo, do aulico e da lagartixa, não tem um ventriculo em que possam hospedar as angustias moraes. . .

Amelia, apenas sahira das faixas do berço infantil, tivera o equuleo do martyrio! O inferno pelo céu!

Pobre moça!

Magnifica flor do mandacará, mal abrindo o botão da pubescencia, e batida dos tufões na grimpa das serranias!

E como hei de stereotypal-a, pol-a em relevo? De que modo reproduzir sua figura tão aerea, tão idealista, tão divina? Como retratar um sorriso de Deus que chrystalisou-se ao descer á terra?

Timantho desesperando de exprimir a tristeza nos traços de Agamemnon, não correu sobre elles um véo? Imitemol-o, que se a veja aavez da gaza d'uma ligeira descripção.

Na galeria social dois typos de mulheres se ostentão peculiarmente. Umas são a gaivota apanhada na amplidão dos ares por uma rajada impetuosa, resistindo ao principio, mas acabando por cair desfallecida no limo das charnecas, onde mancha as brancas plumas. Outras a lagrima das noites adormecida no seio da graciola: as auras matutinas perpassão, brandêão a hastea da planta, arrastando na oscillação a gotta limpida e serena, ora á extrema da petala, ora ao fundo da flor, até que o sol derramando-se sobre o valle a exalce ás regiões do céu, transformada em tenue e diaphano vaporzinho.

Amelia pertencia ao último grupo.

Ha donzellas lindas e sympathicas que angarião até pelos ademanas um olhar d'amor, mas Amelia... O' ella!...

Quem não tem visto por entre torreões de caligens um raio do sol coar? Pois ella era bella como este raio do sol.

Seus cabellos em madeixas negras como a aza do anum, emmoluravão um rostinho pallido de lioz, cujas partes e contornos pronunciavão-se em proporção continua e em cadencia de linhas suaves.

O porte dotado da flexibilidade da creciuma tinha um tanto do impalpavel das peris que povoão os céos da Persia, dos gnomos azues e transparentes que, na quebrada d'uma encosta, o mineiro sueco julga deparar.

Então trajava um vestido de filele escuro, que fazia sobresahir visivelmente a chernita das feições e das mãosinhas, escondendo em parte a gentileza do talhe, esvelto como o d'uma palmeira, se bem que as vibrações da mracha cheia de elação e vivacidade, o denotassem. Abotoado na garganta, bem ajustado sobre o corpo, desenhava as evolutas d'um colo admiravel e d'uma cintura, cuja delgadez, o olhar não cansava de admirar com o desejo de estreital-a amorosamente.

Amelia! O' ella!... Quem não tem visto por entre torreões de calligens um raio do sol coar-se?

Pois ella era bella como este raio do sol.

Nunca olhar envolvera-se mais n'uma atmosphaera humida de melancolia, nunca filtrava um brilho tão morno e tão ineffavel, mas tambem nunca absorvera um mundo de tanta meditação. Se o riso em sua boquinha engraçada abria os labelos, era merencorio e pungente, parecia um crepusculo da tarde.

Quem a visse assim, librada entre o firmamento e a terra, diria que assás pungia-lhe uma nostalgia de sua patria nativa: — a mansão além dos astros.

Comprehenderia Amelia o sentimento espontaneo d'esses arroubos e d'essas scismas profundas?

Teria uma noção distincta dos phenomenos que a tornavão um dedalo inextricavel para a psychologia?

Não, que tudo isto decorria de sua natureza, como factos normaes.

Sempre, quando os olhos fruião tanta animação e deslumbravão com tanta vida de pensamento, sua alma espairecia-se n'uns longos vagos e indefinidos, n'um mar sem praias banhado de dubia luz crepuscular.

Bracejando, n'uma aspiração sublime para o infinito, esta franzina creança debatia-se em ancia cruel, presa ao sólo de nosso planeta pelas adobas do involucro terreno.

O thema dos meditaires que a arrancavão ao positivismo da existencia, durante longas horas, erão: Deus, patria, liberdade e amor, bafejados do perfume da idealidade.

Porém, nem constantemente saboreava taes momentos de volupia. O lozango d'um relampago cruzava o horisonte de seu viver solitario.

Uma scena domestica, terrivel para ella no travo, porque defendia-

se contra os ataques e as insolencias d'uma madrastra, tinha então lugar. Depois no remanso de seu quarto as palpebras se lhe humectavão de perolas d'um sofrimento inexprimivel.

Flebil voltada para o crucifixo impendente do muro, balbuciava com voz maviosa e tremula: Maria! Frederico!

Mãi e irmão!

Pobre orphã de carinhos, não dormes sob as azas da maternidade, nem no teu irmão tens arrimo e consolações!

Amelia em taes momentos, curva sob a corôa de angustias...

Quem não tem visto por entre torreões de calligens um raio de sol coar-se?

Pois ella era bella como esse raio do sol.

Quem deixára de amal-a? Quem não reclinára ante ella: — adorando o Creador na creatura — como disse um poeta persa?

Depois atirando-se sobre o leito com o seio partido pelos soluços, com a expressão das magoas expandida pelas faces, era d'uma formosura divina, traduzia o omega a ulitma palavra da genesis material — a perfeição plastica, o ideal do poeta e do artista.

Era uma d'essas mulheres que nascerão para ser um idolo eterno e não para os gozos transientes do mundo.

Ella scismava quando entramos. Alguns instantes decorridos, batem á porta. Da attitude medifabunda, em que se achava, não se moveu. Suas forças espirituaes reconcentravão-se todas n'um ponto intrinseco.

Qual? Deus o sabe.

Pancadas de novo soarão mais fortes.

Apenas meneou a cabeça, como sê incommodada do ruido estranho que vinha perturbar-lhe a paz.

Ouvindo-o outra vez, despertou-se completamente do lethargo, e perguntou:

— Quem está ahí?

— Minha senhora, mandarão chamar-lhe.

— Quem?

— O senhor.

— Não sabes para que, Joanna?

— Venha de pressa, está... nem devo contar... venha.

Eil-a em pé mais pallida do que nunca. Com a mão comprime o latego infrene do coração, os olhos debulhão-se-lhe em pranto copioso, caminha vacillante para a porta.

— Meu Deus! Minha mãe! Querem matar-me, pronunciou em tom convulsivo e plangente.

CAPITULO IV.

E' um recinto sombrio então illuminado por dois brandões que prendem-se aos veladores.

Pelos muros destaca-se um arsenal de guerra.

Pero Lopes taciturno, os supercilios horivelmente carregados, de vez em quando deixava escapar das pupillas uma chispa fulminante. Semelhava-se á fêra, que occulta-se n'uma bastida e impaciente-se esperando a prêsa, em cujas carnes ha de sepultar o famelico dente.

Eulalia parecia indifferente, porém perscrutava de soslaio, os movimentos do esposo.

A's vezes, qual se fôra tocada do apparelho de Leyde, um estre meção involuntario e que ella com esforço supremo procurava occultar, vinha trahir a conflagração de contrarias paixões bem no adyto do peito.

Se Pero Lopes não fôra dominado dos mesmos sentimentos, o teria talvez notado.

Ambos soffrem em cruel expectativa.

O silencio sepulchral, que os rodeia, exhuberantemente o prova.

Alfim no corredor se ouviu o ruido de passos e o farfalhar d'um vestido.

— Eil-a! exclamaram em côro.

Amelia appareceu radiante. Crer-se-hia que um diadema cingia-lhe a testa.

A Blandina do Senhor preparára-se para o sacrificio, reunindo n'este solemne momento toda a energia de sua compleição feminil.

Acercou-se do pai sem trepidar.

Nas orlas virentes de uma lagôa, em nossa patria, quando a borrasca abre as azas nos espaços, enruga a superficie das aguas, accumula cylindros sobre cylindros, quem não tem visto a garça de candida plumagem arrostar com marcha airosa e altiva os furores da onda? Assim Amelia.

— Mandastes chamar-me ,meu pai?

— Sim, disse timidamente.

Mas erguendo-se de subito, debatendo-se como nas convulsões da epilepsia, contra um poder intimo que o tornava miseravel e pusillanime ante a filha, espumando ,torcendo os pulsos a verter sangue, rugiu:

— Sim, mandei chamar-te, vergontea degenerada de uma nobre raça, opprobrio de teus antepassados...

E parou suffocado de raiva...

Depois de tomar folego, proseguiu:

— Sim, hei de vingal-os inda que necessario seja beber teu sangue no craneo de teu irmão... Beber teu sangue, não... não... que é demais impuro.

Entregarei teu corpo aos molóssos e urubús da estrada, e creio mesmo que poucos hão de total-o.

Tu e teu irmão conspirão contra mim e meus irmãos de berço! Tu e teu irmão!

E uma gargalhada estrepitosa e nevralgica reboou em toda a sala, fez vibrar os instrumentos bellicos suspensos nas paredes e inda foi repercutir exteriormente.

Seus dentes rangião como os do caitetú na montanha.

A virgem immovel, escudada em sua innocencia, nada respondeu, mas seu coração pulsava irregular.

— Ah! agora não fallas? Procuras os momentos que me acho ausente para insultar Eulalia! E que affrontas!

— Meu pai, nada disse, nada fiz.

— Não o fizeste? Então, quem mentiu, foi ella.

— Algum dia faltei-lhe a verdade?

A's vezes não fui mesmo franca em prejuizo meu? Que necessidade teria em ateiar a discordia na familia? Meu pai conhece melhor do que ninguem o genio de que sou dotada, e que era impossivel procurar desavenças com minha madrastra.

E algumas lagrimas a oito borbulhavão sobre a face setinosa da linda moça.

— Olhem a innocente ovelha! Quem hoje ameaçou Eulalia com o exterminio dos portuguezes no Brasil, denominando-os pelo alcunha de — emboabas? Diz-me Amelia?

— Eu?! Oh! o juro pelas cinzas sagradas de minha mãe...

— E no entanto serei eu a mentirosa? acudiu Eulalia com voz vibrante; e tirou uma carta que apresentou a Pero Lopes, acrescentando:

Vê se poderei calumnial-a, se ha malignidade e odio em minhas intenções.

Elle arancou-lh'a das mãos, e em curto lapso devorou seu conteúdo.

— Esta carta, Amelia?

— De Frederico.

— E ouzas desmentir tua madrastra? Aqui os pensamentos não combinão com tua insolencia de hoje?

— Estou tranquilla, meu pai, eu nada disse.

— Bem ,tu não viverás mais em nossa companhia, mandar-te-hei para um convento, vil intrigante. E emquanto a teu irmão, tem vivido de mais...

A pobre menina sentiu correr-lhe um calafrio pelos membros, estremeceu por Frederico.

A jekeri, mal a bate o rabido alipede vento da noite, treme e retrahe-se toda; mas logo ao beijo da aurora expande-se, espanjea-se na luz que a banha, na aura matutina que a envencilha em abraço amoroso.

Assim Amelia. Ao principio recolheu-se; mas depois animada pelo sol d'uma santa affeição, seu olhar coruscou na penumbra em que se engolfava, distendeu a branca mãosinha, moveu os labios e sem consciencia do que ia pronunciar soltou estas tremendas palavras:

— Matai nos ambos, já que nos matastes a mãe.

O sentimento fraterno, o unico que lhe era permittido então fruir, a allucinára.

Pero Lopes desprendeou um rugido que abalou a casa nos alicerces. Seu crime estava descoberto pelos proprios filhos!

Authomaticamente lançou-se sobre uma espada suspensa na parede, e ia vibrar o acicalado ferro no collo immaculado da virgem dobrada sobre os joelhos, quando no exterior restrugiu safara e ruidosa pocema cazada a repetidos golpes de machados nas portas da sala.

Estacou com o braço erguido.

Erão os Palmares.

(Continúa.)

FREI CHRISTOVÃO DE MENDONÇA

ARTIGO HISTORICO

Em dous venerandos grupos dividirão-se os primeiros apóstolos que percorrerão os vastos sertões da America meridional.

A' este pertencerão os Nobrega, Aspicuelta, Luiz da Grã, Sardinha, o immortal Anchietta, e outros illustres missionarios, que deramarão os primeiros germens da civilização europea as margens do Atlantico, pregando o Evangelho entre os Tupinambás, Carijós, Tupiniquins, e outras nações gentilicas, que acampavão em seu litoral e cercanias.

A'quelle, que invadia as cordilheiras que orlão o Pacifico, pertencerão os Cataldino, Mazeta, Diogo Torres, e além de muitos outros varões celebres, os illustres martyres Roque Gonçalves da Cruz e Frei Christovão de Mendonça, os primeiros que penetrarão os ridentes valles do Paraguay, Paraná e Uruguay, inaccessiveis até então aos proprios exercitos europeos, como aos tupys seus aliados, e onde fundarão esses templos, que ainda hoje existem n'esta provincia em magestosas ruinas.

Era nobre essa cruzada! divina a resignação e constancia d'esses venerandos apóstolos, como foi heroico o seu valor, zelo e caridade evangelica.

A par dos conquistadores que Portugal e Hespanha enviarão ao novo mundo, marchava o soldado da fé; ali onde o canhão proclamava o dominio de um rei, o Jesuita proclamava o do Christo; onde a espada do usurpador derribava uma victima, elle cavava um tumulo e erguia-lhe uma cruz á cabeceira; e assim, enquanto a conquista avançava deixando após si larga esteira de sangue, e junto a cada padraão que erguia, hecatombes de tribus inteiras, elles se embrenhavam sós, indefesos, pelos sitios os mais remotos e asperos e ião no seio de florestas ignôtas receber a gloriosa corôa do martyrio, ou arvorar o negro estandarte do Golgotha, fundando povos a sua sombra augusta, edificando templos e reduzindo ao gremio civil e ao christianismo hordas barbaras e noma-das, reunindo os destroços das nações foragidas, dispersas e perseguidas pelos europeos.

O Jesuita penetrava o coração das florestas e ia ter ao amago das tabas gentilicas, onde proferindo o verbo augusto, embriagava seus habitantes nos perfumes da fé, adormecia odios inveterados, e transformava-lhes a barbarez dos costumes pela moral e dogmas da religião que propagavão.

Frei Christovão de Mendonça foi tão zeloso e venerado nas missões do Paraguay, qual havia sido Anchietta no Brazil; como este matizára de aldeas o plainos do Piratininga em torno de seu famoso templo e collegio, internou-se Frei Christovão para o interior da provincia de Tayati, onde fundou o povo da Encarnação, máo grado a reluctancia e ameaças de varios caciques, e do character feroz dos gentios que ahi habitavão.

Como o apóstolo dos Indios, Frei Christovão, prosseguia gloriosamente a sua propaganda, vendo engrossar por centenares o numero de seus cathecumenos.

Já acima dissemos qual a vasta e fértil zona que era habitada pela esforçada tribo guarany, raça indômita, guerreira e barbara até a antropophagia, que apesar de infinitamente subdividida em pequenas aldeas ou cacicados, era temida e intratável para com os europeus, com quem entretiverão renhidos e varios combates, cabendo-lhes sempre, além da victoria, os despojos que deixavão no campo da acção os invasores, quando repellidos de seu territorio.

Os Jesuitas, mal recebidos a principio, não desanimarão em seu intento, e após muito esforço baldado, conseguirão os perseverantes Roque da Cruz, Montoya e Frei Christovão fazerem-se amar por essa nação e ensinar-lhes a religião de que erão dignos apóstolos.

Segundo as chronicas escriptas por elles proprios, forão os Jesuitas recebidos pelo gentio com aspereza, desconfiança e ameaças; mas pouco tardou em serem por elles acatados com o respeito e veneração que tributavão aos enviados d'esse Deos, de quem uma vaga, mas enraigada e geral tradição lhes dava uma idéa; tradição narrada e aceita por muitos autores, e tratada, inda que diffusamente, em sua historia pelo respeitável padre Pedro Lozano, que como Rodrigues Montoya e outros testificação, é a da passagem e pregação do apóstolo S. Thomé por esta parte da America.

Além de muitos outros que sobre ella escreverão, eis o que a respeito de tal tradição escreveu em 1613 ao Provincial Diogo Torres o veneravel padre José Cataldino.

"Muitas cousas me tinham dito desde o principio estes indios, acerca do glorioso Apóstolo S. Thomé, que elles chamão pae Zumé, e não as tinha escripto antes, para melhor me certificar e averiguar a verdade. Dizem pois os indios anciãos, e os caciques principaes, que tem por certissimo, por tradição derivada de paes á filhos, que o glorioso S. Thomé apóstolo veio á suas terras do lado do mar do Brazil, e que atravessando o rio de Tibaxiba (onde elles e seus antepassados moravão) então povoadissimo de indios, foi passando por seus campos ao rio Haybay, e que d'ahi foi ao rio Piquiri, d'onde não sabem para onde foi.

Nas cabeceiras d'este rio, dizem os indios, se achão as pisadas do glorioso sancto impressas em uma penha, e o caminho pelo qual atravessou estes campos está ainda aberto, sem se ter nunca fechado, nem ter crescido nunca a herva, apesar de estar no meio do campo onde não trilhão os indios, e assegurão que as penhas por onde vem este caminho estão abertas, deixando no meio um caminho igual ao mesmo chão, e affirmão terem-o elles visto."

A' esta tradição deverão os Jesuitas a mór facilidade e exito na conversão dos gentios á crença de um unico e verdadeiro Deos.

Não é, porém, nosso intento, pois somos muito obscuros para tal, fazer um resumo historico desses feitos grandiosos que illustrarão os primeiros seculos do dominio colonial, mas sim, e simplesmente, render preito a santa memoria de um illustre e venerando sacerdote que teve em nossa Provincia o throno do martyrio, e um tumulo que ignoramos onde existe.

Filho de um dos Governadores da Provincia de Santa Cruz da Serra, descendia Frei Christovão de Mendonça, de uma muito nobre familia hespanhola.

Como Roque da Cruz, seu contemporaneo, emulo e seu socio de apostolado e martyrio, Frei Christovão, abandonou a nobreza, os titulos, a fortuna, as delicias do lar e da familia e todos os prazeres com que a opulencia circumda aos seus dilectos pelos duros encargos da Companhia de Jesus, começando por renegar o nome de Ruiz, que tinha, pelo de Christovão, com que o conhece a historia.

Jovem de ameno trato, cuidada educação e rara intelligencia, pos-

suia uma alma ardorosa e nobre, como era seu physico ornado de beleza, graça e frescor, o que o tornava distincto entre os demais cavalleiros, e ao qual se prendião as maiores sympathias e as mais riso-nhas esperanças de sua familia e das nobres donzellas de sua alta sociedade.

Elle, porém, parecendo insensivel a tantos extremos e affectos, fugia desse ambiente morno e mephítico que respirava no solar paterno para a solidão dos êrmos e dos bosques. Nada ali o deslumbra-va, nada o prendia ao fausto; e julgando talvez, pouco brilhante e digno para si esses brasões e glorias legados por seus antepassados, elle calçou-os com o nome herdado, para conquistar outro mais nobre e glorifical-o com seus proprios feitos.

Arrastrado pela vocação, por esse poder superior e providencial, a que cegamente obedecia, ensurdeceo aos rogos de sua mãe, desobedeceo as ordens paternas, desprezou as lagrimas e supplicas da familia, e foi ser do numero d'aquelles apostolos em cuja bocca pôz Junqueira Freire, estes inspirados versos:

Era longe — bem longe: e eu vim primeiro
Scindindo as ondas d'esse mar profundo,
E por amor da Cruz vaguei sosinho
Nas invias mattas d'esse novo mundo.

.....

Eu disse ás tribus: — Todas vós sois ricas,
Que o ouro e a prata o solo vosso esmalta.
Sois ricas tribus, — mas não sois felizes,
Porque uma crença de um só Deus vos falta.

—————

E eu dei ás tribus uma crença doce,
Qual uma chuva de manná celeste:
E as tribus foram desde entam felizes,
Qual flor pomposa que os jardins reveste.

.....

De mim as tribus barbaras, indomitas,
De mim o verbo do Evangelho ouviram.
E ergui a cruz nos pincaros dos montes,
E após o verbo os povos me seguiram!

—————

Bem moço, pois, começou Frei Christovão de Mendonça essa suc-cessão de perigos, de miserias e dores que se chama o apostolado — esse peregrinar incessante na derrama da caridade, do amor e da fé.

Curto, quão glorioso, foi porém a duração do seu apostolado, pois dous ferozes caciques, de nomes Ibitirai e Manândara, derão-lhe pre-matura e barbara morte em Ceaguayu, no territorio de S. Borja, segundo o manuscrito, e conforme outros historiadores na serra dos Tapes, á margem do rio Jacuhy, pouco mais ou menos no local onde hoje demo-ra a colonia — Santo Angelo.

Assim, depois de uma existencia edificante, tão cheia de heroico fervor e caridade evangelica, de tanto nobre zelo, dedicação e amor, e tão memoravel por grandes commettimentos, virtudes e feitos, que até

hoje testificação, e perdurarão ainda aos tempos por vir, os povos da Encarnação, São Miguel, S. Thomé e outros que elle erguera como padrões de sua gloria no serviço do seu Deos e Senhor; e obrigando que seus amigos o abandonassem, pois grande era o perigo que os ameaçava, elle ergueo sua alma aos céos, deixando ainda seu corpo no eculeo do mais atroz e cruel martyrio.

Prestes a exhalar o derradeiro alento, volve o olhar piedoso á seus barbaros assassinos, e disse-lhes, com voz doce e ungida de dorida compaixão:

“Vós mataes o meu corpo, mas não tendes poder de matar a minha alma que ha de viver sempre, e que vae subir ao céu para gozar da gloria.

“Oxalá! que cresceis na palavra de Deos que vos ensinei, porém sois máos, por isso não me acreditaes.”

E estas forão suas ultimas palavras, pois apenas pronunciadas, o gentio enfurecido precipitou-se sobre elle, já moribundo, e partirão-lhe a cabeça com dous garrotaços, e mais iniquios esses barbaros do que o tigre de suas florestas, abrirão-lhe a garganta por onde tirarão a lingua da victima, e depois rasgando-lhe o peito traspassarão-lhe o coração em uma de suas hervadas frechas.

Tal foi o martyrio horrendo que pôz termo, no dia 26 de Abril de 1635, a vida illustre do veneravel Frei Christovão de Mendonça.

José Bernardino dos Santos.

Respondendo a uma carta anonyma

Logo após a chegada do paquete com a mala da Côte, achando-nos no escriptorio do **Rio-Grandense**, onde trabalhavamos com o seu illustre Redactor, fomos agradavelmente sorprendidos com a carta anonyma, que abaixo publicamos, e a que respondemos.

Ao lêr seu contheído dous pensamentos, verdadeiros antipodas, tumultuarão-nos o espirito deixando-nos perplexos sobre qual d'elles deveríamos optar.

Consultemos a varios amigos, cujos nomes n'ella se vêem d'envolta com o nosso, e elles, como nós, como todos, opinarão que a respondessemos.

Isto era perfeitamente impossivel, a não ser que a publicassemos, e com ella a sua resposta.

E' o que vamos fazer começando pela carta recebida, que transcrevemos aqui:

“Sr. José Bernardino dos Santos.

“Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1869.

“Tomo a liberdade de escrever-lhe para pedir, que attenda ao que segue:

“Sendo o Sr. dos litteratos rio-grandenses, o que mais inclinação tem provado para dotar a nossa provincia com escriptos, que mais filhos de seu sólo nos parecem, peço-lhe que continue a publicar na **Revista do Parthenon** as lendas e crenças de nossa terra, escriptas com a elegancia que o Sr. sabe dar aos fructos de sua imaginação; que execute o pensamento que tem, de ver, em um drama todo original seu, a Antonina Marquelou interprete da Guarany, da Charrúa, Minuana, Tape, (já decantadas por Junqueira Freire, no hymno da **Cabocla**), em

vez de reduzir á drama poêmas de outrem, porque muita e maior gloria lhe caberia assim.

“Escreva tambem romances, taes como o **Guarany** e **Iracema**, — de Alencar, — **Acayaca**, de Felicio dos Santos, — e a **Virgem de Guariacaba**, de Pinheiro Chagas; dê fructos verdadeiramente rio-grandenses, e os ponha a venda nas principais cidades da Provincia e no Rio de Janeiro; e aconselhe aos seus consocios que as suas composições pratiquem o mesmo.

“Porque, o Sr., em vez de procurar um factio qualquer da Provincia, foi buscar uma composição de Gonçalves Dias, para com os proprios versos d'elle reduzi-lo á drama.

“A **Revista do Parthenon** devia ser de maior formato, devia trazer as actas, as theses discutidas, emfim, tudo quanto na Sociedade se passasse: devia noticiar no **Ementario** não só as obras publicadas na Europa, Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia, Pernambuco &c., como tambem em todo o Rio Grande: devia trazer as biographias de D. Rita Barmem de Mello (de quem a Sociedade pediu, supponho que ao Fontana, os apontamentos biographicos), de Felix da Cunha, de quem muito poucos talvez saibão o dia e o lugar em que nasceo, do Dr. Bello, e de outros illustres e notaveis rio-grandenses; deveria finalmente ter uma chronica de tudo quanto n'ella se passasse, e então em vez de trinta teria cem paginas.

“Aqui ha Sociedades formadas de estudantes de collegios, cem vezes inferiores ao **Parthenon**, tendo entretanto — revista quinzenal — de cincoenta paginas, contendo, é verdade, cousas que nada valem.

“O Sr. que naturalmente lê a **Arcadia** reflecta sobre — A litteratura no Rio Grande — de A. Maria Pinto, pag. 129 da 3.^a serie, e — Poétas e Poesia — de G. Paredes, na pag. 273 da mesma serie; e ao Rio Grande dê uma litteratura propriamente sua.

“Isto não será difficil n'uma Provincia que conta entre seus filhos mais talentosos os Bernardino dos Santos, Taveira Junior, Appollinario P. Alegre, Lobo da Costa, Carlos Ferreira, Villeroy, Hypolito Camargo, Sá Brito, Ignacio de Vasconcellos, Achylles, Paredes, Salomé, Aurelio & C., todos intelligentes, e que não encontrarão barreiras ante as quaes recuem em sua aventureira carreira.

“Nenhuma outra provincia do Imperio tem uma historia mais nobre e repleta de heroismo. Porque então, pois, não serão aproveitadas essas acções homericas para epopéas?

“Por acaso achar-se-hão gelados vossos corações a tal ponto que não queiraes embocar a tuba épica?”

Eis pois, transcripta a carta que nos fez dar tratos a imaginação no intuito de descobrir qual a penna que mysteriosamente a traçou; carta, que, por certo, guardariamos em silencio, se com nosso nome não viessem congraçados outros muitos de meus illustrados collegas e amigos, e que como eu são seus participes.

Será porém esta carta um epigramma que de tão longe nos vem ferir? Quem sabe! Quasi que o acreditamos quando nos manda escrever romances taes como o **Guarany** e o **Iracema**, d'aquelle que reputamos o Mestre, e a quem sagramos respeito e admiração.

Mas essa crença vacilla, e quasi que a queremos repellir, porque nós não merecemos o ridiculo, que n'esta hypothese, ella nos lançaria; e dóe-nos no imo d'alma, que alguém ludibriando sacrificios e dedicação nos viesse arrancar da feliz quietação e obscurantismo em que viviamos, para, murchando esperanças, implantar-nos no coração o desanimo e o desgosto. Isso seria até uma vilania cruel, de que não queremos crêr á alguém capaz, e que nos leva a segunda hypothese.

Sim: e se ao contrario, se em vez do sarcasmo hi ha um conselho, uma palavra de affecto, de consollo ou animação; se são essas phrases

échos dos sentimentos de que são susceptíveis as grandes almas; se hi ha esse sentimento cujo perfume eleva a intelligencia e a alma ao nobre, ao bello e ao justo, porque se occulta aquelle que nos anima, e nos pede o trabalho e o sacrificio pela gloria de nosso porvir e do de nossa grandiosamente bella e nobre patria, e quiçá nos poderia conduzir té ella?

Oh! porque, se somos dignos de vosso apreço, se vos agradamos, se vos dignaes escrever-nos, porque negar vosso nome a nossa gratidão e amor.

E no entanto não são só as palavras nimiamente bondosas que para nós encerra esta carta, o que nos desvanece em jubilo quasi ao mesmo tempo em que o pezar nos possúe: ha ainda um outro motivo que nos obriga a julgar insensata essa carta; esse é — crêmos ser ella traçada por delicada mão feminina, pelo que julgamos dos finos traços que formão os angulosos e delgados caracteres que a constituem.

Oh! se bastasse uma promessa; se fosse preciso pôr á prova a nossa descripção; se enfim, nos exigissem um sacrificio mesmo; tudo faríamos gostosos em troca d'esse nome que tão injustamente nos occulta, e que no entanto, temos desconfiança que já o amamos.

Porto Alegre, 17 de Outubro de 1869.

José Bernardino dos Santos.

O BRAZIL

Poesia recitada pelo autor em a noute de 19 de Setembro de 1869,
por occasião do espectáculo do PARTHENON LITTERARIO, no
Theatro São Pedro.

Tupã já volve á terra a luz dos olhos.....
Cresce do bosque a sombra ao occidente.....
E o orvalho da manhã rorêja os prados,
Onde serpeia a trépida corrente.

Selvagem trovador, saudando a aurora,
O bosque acorda ao som de seus cantares;
E do universo o cantico de graças
Entôa a brisa na lyra dos palmares.

E, eu acordo tambem, salto da rêde
Tendo o riso no labio, e a esp'rança n'alma,
E busco no clarão que dos céos mânia
Da liberdade a luz, conforto e calma.

Qual a frecha subtil traspassa o fructo,
Eu, tão veloz, perpasso entre a ramagem
Do trançado sertão, galgo os outeiros,
Cruzo a verde collina, e a extensa vargem;

Fórmo do'adunco peito breve igára
E rasgo á meio o limpido crystal
Do caudaloso rio, e corro, e sempre,
Quer pize flôres, relva, ou bravo urzal.

Em balde!... O iris não é da liberdade
Esse brilhante prisma que seduz;
E' sim, o lampejar de flamma ephemera,
E não de Redempção sagrada luz!

Nem é tambem da morte o gladio acceso
Que na voz do trovão fulmina os bravos...
E, eu quizera os irmãos contar por crâneos
Do que os vêr gemendo — vis e escravos.

Quizera vól-os todos, como hei visto,
Com honra, as gerações que já não são,
Mas que livres cahirão, qual nascerão,
Qual nasce e morre o cedro no sertão.

Mas fecha a noute... O céu se torna negro...
Depois... Inflama-se o oriente a luz d'aurora
— E' um dia que nasce, e outro que morre:
Ali — ha riso, ha festa... Aqui — se chora!

Nem o dia que passou levou comsigo
Essa dôr tão cruel que me pungia,
E nem esse que desponta traz-me a es'prança
De ser mais do que hontem — melhor dia.

E qual folha a folha as arvores se despem,
No peito, as illusões, que eu alimento,
Uma por uma vão myrrhando todas
Ao soprar da descrença... ao desalento!

E assim passa outra vez a grande tréva
Sem vir o manitô fallar-me ao sonho...
Esse dia que resurge é noute e trêda:
— Inda o urutáo se carpe em pio medonho.

Oh! não despertes, guerreiro, antes da aurora,
Em que deve o mago sol da liberdade
Brilhar na vasta, taba americana
Sem ver da escravidão a potestade.

José Bernardino dos Santos.

FLOR DO LAR

I.

Mulher! anjo do lar, querida amiga,
Idolo unico, que no mundo adoro!
Céde a meus rogos, vem ante o Deos vivo
As benções implorar sobre nós ambos,
Que ligue o meu destino ao teu destino...

Celeste criação de humana especie;
Amoroso conjuncto d'esperanças,
O' tu, inspiradora de meu estro,
Vem completar meu ser, guiar meu genio,
Meu lar embellecer, feliz fazer-me!
Vem perennal thesouro em que meus olhos
Enchergão só ventura!

Dizes que te não sou indifferente,
Que compassiva, e circumspecta amante,
Escutas terna de meu peito os ais
A' ti levados pela cauta brisa,
Que os meus suspiros entretêm co'as azas.

Por Deos! O' divindade humanisada,
Santélmo que d'esta vida ao Bardo

As procellas amainas;
E seu canto sentido ao céu transmittes.
Desce das regiões ethereas de meus sonhos,
Vem, e á face de Deos jura que és minha;
E no solemne altar do amôr que invôco,
Sob o templo immenso deste céu augusto,
Deixa que ao adorar-te eu m'extasie.

.....
Oh! não! basta mulher! A fronte inclina,
Recebe o diadêma... são meus beijos,

Teu throno é em meu peito,
O sepro?... Nem eu sei... a minha penna...
Meu destino, sem custo, mudar podes.

Enleio de minh'alma,
Esthetica visão dos meus sentidos!
Um beijo, mais um beijo, um outro beijo...
Mas que rubor é esse que em teu rosto
Duas rosas desdobra perfumadas
Desse aroma do céu — pudor — chamado?
Como encanta, mulher, esse perfume!
E quanta fragancia ao purpurar das faces!
E's mãe, idolo meu? Cuida em meu filho,
E mais esse penhor de mim conserva,
Penhor que em duplo laço a ti me prende.

II.

Que laços tão doces, estreitos, tão fortes,
Tão ternos, fagueiros, tão cheios d'amôr;
Que magicos laços, que tanta esperança!
Que dupla ventura, do céu que favor.

E's mãe! Que grandeza, que amôr respeitoso,
Que culto que inspiras c'o filho no collo.
Ser mãe é grandeza que a terra ennobrece,
Que ao mundo illumina c'o facho d'Apollo.

Que cousa sublime, mulher, é ser mãe!
Trazendo no seio o genio em embryão,
A' luz, n'um instante, do mundo entregal-o;
Aos peitos nutril o, formar-lhe a razão,

C'o leite, c'os beijos, c'o riso, c'os olhos;
Da eterna moral as leis lhe ensinar,
Do peito no imo, exemplos lhe dando,
Os brios, virtudes p'ra sempre gravar.

Com graça e enlevo saber conduzil-o;
No bello e sublime sabel-o inspirar;
Mulher, és a guia no lar e no mundo!
Quem nobre e tão grande nos sabe criar?

III.

O' feliz fôra eu se em teu regaço
Gozar podesse de ventura tanta...
Gozar assim é um sonhar delicias
Que o tempo-encurta quanto a vida encanta.

Louco por ti minha existencia foge...
Só a esperança me sustenta a vida!...
E's o meu sonho que a visãoembala,
A minha estrella na affanosa lida.

Setembro 20 de 1869.

M. Alves de Paula.

RÊVERIE

Meditar como é doce! E' o sonho d'alma,
Scismar gozos do céos, gozando em mente!
Meditar no que?... Em mim? pobre diabo.
Alvo de magoas, que nos risos mente.

Oh! não, a fé! que o não farei.
Meditar... eu meditar? Teria graça.
Pensar? ah! ah! em que? no meu futuro?
S'está louco também doudo me não faça.
Deixemos meditações, é melhor rirmos
Do que estarmos sem lucro a nos mentirmos.

Pensar no meu passado? Não, não quero:
Se teve outr'ora flores 'stão fanadas;
Dos risos, do prazer, nascêrão dores;
E p'ra o pranto, e p'ra dôr dou eu rizadas.
O premio que anhelei, hoje regeito;
Ora pillulas! esse amor 'stá desfeito.

No presente? Oh! oh! oh! é bem feliz!
Vamos n'elle fallar: — Eu tenho amores;
Tenho inda tabaco e o meu cachimbo;
Tenho o ar que respiro; tenho ás flores;
Supponho que seja meu o mundo inteiro;
E sou feliz assim, sem ter dinheiro.

Nó futuro não penso, elle é de Deos,
Que o dia d'amanhã nos dá ou tira.
Dizer — guardo este pão p'ra comer logo, —
Chama-se guardar o pão, comer mentira.
Que m'importa o porvir? dou-o á sorte.
O que elle nos reserva? A dôr! a morte!

N'esta vida pensar não vale a pena,
O mundo é como o vento, inda mais varia.
Vê-de como enganou-se a virgem noiva,
Tomando por seu véo, negro sudario!...
Se se morre do jantar na sobremesa.
Se morre o homem, o animal e a natureza?

Em que, pois, vou pensar se **tudo é nada?**
Ora adeos! caro senhor, não 'stou disposto
A tomar, extravagante **fashionable**,
Medidas do prazer ou do desgosto.
O que me importa a mim, voltas do mundo.
Se qual um casco velho hei de ir ao fundo?

Porto Alegre, 10 de Outubro de 1869.

Silvio.

IMAGE

(DU CHANTIER.)

Quand la tempête siffle au milieu des cordages,
Lorsque la vague vient, comme un bras de Titan,
Se cramponner en vain aux solides bordages,
Quand les vergues, les mâts, sont ployés par l'autan,
Et que la mer gémît sous un vaisseau qui sombre,
Puis d'une fois, ces mâts, où sont pendus sans nombre
Des câbles longs et noirs tendus par l'ouragan,
M'ont semblé, dans la nuit, des harpes colossales
Vibrant avec fureur sous les doigts des rafales!

Charles Poncy.

IMAGEM

(Traducção immediata a leitura da poesia acima.)

Quando o temporal freme entre o corlame,
E qué a vaga titanea o braço erguendo
Açouta embalde a solida amurada;
Quando ás vergas o tufão despe o velâme,
Dobrando os mastros, e a nave, rangendo,
Ergue em seu dorso a onda encapellada;
Mais de uma vez, **Imagem**, me recordas
Uma harpa colossal, tocando os céos
C'os mastros, onde o vento entesa as cordas
Que tangem ao embater dos escarcéos.

Porto Alegre, 7 de Julho de 1869.

Bernardino dos Santos.

SETE DE SETEMBRO

Pobres ruínas de infeliz vaidade!
Solidões, onde ha pouco o despotismo
Estupido se erguia,
Vós que'ouvieis fallar da liberdade
E occultas sempre em lutulento abysmo;
Sem ver a luz do dia;

Escutae minha voz insulsa e rude,
Este canto sem metro e sem cadencia,
Mas franco e verdadeiro
Devaneio de estólido alaude;
Que ousa saudar o sol da independencia
Do Imperio Cruzeiro.

Hoje faz annos que se erguendo um povo
Foi aos mundos da luz buscar a gloria,
Vestio-a senhoril!
Foi ao bello buscar um nome novo,
E em lettras immortaes gravou na historia:
"Imperio do Brazil!"

Depois fitou altivo a immensidade,
Ergueo a fronte ao sol resplandecente
No firmamento azul;
E cheio de solemne magestade,
Com prazenteira voz altipotente
Que atrôa Norte e Sul,

Bradou: — Gigante, no berço
Hontem escravo — hoje Imperio!
Eu sou a Nação primeira
Deste imponente hemispherio!
Té além do trópico austrino
Vão meus dominios immensos
Sorver os raios intensos
Do sol de além do Equador!
E desde o cabo São Roque
No Oceano magestoso
Eu me estendo — portentoso
A's regiões do Condor!
Tenho cedros como o Libano,
Maior *bahobab* que o Egypto! (1)
Riquezas como as que eu tenho
Só póde ter o Infinito!...

(1) "Bahobab" — Arvore da Africa sob cuja rama podem formar milhares de homens. — Um naturalista inglez descobrio ha poucos annos no Amazonas uma outra arvore de dimensões mais descommunes, conhecida por "sumahumeira" e que aqui chamo de "Bahobab" por analogia.

Minhas florestas, meus campos,
Meus rios, valles e montes
Limitão mil horisontes
No espaço que Deos lhes deu!
Quatro gigantes rodeião
Meu dominio sobrehumano:
Prata, os Andes, o Oceano,
E o rei dos rios, que é o meu!

As auroras do Oriente
Inveção meu céu azul!
Meu sabiá, quando canta,
De inveja mata o bulbul! (2)
As mais frondosas florestas,
As mais fecundas campinas,
As mais inexhaustas minas
Eu sómente encerro em mim!
Meus palmares são mais bellos
Que os do Oriente orgulhoso,
Meu **molongó** mais cheiroso (3)
Que o mais olente jasmim!

Em tudo tenho riquezas,
Quaes nunca alguém possuiu,
Quer do Equador aos fulgores,
Quer além trópico ao frio!
Ha mais amor nos meus bosques,
E tudo é paz, tudo festas
Nas minhas verdes florestas!
Nos reconditos sertões
As Tapuias feiticeiras
Que as andaluzas mais bellas,
Mais formosas que as estrellas,
Tem fogo nos corações!

Não ha nada mais suave
Que as noutes no seio meu,
Quando as estrellas divagão
Pelos desertos do céu!
E quando a brisa fagueira,
Beijando as aguas dormidas,
Canta nas folhas pendidas
Das palmas do burity,
Derramando pelos ares
Em cada languida nota
Confundida a essencia ignota
Da baunilha e do "humiry"! (4)

(2) "Bulbul" — Nome do rouxinol da Asia.

(3) "Molongó" — Flor de suavíssimo perfume, abundante nas varzeas e margens dos rios do Pará.

(4) Humiry — Arvore do Pará, cujo oleo é tão perfumoso que a simples casca della depois de guardada annos conserva toda a intensidade do perfume.

De tão formosos thesouros
Quem é senhor como eu sou?
Quem tão estranhos portentos
No mesmo solo encontrou?!
Ninguém — a noute, ou na aurora
No Sul algente, ou no Norte!
Porque ninguém teve a sorte
De ser o Imperio da Cruz!
Sou o gigante das selvas,
Meu leito é mar de saphyras,
Meu manto de sucupyrras,
Meu sceptro raios de luz.

Creança — no berço ainda,
Escravidado me achei!
Mas hoje a dura cadeia
Do captiveiro quebrei...
Um pygmêo insensato
Ousou chamar-me de escravo,
Sem saber que, forte e bravo,
Nasci para ser senhor!...
Esquecendo, pobre louco,
Que por minhas vastas zonas
Corre indômito o Amazonas
E vôa altivo o condor!

Sou o orgulho do Oceano
Que banha meu littoral,
Porque mar nenhum conhece
Qualquer que lhe seja igual!
Do Cruzeiro eu sou a gloria,
E dilecto das Espheras
Não sei contar primavérás
Pois vivo em perenne Abril!
E' meu caminho a virtude!
Meu destino a liberdade!
E, cheio de magestade,
Só eu me chamo — Brazil!

Julio Cezar Ribeiro de Souza.

CRENÇAS ARGELINAS

O MÃO-VERDE

O Cherife arabe que commandava a insurreição contra Biskra, onde succumbio gloriosamente o commandante São Germano, arrastou em seu transito pelas montanhas uma infinidade de montanhezes indigenas, prevalecendo-se de uma mentira, aceita e muito commum entre os rabes.

O Cherife fizera uma peregrinação a Meca, e chegando ao tumulto do Propheta, foi tão feliz que metteo a dextra no interior do turbante que corôa aquelle mausoléo, o qual tinha usado Mahomet em sua vida.

Este arabe voltou entusiasmado por tanta honra, qual a de haver tocado o turbante, e tingio-a de verde. Esta era a côr dilecta do Propheta, e a quem tem o turbante.

Esta mão verde devia operar prodigios. O Cherife, dizia elle, nada mais precisava do que apresentar-se ante os roumi (nome que dão aos francezes), e os raios que se desferirião de sua mão bemdicta, os fulminaria, ou punha-os em fuga.

Os francezes, pouco medo tiverão dos raios da Mão-verde, e apenas o avistarão carregarão com tal impetuosidade sobre os arabes, que commandava o tal Cherife, que cento e setenta e cinco homens, sem terem as mãos verdes, derrotarão quatro mil indigenas, pondo-os em fuga, depois de lhes ter morto mais de tresentos.

Foi este um milagre com que não contava, e nem previra nunca o Mão-Verde.

No entanto ainda continúa vigorosa essa crença supersticiosa.

—o-o-o—

SANAFADA

E' crença geral e arraigada no espirito dos musulmanos que os francezes não estenderão os seus dominios na Africa, e nada mais farão do que permanecer algum tempo em Argel.

Explicão sua credence por uma palavra mysteriosa — Sanafada, que não tem em si mesma senso algum, porém que se compõe das letras iniciaes dos nomes seguintes: Sultãos, — Nazarenos (christãos), — Fatimas (cherifes), — Dejalets (raça de pygmêos), — Aïça (Jesus).

Esta prophesia explica-se porém d'est'arte:

O reinado dos Sultãos foi substituido pelo dos Christãos, o d'estes dará lugar ao dos Cherifes.

Elles pretendem que o Cherife, que deverá expulsar os francezes da Argelia, já está n'este mundo, pois que vira a luz do dia em Marok, e que chegará de Meca trazendo consigo todas as populações musulmanas por entre as quaes passar.

Depois de reinarem os Cherifes, serão subordinados a uma raça de anões, raça infima e perversa que será exterminada por Jesus.

O filho de Maria proclamará e derramará sobre toda a terra a igualdade e justiça até o fim do mundo.

O prazo para o cataclysmo universal dista dous mil annos da he-gira, porque o Prophéta disse: — O mundo terá mil annos e mais, mas não chegará aos dous mil completos.

EMENTARIO

Decididamente em pleno seculo XIX ergue, arrogante e ameaçadora, a cabeça a instituição de Loyola, não sob o cunho ascetico, não envoltos os seus discipulos na aspera sotaina de um Jesuita ou Lazarista, como antes; mas risonha, jovem, bella, **lorette** emfim, trajando costumes de phantasia, a classica casaca, o romantico **frack** e o discreto **sur-tout**, por traz das ruinas do **Parthenon**.

Assim é, que, sendo nós um dos membros d'essa terrivel sociedade, já não somos mais um homem, aquella creatura imagem do Creador, esse sêr privilegiado que pensa, escolhe e quer, e sim uma **cousa**, que impellem, arrastão, retrahem, e virão e revirão a seu talante. A fé! que já não temos vontade propria, que somos uma especie de Marquez de Montfior, que pensava só e tudo quanto pensava D. José de Santarém, o 1.º Ministro de Carlos II de Hespanha — nós pensamos o que a sociedade pensa, e queremos só e tudo quanto a sociedade quer.

D'est'arte foi que no fim do mez chegarão-se a nós dizendo: — O' seu aquelle, a Revista d'este mez lhe pertence — e, sem mais replica, eis-nos já na elaboração do **Ementario**. E, não o fizemos, a ver como nos reduzião logo a bicarbonato de... qualquer cousa, ou nos exauto-ravão em estatua como ao Cabral velho.

Nada, isso nunca! porque mesmo, méa culpa, méa culpa, méa maxima culpa! nós somos do numero dos mais incançaveis no serviço da sancta congregação...

Graças ao Creador reina paz na igreja Elvas! Esta nossa Porto Alegre é mesmo uma igrejainha... e por ella passou o mez de Outubro como se fôra uma das castas irmãs de Barbara Ubrik, a freira de Cracovia, nada, absolutamente nada deixando á registrar senão mais uns **cinco** expostos nos livros da Santa Casa de Misericordia. Ah! que se não fôra o pranto clamoroso d'esses desgraçados innocentes, orphãos de paes vivos, dir-se-hia que nós não viviamos.

A Hespanha perdeu um Mendez Nunes, a França um Niel; mas nós nem tivemos que perder, ao que parece: uma centena de valentes no Paraguay, um Theophilo Ottoni, um João Manoel e outros quejandos o que valem?

Nada, sem duvida; porque a França e Hespanha chorarão: esta, o marinheiro que queria **honra sem barcos** mais do que **barcos sem honra**; aquella, o bravo de Sebastopol e mais tarde commandante do 4.º Exército dos Alpes: porém quem chorou, quem já se lembra de João Manoel, o vencedor de Tagy e Potreiro Obella, do bravo de Peribebuy, e do illustre Theophilo Ottoni?

Serenemo-nos. Aqui está o Sr. Pavillon das Orphãs da Caridade, para nos dar o exemplo: "Com brandura... com brandura, chegaremos ao nosso fim."

Agora ao fim do que chegaremos, é que quizeramos nos aconselhassem.

Ah! Vejão, do que é causa uma surpresa... Uma surpresa é cousa horrivel, perde-se a voz, a disposição, a energia, a força, e até as vezes nem se pôde correr... E' uma emoção que embota as idéas, emmudece

os tagarellas, faz fallar aos mudos, correr aos parlyticos e parar aos gamos...

A surpresa é o mais logico contraste do ouro.

Este aplaina, remenda, limpa, illumina e consagra tudo; aquella escalfa, rompe, conspurca, obumbra e anáthematisa tudo quanto haja de mais generoso e mais nobre.

Dissemos: que só se conhecia o progredir e a vida entre nós, por esse thermometro da moralidade de um povo — a **roda dos engeitados**, mas ainda é tempo de retractarmos-nos, e assim o fazemos; porque a par da corrupção que avulta devastadora e gigantescamente, marcha o progresso moral e material nas azas d'essa brisa perfumada e veloce que refrigera e purifica os miasmas sociaes.

Porto Alegre vive a vida do progresso e da civilisação; qual o Ashaverus biblico, caminha, sempre, e não como aquelle em precursor de flagellos, mas obreiro do porvir e da grandeza de um povo nobre, entusiasta e bemdicto de Deos!

Vejam os senão; aqui a litteratura nacional, que, nascente embora, palpita entre os louros que já lhe engrinaldão o berço infantil; ali aos açoutes do simoum da morte, entre o fumo dos combates, o pavilhão da liberdade que flamêa sobre as ruinas das alcaçares e das masmorras de um tyranno; a historia que resume nos heróes de uma nação todos os archetypos dos das outras; a poesia da guerra, este mixto divino de nenias e hymnos, de magnanimidade e barbarez, de bello e horrivel, esse concerto do inferno, essa harmonia despedaçadora de soluços e gemidos com os canticos do triumpho!

E, se á esses a gloria espera além tumulo, á outros sorri a fortuna. Este povo, cuja fronte altaneira hoje se levanta laureada sobre os pin-caros das cordilheiras do Paraguay á admiração do mundo civilisado, tem acção em todas as fibras de seu corpo, colosso que impõe limites ao Atlantico.

Deixando mesmo o que se passa além da Provincia, já não seria facil enumerar o que n'ella se offerece digno de menção. Seu progresso material tanto como o moral é immenso e futuroso. Em curto lapso veremos em seu seio lançado o trilho ferreo que deverá unir a capital ao emporio agricola da Provincia, e outro que trará o producto de suas minas ao porto, senão o melhor, o mais concorrido, e unico por onde passão os generos que permuta o nosso commerciante. Assim tambem o telegrapho ligará por minutos a correspondencia entre Porto Alegre e as cidades e povos mais importantes e longinquos da Provincia, que talvez em breve vejamos (graças a uma dedicação rara e a esforços quasi impossiveis, taes os do intelligente Dr. Braga) unida a de Santa Catharina por esse amplexo da civilisação e da fortuna, qual se póde chamar ao ferro-carril.

E não são sómente os meios de communicação que facilitão as transacções commerciaes e o interesse publico e geral, o que temos para, com razão, inda que antecipadamente, nos regosijarmos, não; a industria prossegue tambem, mais lenta, é verdade, porém fertil em resultados benéficos.

Sim, a industria é a felicidade tambem, porque é a intelligencia dominando a materia que se molda e presta a sua vontade e necessidades, porque se estende desde a agricultura até a ultima das artes, até o sublime das concepções do genio, subordinada a applicação da sciencia. E' da industria que assim falla um autor francez, cujo nome ignoramos:

"E' por ella que manifesta o homem sobre a natureza o seu poderio: assim a cultura de um grão, o trigo; a descoberta de um metal grosseiro, o ferro; o emprego de um instrumento bem simples, a charrúa; os serviços que aos homens prestão os animaes que domesticára; e isto seria

sufficiente para mudar a face, para refundir as sociedades humanas; para subtrahir o homem á muitas dependencias, livral-o de muitos cuidados e satisfazer-lhe necessidades as mais legitimas; para emfim, desenvolver-o e tornal-o apto á exercer suas mais elevadas faculdades.

“Por uma lei providencial as necessidades do homem crescem na razão directa do desenvolvimento de suas faculdades. Esta tendência invencível da natureza é o mobil essencial de sua actividade, e pelo qual é incessantemente impellido a tornar-se de mais em mais livre, ao mesmo tempo que, de mais em mais poderoso.”

Conhecidas as vantagens, e inda que obscuramente, a historia da industria, resta-nos então consignar o apparecimento de uma nova, na Provincia; industria que se apresenta materialmente visivel, rica de futuro e de esperanças, offerecendo á navegação, ao commercio e ás artes um novo genero á permuta e trafico com o estrangeiro, para o trabalho; e quiçá para a gloria do paiz, que terá talvez, taes a decrepita Grecia e a orgulhosa Roma, a sua eternisação em seus marmores, se talhados pela mão do genio modelarem em symbolos a sua historia; n'essas abundantes e esplendidas jazidas que superabundão nos municipios circumvizinhos d'esta capital, as quaes dormem, senão o somno da ignorancia, o da inercia, e do abandono. — Oh! que Deos fade bem essa patriotica empreza, que acaba de estabelecer-se no louvavel e grandioso empenho de explorar e manufacturar os marmores do Rio Grande do Sul.

Deixemos, porém de parte, este assumpto, que talvez pareça á alguem improprio para ser tratado em uma revista litteraria — para adiantarmos ainda algumas palavras sobre outros importantes assim.

Temos sob as vistas tres lindissimas poesias, que nos merecem louvores, e são: duas scenas poetico-dramaticas — **O Anjo da solidão**, do illustrado poeta coetaneo, Sr. Bernardo Taveira Junior, e **O Anjo dos Sepulchros**, do talentoso Sr. Francisco Lobo da Costa; e a **Escrava fugitiva**, de nosso amigo o intelligente jovem Achylles Porto Alegre.

O Anjo da solidão é — uma das mais bellas creações poeticas de seu genero, e que bastaria para dar lustre ao nome do Sr. Bernardo Taveira, se este fosse ainda obscuro. Desejamos poder aqui transcrever completo esse poêmeto, porque em sua leitura teria o autor elogio mais eloquente, que todos quantos lhe podessemos tecer; mas o limitado espaço concedido ao **Ementario** não nos permite a satisfação d'esse desejo; não podendo, porém, isso, cohibir-nos de notar, entre alguns, entre todos os versos que o constituem, estes que são bellissimos:

“Cada cranêo é um poêma
“N'esta gélida mansão.
“Cada cruz signala um nome,
“E cada nome um padrão.
“Este campo é uma historia,
“E eu me curvo á memoria
“Dos que repousão aqui;
“Cada qual foi um guerreiro,
“Foi um martyr do Cruzeiro
“Por quem lagrimas verti.

“Quanta gloria o mundo ignóra
“Do silencio na mudez!
“Quantas c'rôas refflorecem
“D'este sitio na rudez!
“Aqui, livres contra escravos,
“Eu vi batalhões de bravos
“Combaterem sem temôr,

"Vi-os cahir denodados
"Bradando entusiasmados:
" Viva o nosso Imperador.

.....

"Oh! em tão féros combates,
"Em tanto ardor nos embates —
"Qual d'elles heróe não foi?!

.....

"Eia! ó cranêos, animai-vos!
"Vinde a historia contar
"D'essas pugnas gloriosas,
"D'essas lutas de pasmar!
"Mas não!... Basta que um só falle,
"Pois d'um só a historia vale
"Para honrar uma nação;
"Iguaes no arrojo e coragem,
"Combatião com a imagem
"Da patria no coração."

Este bello poemeto foi pelo bardo rio-grandense dedicado a uma das glorias do palco brasileiro, a laureada actriz D. Adelaide do Amaral.

O Anjo dos sepulchros, como o Anjo da solidão desce entre as sombras da noute, em horas tardas ao campo, onde se ferira o combate, e então cemiterio; e ahi, ante esse lugubre painel, elle se reclina a cruz da valla onde dormem o somno eterno tantos heróes, e com voz ungida de piedosa saudade, ergue por elles uma prece ao Altissimo, e evocando a gratidão da patria, faz-lhe o panegyrico dos seus gloriosos martyres.

Só o poeta pôde definir em sua sublime linguagem as impressões que o extremecem ante esse triste espectáculo: deixemos portanto, a elle a sua descripção, e ouçamol-o admirados:

"Sombria corre a noute, e as vozes do mysterio,
"De manso, nas hervinhas começo a soprar...

.....

"Tantas sepulturas... tantas cruzes!...
"Nem dardeja sequer um cirio além...
"Vérmes, ossadas... aguçadas urzes!...
"Oh! parece um terrivel cataclysm!
"Diz-me, ó ar, que passaes, cortando as cópas
"Dos arvoredos, se isto é acaso scysma,
"Ou a verdade que meus olhos vêm?...

"O ar emmudeceo... nem me responde!
"Onde estou?... Ah! me diz agora a mente,
"Na mansão dos romeiros da saudade,
"Dos levitas da gloria e — Redempção!

.....

"Róla o raio nos céos... rasgão-se as nuvens,
"E a turba féra nem sequer se aterra!
"Gemem feridos... hirtos de agonia!

"Que espectáculo inda aquelle?... tudo horrivel:
"Nas aguas um clarão como de incendio...
"As galeotas vão beijar o nível
"Dos arroios, que espumão revoltosos!
"Boião cadaveres... mutilados todos!
"E o fumo se aproxima! Ah! cáem mortos
"Mil filhos do Brazil.

"A trincheira é raza!
"São leões que se arrojão no torneio...
"Exhala o sangue seu vapor que abraza,
"Jorrando immenso, fatal, imaginario;
"Parece uma mortalha se roçando,
"Rubra, nos braços de feral calvario!
"Tenho medo de ver! Que quadro feio!

.....

"Amanhã... Ai! Quem sabe! pelo pó,
"E pelas murtas, que o pampeiro arrasta,
"Será este sitio, um mattagal tão só,
"Ignorado p'lo viajor que passa!

"Que importa! Amanhã, aqui, nas beiras
"D'este bosque feral sem nome e luz
"Raiaará o jardim das oliveiras;
"E o calvario, rasgando a mysteriosa
"Procella do abysmo inviolavel,
"Mostrará ao que passa, alma saudosa,
"O sepulchro dos Martyres da Cruz.

Passemos agora ao folheto ultimamente publicado por nosso consocio, o Sr. Achylles Porto Alegre, contendo uma poesia a que chamou **A Escrava Fugitiva**. Não somos, nós bem o sabemos, dos competentes para fazer uma critica sobre qualquer trabalho litterario, e menos inda sobre poesia. Té mesmo, nem o tentariamos se o fossemos. Mas somos-lhe affeiçãoados, e muito francos e livres em nossos juizos, para dizermos ao Sr. Achylles, o que pensamos sobre sua poesia; e ao contrario de outros, começaremos por notar antes das bellezas, do merito que ella encerra, aquillo que lhe julgamos defeitos, e são:

1.^o — Que em sua poesia se aspira muito pronunciado o perfume que trescalla da **Judia**, de Thomaz Ribeiro, de que é impressão immediata e **Escrava Fugitiva**, como se vê nos seguintes versos:

Iremos tambem á Nubia,
N'Abyssinia e no Egypto,
A' patria das tradições,
O berço das lendas santas
D'essas nobres gerações
Agora já mortas tantas.

que lembrão os de Thomaz Ribeiro na poesia **Judia**:

"Cresci, meu pae, uma noute
"Disse-me — E' já tempo agóra;
"Ergue-te ao romper d'aurora,
"Vamos partir amanhã;
"Vamos ver as terras santas,
"Sepulchros de teus monarchas,
"A patria dos patriarchas,
"Desde o Egypto a Chanaã.

Estes outros do Sr. Achylles:

Mãe... ó... não irei mais longe,
Cansei p'ra sempre talvez,
O suor me alaga a face
O sangue me inunda os pés.

que são quasi os do poeta alludido:

"— Pae, cansei, mostra-me a patria,
"Quero dormir sem receio...
"— Filha, encosta-te á meo seio.
"Que não tem patria Israel!"

E ainda outros, imitação immediata aos do cantor portuguez, igual até na construção, como vê d'esta quadra:

Dorme, filhinha das entranhas minhas
Dorme sosinha sobre os braços meus,
Dorme, que aqui eu chorarei por ti,
Anjo que vi esvoaçar aos céos.

Semelhantissima a est'outra d'aquelle poeta:

"Dormes? E eu vélo, seductora imagem,
"Grata miragem que no êrmo eu vi,
"Dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
"Dorme, querida, que eu descanso aqui!"

2.º — Haver, se bem que raras vezes, como que um salto rapido do commum ao bello e vice-versa; um como sopitar de chofre a fluidez do verso, o encadear do pensamento, que parece quebrar-se; enfim, um certo **que**, que não saberíamos explicar, mas que sentimos de des-troncamento quer na acção, quer na mudança das situações, como se vê n'estes versos que são seguidos:

Antes morrer na miseria,
Sem familia e sem conforto,
Pelos seus abandonada,
Do que ser rica e captiva,
De um monarcha requestada,
Nas suas festas conviva.

Meu Deus, Senhor, dai-me forças!
Cansei, foi longa a romagem,
Mas poupa-me ainda uns dias
Até que eu chegue a Guiné;
Quero morrer de agonias
N'esse paiz que meu é,

3.º — Finalmente, não differençar-se o genero do verso nas diversas passagens, n'esses transportes que se poderiam chamar mutações e scenas em gyria dramatica.

E estes são os pequenos defeitos, todos quantos taes nos parecem, e que talvez não o sejam, o que estimavamos de coração.

Vejamos agora o que ha digno, tambem a nosso ver, está claro, de elogio e de nota. Ha muito: ha quasi tudo. Vejamos porém, e comecemos pela pintura breve, mas linda e tocante, que faz o poeta da triste condição da escrava:

Se a pobre chora curvada
Ao pezo de mil tormentos,
Seu pranto não tem valia!
A escrava não tem direito
De verter pranto do peito
Pranto que a dôr allivia!

Se a miseravel captiva,
Curtindo tormentos tantos,
Pensasse em amar um dia,
Sonhasse um mundo d'amores,
Louca de certo seria,
Crendo um riso em mar d'horrores.

E' cheia de sentimento que ella contempla o seu estado, preferindo a morte pela extenuação no abandono a continual-o, e assim exclama com voz repassada de justa dôr:

Antes morrer sem lareira
No seio da solidão,
Sem um tecto, sem guarida,
Lavada a fronte em suor,
Do que ser-se n'esta vida
Escrava de um vil senhor.

Como é sublime a sua prece, quando erguendo o pensamento a Deos o arastra pelas areias ardentes de sua patria, e com a alma a transfundir-se no pranto ora, e rezando falla ao passado, ás saudades, ás reminiscencias! E então são estas as suas eloquentes palavras:

Meu Deos, deixae-me ao menos
Ver o céu de minha patria,
Se patria a captiva tem!
Não sei meu berço onde é,
Se nasci em Mesasem,
Em Loanda — ou em Kobé.

—
Qu'importa! nasci na Africa,
Na terra de Mesraim,

.....
O' menti! Já nem recordeo
O torrão, onde eu nasci,
Roubada ainda creança,
Quando dez annos eu tinha,
Só guardo fraca lembrança
Da mulher que sempre vinha
Cobrir-me as faces de beijos,
Acalentar-me em seu collo...

Porém, quem era meu Deos?
Que sempre a meu lado via,
A embalar-me aos cantos seus
Sorrindo com alegria?!

Em fim, depois de outras muitas strophes, onde a imaginação do poeta ascendeo bem alto, elle ainda soube significar a resignação da martyr, quando os últimos lampejos da esperança de patria se lhe apagavão n'alma, com estes lindissimos versos:

Meu Deus, meu Deus, que fadiga!
O cansaço me suffoca,
Tenho sêde, mas a fonte
A secura me não mata!
Em brazas arde-me a fronte,
Onde a dôr só se retrata.

Meu Deus, que sina maldicta,
Ir-se caminho da patria,
Quebradas tantas cadeias
De medonho captiveiro,
E ver-se correr nas veias
Da morte o sópro ligeiro.

A escrava fugitiva tem por autor um jovem, intelligente e estudioso que promete, se não desanimar como tantos outros talentos e vocações o têm feito, recuando o caminho da celebridade, ser o orgulho de sua provincia: ao menos isto é o que julgamos do Sr. Achylles Porto-Alegre.

Quanto ao juizo que formamos de sua obra, e que julgamos rude, porém sincero, nos faz lembrar a seguinte anecdota, que tem muita analogia ao caso: — Quando em juncta se redigia o *Dictionnaire de l'Academie*, e que o redactor da palavra *minutieux* marcára que o t, n'esta circumstancia, se pronuncia como se fôra um e, um dos membros presentes exclamou aturdidamente: — "Ora é boa! Bem sabemos nós todos que o t precedido d'uma vogal e seguido de um i toma o som de e." Ao que respondeo Nodier, o redactor: — "Meu caro collega tende picié de minha ignorancia, e faça me a amicie de repetir a moicié do que acaba de dizer."

Assim tambem o poeta dirá algo sobre o nosso juizo á sua poesia.

Uma vez na maré das anecdotas, lembra-nos uma outra, que se presta magnificamente a encaixe para fechar o *Ementario*, cuja anecdota se pode chamar a *dos dous adverbios*; eil-a:

Um estudante da Universidade de Coimbra que nos ultimos annos a frequentava, recolhendo se embriagado para casa, encontrou, de madrugada, o lente de sua Faculdade.

— Como vae? perguntou-lhe o *magister*.

— Vou bebado, respondeo o estudante.

— Pois já?

— Ainda, replicou-lhe o academico.

Assim fizeram connosco a respeito da redacção d'esta *Revista*, pois que perguntamos, surprezos, ao *Parthenon*: pois já somos redactor outra vez?

E elle, por seu orgão mais autorisado — o Continuo, nos respondeo: — ainda.

Bernardino dos Santos.

Epilogo.

Desta vez fazemos um **Ementario** como os sonetos do fallecido Sr. João de Pontes, que continuavão, mas é para offerecer aos nossos dramaturgos o seguinte e deploravel acontecimento, como thêma para um drama historico, e que foi assim narrado em gazetilha da **Reforma**:

“Deo-se no dia 4 do corrente (Setembro d’este anno), na freguezia da Aldêa dos Anjos, um facto extraordinario, que revela a energia da mulher quando allucina-se pela paixão, e que se vê desprezada.

“Maria Justina era uma moça, residente na povoação da Aldêa; que segundo nos informão enamorara-se de um moço, negociante ali estabelecido, sendo o seu amor real ou apparentemente correspondido.

“Mais tarde espalhara-se o boato na povoação de que o moço desprezava Maria Justina, e que estava justo para casar-se com outra moça.

“A paixão e o resentimento puzerão nas mãos da corajosa moça a arma com que pretendia vingar o seu amor desprezado, ou quem sabe, a sua honra offendida.

“No dia 4 vestio-se Maria Justina em trages de homem; e ao escurerir dirigio-se á casa do moço, pedio para fallar-lhe, e ao apparecer-lhe, recordou-lhe com resolução e energia o compromisso que havia contrahido da sua vingança.

“Nesse momento apontára-lhe a pistola, porém o esquecimento que teve de armar o gatilho permittio a fuga do moço, que fechára-se em um quarto.

“Maria Justina voltou á casa e ahi suicidou-se, desfechando um tiro sobre o peito.

“Dizem-nos que a infeliz suicida pertencia a uma honesta familia.”

REVISTA MENSAL
DA
SOCIEDADE
PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. — NOVEMBRO DE 1869. — N.º 9

—o-o-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO
PORTO ALEGRE

1869

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Francisco Isidoro de Sá Brito.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

Francisco Isidoro de Sá Brito.

OS PALMARES

ROMANCE HISTORICO

POR

APOLLINARIO POETO ALEGRE

(Continuação.)

CAPITULO V.

Mais de cem negros rodeão o vulto gigantesco de Pero Lopes, e de oito homens d'armas de sua gente.

São ondas sobre ondas que batem um rochedo!

De todos os lados silvão golpes tremendos e elles inconcussos!

Ao principio descarregarão as armas de fogo, mas na continuação do combate só fazião uso da espada.

E então Pero Lopes?

Era admiravel, semelhava um colosso de granito em nossas cordilheiras, onde o raio apenas roça-lhe o fastigio.

O sangue frio, a flexibilidade de movimentos, a certesa da vista, não o desamparavão n'esse momento. Aparava o golpe martifero que lhe atiravão com uma destresa pouco idonea á sua idade, e quando feria um inimigo, rojava pelo chão banhado em sangue e praguejando contra o leão portuguez.

A turba-multa de inimigos estimulada pela resistencia e pelo ardor da peleja, soltava safara e selvatica pocema desesperando da prosecução d'uma lucta em que tão pouco disputavão o terreno, e quando voltavão á carga era com cego furor... ardor do desespero!... Porém desgraçados! Juncavão o soalho com outros cadaveres.

Depois de alguns vinte minutos, só restava Pero Lopes e dois de seus companheiros já cobertos de feridas.

Uma voz sobrepujou o tumulto:

— Basta... Os Palmares não desconhecem a bravura em seus contrarios.

Entre nós não ha um que o exceda em valor.

Deixem-n'o livre.

Disse; obedecei.

Foi um bello e gentil africano quem fallou. Através o azeviche do rosto transluzia-lhe a magnanimidade e a nobresa do coração.

Tinha o sello da magestade no porte e a soberania no olhar.

Acabára de entrar na sala.

Tambem á sua voz, á seu gesto de mando, as mãos descahirão e reinou tumular silencio.

Pero Lopes, cruzando os braços, mediu de alto a baixo.

— Escravo rebelde, disse com sobranceiria, manda matar me, se não breve serei junto ás tuas cabanas com recursos que hoje me falem. E tudo será arrazado. Nenhum habitante escapará ao fio de espada.

Manda proseguir o combate, ou aliás lembra te que a memoria

da injúria não ha de extinguir-se em meu peito... Subupira de novo será um montão de ruínas.

— Orgulhoso portuguez, nada me deves. Se te deixo a vida, agradece a teu valor. Estás livre, parte. Se fores a teus irmãos, dizelhes: que Gozki, filho do Zambi Fabul, os espera em seus entrincheiramentos.

Tens jús á vingança, não a temo.

Pero Lopes acena aos dois homens d'armas que ainda vivião:

— Acompanhem-me.

E transpoz a soleira da porta fulminando com profundo olhar de desprezo aquelle, cuja magnanimidade acabava de salvá-lo.

Gozki sorriu com o sorriso tranqullo que revela um triumpho.

Admira que homens, como Pero Lopes, almas empedernidas, sem uma fibra de evangelicos sentimentos, quando se tratasse da guerra, se transformassem radicalmente. E' que n'estes aziagos tempos ainda vislumbrava alguns vestigios da cavallaria, e apesar dos vicios dos colonos, se aceitava o legado das gerações passadas como uma veneranda tradição.

Via-se então a pollucção grassando em toda a gerarchia social, desde o donatario até o vendilhão das ruas, desde a garnacha até a sotaina; porém, a não ser por um jesuita, a infracção das leis de honra e pundonor escasseava muito.

CAPITULO VI.

Lancemos agora um lance d'olhos sobre a fundação e marcha progressiva dos Palmares.

Aos nove graus de lattitude norte, vinte leguas distante do mar, se elevão os mocambos dos negros Palmares, na fralda oriental da serra da Barriga.

Outr'ora... em 1630, quarenta negros que dizem filhos de Guiné, habituados ao infortunio e fadigas da guerra, acabrunhados sob o jugo despotico dos senhores, e outrosim dominados pelo espirito de liberdade que os hollandezes conseguirão inspirar-lhes, sacudirão as algemas do captiveiro internando-se nas densas e vastas matas de Alagoas.

Caminharam alguns dias.

O topo recortado de uma montanha suspendeu-lhes a peregrinação.

Era de tarde. Uma tibia penumbra começava a rebuçar as trunfas das arvores seculares, que ostentavão luxuriosa vegetação.

A bafagem crepuscular, tepida e doce, segredava ternas endeixas no alaúde da melancolia.

O sabiá —ao recolher-se no docel da rama, despedia-se da luz com um canto cheio de inspiração.

Era a hora da scisma, da saudade e do amor.

Alli, na encosta crescião e mergulhavão nos ares seus leques tremulos, grande porção de airosas palmeiras.

A crista da montanha banhava-se no ouro do sol.

Era um painel soberbo!

Um scenario dos virgens sertões da America!

Estes romeiros da desgraça pararão estaticos, um assomo de admiração emmudecera-os.

De cada olhar deslisava um regato limpido e sereno. A patria, esta terra d'além-mar tão longe e tão estremecida, o passado librado entre o goso da liberdade e os amores das moças africanas, os parentes de cujos peitos foram arrebatados, o areal com seus medões de areia, a choupana de sua infancia, tudo isto reviveu-lhes no pensamento.

Chorarão estes homens de ferro!

Mas era uma grata recordação borrifada do pranto de nobres corações.

Sob o ébano de sua cutis dormia o germen de grandes sentimentos.

O quadro esplendido da natureza tocára-os ao vivo.

Depois disserão unisonos:

Aqui.

E cada um depoz na gramma o fardel de romagem.

E que sitio mais proprio encontrarião?

Como em seu paiz natal, a palma retouçava-se em graciosos me-neios n'uma athmosphera pura; o mio sonoro e grave da canguçu esmorecendo n'um mar de folhas, recordava-lhes o tigre e o chacal.

Além de que não mui longe estava um nucleo de civilisação que serviria a seus serios intentos.

.....

Passarão-se annos.

Tudo soffreu uma mudança que pasma pela providencia com que alguns obreiros destituídos d'uma intelligencia culta, poderão levar a effeito semelhante obra.

Aqui e alli uma derrubada assignala a mão do homem; a lavoura substituiu á vegetação espontanea.

Aldeias se estendem na fralda da serra.

Os tujupares cobertos de sapé e pindoba se desenhavam na diaphana athmosphera, cortando-a com suas comiadas angulares.

Ruas alinhadas e de grande extensão onde homens e mulheres se entregão tranquillamente aos misteres da vida, o cacarejar das aves domesticas, o gaseio tão estranho e simultaneamente agradável dos passaros do bosque, tudo isto emfim desafia o cogitar do espectador.

Em 1695 era um grande povo com vinte mil habitantes pouco mais ou menos.

A' primeira defecção adherirão outras, ora excitados pelos fundadores dos mocambos, ora pela tendencia que todo o homem tem do go-so da liberdade material, e por vezes para furtarem-se a castigos me-recidos, ou finalmente por aprisionamento, porque estes mesmos afri-canos que subtrahirão-se ao captiveiro, não temião escravisar aquellos de seus compatriotas apprendidos nas arduas correrias que fazião de tempos a tempos, tão enraizada lhes ficára a idéa de posse sobre seus semelhantes.

Não é para censurar se quando os vemos natos no meio dos mais absurdos erros e fanaticas superstições.

No berço, nas adustas regiões da Africa virão assim praticar por seus maiores; no Brasil estiverão sob a manopla pezada dos senhores, e d'ahi inda notavão nos indigenas o mesmo costume.

Era bem natural.

Logo que reuniu-se um numero regular, a falta de mulheres fôra geralmente sentida.

Para remediarem semelhante óbice, adverso á sua união politica, resolverão atacar á mão armada as fazendas dos colonos visinhos.

Atiravão-se para isso sobre ellas, entregavão-n'as ao saque e re-trocedião levando comsigo todas as mulheres, sem sequer acatarem a familia dos lavradores. As esposas ou filhas d'estes sujeitavam usual-mente a resgate; porém, tambem não era caso novo o ficarem com ellas.

Em taes pormenores imitavão, sem o presumirem, aos fundadores de Roma, e Rocha Pitta ajunta que o roubo das Sabinas não foi nem mais geral, nem mais completo.

E inda nota-se outra identidade com os antigos dominadores do

mundo, no modo por que fazião a guerra e por que retinhão as povoações limitrophes como tributarias.

Os habitantes de Porto Calvo e de outros logares proximos para manterem as vidas e bens, transigião com elles, ministrando-lhes armas, munições e outros generos de mercancia.

Era uma alliança implicita que assim firmavão.

Tinhão uma fôrma de governo republicano, para o qual era sempre escolhido como chefe, o mais sagaz, intelligente e valeroso d'entre elles. Chamava-se a este Zambi, que por meio de maiores subalternos ou ministros, fazia executar uma legislação oral que todo o cidadão devia conhecer.

Suas attribuições collectivamente consideradas, circumscrevião-se a velar pela prosperidade, socego e policia da nação.

Emquanto a seu codigo penal, era justo e fundado em principios fecundos.

O homicidio premeditado, o adulterio e o roubo, castigavão com a pena ultima.

O escravo que fugia, votava-se ao açoute e frequentemente ao castigo dos maiores delictos, severidade que de nenhuma sorte pôde ser justificada.

Os crimes de menor magnitude tinhão punições correspondente.

Em materia religiosa pertencião á communhão christã meramente aquelles que havião recebido o baptismo. "Estes, diz Southey, conservarão ainda alguns, resquícios do Christianismo, religião de que lhes havião infundido principios tão corruptos, que, nem estes homens ignorantes como erão, poderião tornal-as mais dissimilhantes de seu divino prototypo."

Esmerilhemos as causas efficientes.

O escriptor severo, embora na estreita orbita d'uma peça litteraria, não deve prescindir de asperger á verdade em seus trabalhos. Se a questão não decide-se a priori, reclame as circumstancias de tempo, localidade, costumes, etc., é esta a argumentação idonea para modelar sua obra pela natureza e logica dos factos.

Os fautores erão os senhores e o jesuitismo, que, para mantel-os em cega obediencia, aproveitando-se das densas trevas que os envolvião, não recuavão na peccaminosa empreza de embuir-lhes os mais grosseiros erros.

E quem não sabe quão facil e vigorosa rebenta a má semente em terra sem cultura?!

Em frequentes ensejos o mesmo exemplo cooperava com vehemencia nas aberrações relativas á divindade, e á adoração transcendente do espirito humano, singela, e magestosa, se uma lithurgia e um dogmatismo incomprehensíveis não vem enredal-os n'um ordume de obscuridade.

O catholicismo então desprestigiava-se na America no verdor dos annos e onde a civilisação estreitava o passo de gigante abraçando a seu lábaro a liberdade e a razão — os dous fanaes inextinguíveis do progresso.

E' que a filha de Colombo tinha um fogo divino a pulsar em cada arteria, um volcão de verdades nos seios d'alma.

Os colonos, mórmente os mamelucos, arrostavão face a face a prepotencia da Curia Romana, sem sequer crerem que offendião e cerceiavão de algum modo o poder temporal do Papa.

Tambem como obrarem diversamente, se conhecião os crimes da Inquisição e da Companhia de Jesus?

E o rancor entre colonos e jesuitas não era produzido senão pelo interesse com que uns e outros pleiteavão o trabalho do gentio.

coração aos vinte annos, cheio de fé e de crenças ao culto d'esse amor, esquecendo em seu frenesi uma funda tristeza que desde a meninice povoava suas scismas innocentes.

Leonel que trazia ennastrados em sua fronte os laureis de poeta, e mais infeliz talvez do que ella, occultando sob a pallidez de seu rosto o carinho de mil tormentos, a adorava ou por encontrar n'ella uma irmã de amarguras, ou porque Carlota era realmente bella, como a visão que elle sonhára ao despontar-lhe a aurora da adolescencia.

* * *

E' de tarde, o sol doira apenas o cabeça dos montes, reflectindo-se levemente sobre as agoas dormentes do Guahyba, onde branqueijão as velas de uma ou outra canôa de pescadores. -

Carlota ternamente fita os céos, rebentando entre os negros cilios uma ou outra perola roubada sem sentir á santidade de sua dor. Em que pensaria ella? Em que pensamento profundo amergia Carlota sua fronte descorada, sem as rosas do verdor dos annos, amarellecida em noites de vigílias continuas?!...

Ha n'este espaço que decorre do pôr do sol á noite, um quê de indefinivel tristeza, que nos sensibilisa e entristece, arrebatando-nos a alma ás regiões ethereas do sentimentalismo.

Emquanto Carlota embestia-se nos paineis tristonhos que a natureza descerrava aos seus olhos, uma de suas mestras lhe trouxera uma carta.

Carlota ao receber sentiu um tremor convulsivo, seu seio offegante palpitava sob a branca escumilha que lhe deixava ver aquellas formas divinas, mais arebatadoras do que as de Antiope de Ingres. Ao conhecer a letra quiz sufocar com sua mão delicada a effervescencia de seu collo, seu semblante tornou-se pallido como a açucena que o sol canicular sorveu-lhe a seiva e o matiz das petalas.

Ao ler a carta um grito de dor arrancado do intimo d'alma povoou a mudez de seu domicilio, cahindo de joelhos com as mãos erguidas para o céu, e soltando de seus olhos dois fios de lagrimas.

Leonel já não existia, a carta fôra escripta momentos antes de expirar, quando sua alma abençoava o mundo por ainda possuir Carlota, e os céos por ir gozar a suprema felicidade.

Como não soffreu aquelle coração na hora extrema sem os affagos da familia, e orphão dos carinhos de um anjo que lhe amenisára sua curta existencia sobre a terra?!...

Leonel soffria do peito, uma das razões que lhe obstava de já se haver casado com Carlota; coração nobre e não deixando-se arrastar pelo tufão das paixões, preferiu sempre soffreal-as que sacrificar o resto de sua vida, a felicidade, o porvir de um anjo que o amava devotadamente.

Leonel julgando melhorar de seu incommodo, partira quasi com a convicção de voltar restabelecido d'elle; porém não calculou antes de sua partida nos subtis espinhos da saudade — planta bemdita que tem por orvalho — as lagrimas do coração purificadas em nossas scismas, derramadas em nossas dôres, como um balsamo santo sobre sangrenta ferida.

A estrella oscillante que pallidejava na extrema dos céos nevoentos de Carlota, apagára para sempre sob medonho negrume.

* * *

Um mez ha decorrido depois dos ultimos acontecimentos.

Por entre as cortinas de seu leito dormita uma mulher livida como

uma estatua, como Venus de Cnide cinzelada pela mão inspirada de Praxiteles. Ella dorme e sorri.

N'este sanctuario onde a innocencia repousa, penetra um homem com a fronte nevada pelos annos, tendo sobre as faces fundas rugas mais aprofundadas pelo soffrimento e pelo estudo do que pela idade. Elle abriu as cortinas; era Carlota que ahi estava prostrada pela morte de Leonel.

Seus cabellos da côr da flôr do myrtho davão mais realce ao pallor de seu rosto; seus seios estavam nus, sem uma renda sequer que os cobrisse, talvez devido ao desassocego da febre. O pintor Grego não preferiria de certo para modelo de suas virgens os seios de Lais aos de Carlota. Passados alguns instantes acordou-se.

— Então doutor, não me acha melhor?

— Como sempre esperei vir encontral-a hoje.

Vai melhor da febre, tornou o medico examinando attentamente as pulsações de seu pulso.

— A febre é a vida, doutor.

— Não creia.

— Olhe... para mim é... nos delirios vem-me todas as scenas do passado, que nunca mais poderei gozar senão no céu... oiço a voz d'elle... esta noite elle veio ter commigo... eu o vi ajoelhado beijando-me as mãos... o fogo de seus labios extinguiu-se, havia n'elles a neve em vez d'aquella pyra que ainda senti no beijo de despedida que elle imprimira em minha fronte ao abraçar-me pela ultima vez.

— Tudo isto é a febre, disse o medico completamente absorto, como que consultando os mais reservados segredos de sua sciencia.

— Doutor, eu lhe peço que não apague de meu corpo a febre, deixe que ella me acompanhe ao tumulo.

— Em breve estareis boa...

— Boa!... Eu tenho a morte aqui, disse Carlota levando a mão ao coração.

— A doença não é tão grave...

— A ferida foi funda demais, doutor.

— Tenho fé em Deus, que elle não abandona os seus anjos, lhe disse o medico estendendo-lhe a mão.

— Adeus, meu bom doutor.

— Adeus.

Ao descer a escada o medico levou aos olhos o lenço para enchugar duas lagrimas que lhe humedecerão as palpebras.

Carlota conservava-se na mesma attitude em que o medico a deixára, contemplando por uma janella entre-aberta a immensidade dos céus.

A noite approxima-se e Carlota cerrava as palpebras sob as azas de Morpheu como o cacto ao pôr do sol retrahindo suas folhas.

* * *

Carlota, devido aos recursos da sciencia, depois de um mez e tanto de continua febre pôde erguer-se do leito, de que ella julgára nunca mais levantar-se.

Porém, ella soffria; na pallidez de sua face, sem aquelle brilho da mocidade que se ama e divinisa-se, havia já talvez o bafo gélido da morte.

Ha corações que nascem para o soffrimento e para os quaes a felicidade mundana não é mais que um sonho, uma miragem creada em suas scismas e nutrida de amargoso pranto.

Carlota tinha um d'esses corações; no céu nublado de sua exis-

tência, a felicidade passára mais rapida que um meteóro nos espaços na serenidade das noites do estio.

Isolada do mundo, na mudez de seu sanctuario, humedecidas as faces n'um prantear continuo, repassado das fezes de um lutar incessante — sua vida cifrava-se agora nas lembranças do passado, n'aquelles doces philtros de um amor terno e innocente, como o de Croco e Smilax.

Funda tristeza transparecia em seus olhos, outr'ora cheios de vivacidade; suas palavras arrancadas do isolamento de seu peito, exprimão notas abemoladas como uma harpa desferida em noite de luar aos beijos da viração, e cadenciadas aos gemidos dos salgueiros implantados no chão dos mortos, como dizendo aos vivos — estes são os marcos divisorios entre o mundo e os campos elysios.

*
*
*

Ha um anno que a voz de Leonel para sempre emmudecera em seus labios; ha um anno que a esperança extinguiu-se do coração de Carlota, como um cyrio nos umbraes de uma sepultura á uma rajada em noite tempestuosa.

O mundo, a ventura, para ella desapparecerão sob a lage tumular de seu amante.

Nada mais lhe restava sobre a terra, nem uma illusão sequer se aninhava agora em seus languidos scismares, onde outr'ora sua alma se expandia sob as azas doiradas do amor e da esperança.

Pobre menina! Tão moça e sentindo nas veias de seus seios o gelo da morte infiltrado em noites de insomnias, em noites de amargurado pranto!

*
*
*

Que voz é aquella, plangente, repassada de angustia, vibrada pela corda mais funda do coração, como um harpejo do instrumento de Paganini, que se faz ouvir nos côros matinaes e ao anoitecer na saudação angelica entre as paredes do Carmo?!

Cada accento d'aquella voz é um grito dorido coado em rythmo e harmonia, como um gemido saturado de agonia entre as notas de um órgão em deserto templo...

Essa voz eu a conheço... E' Carlota que cantando chora, como Malvina das tradições dos céus nublados da Escossia descantando sob a impressão da morte de Oscar, seu amante, aos accentos divinos da lyra de Ossian.

Carlota que definhava de dia em dia, que sentia a morte esvoaçar através as brancas cortinas de seu leito, sem mais um outro élo que a prendesse ao mundo, vendo esvaecidas todas as esperanças desbrochadas ás auras do amor, julgando a felicidade terrena como um sonho, trocára a vida do mundo pela solidão de um claustro como Heloisa de Abelard, desprezando as galas, a opulencia e vindo sepultar-se para sempre no convento Argenteuil, victima de um amor infeliz.

A mulher que na flor dos annos abandona o mundo, suffocando na amphora de sua alma os turbilhões de prazer, brotados ao sol ardente da adolescencia — é porque negra ulcera lhe envenena os seios, sentindo o acerbo espinho da descrença ferir-lhe o coração.

Carlota affastando-se do bulicio social, ia buscar na religião o balsamo ás suas magoas.

Um anno ha decorrido que Carlota viera habitar o convento do Carmo.

São dez horas da noite; a ultima badalada ha pouco havia soado solemne e grave na amplidão.

Junto ao leito de Carlota um sacerdote firme, immovel, como aquelle velho senador romano da invasão gauleza, lê um livro attentamente.

Na céla reina profundo silencio, ouvindo-se distinctamente as oscillações de um relógio, assestado n'uma das páredes.

De repente Carlota agita-se no leito, o sacerdote ergue a fronte, que a corôa da velhice cingia, e' seus olhos buscão os da moribunda.

— O que desejas, filha?

— Tenho sede, muita sede.

— O medico privou-lhe de beber agua, filha?

— E' augmentarem o meu tormento; dê-m-me agua, eu sei que morro, é questão de momentos.

O sacerdote baixou os olhos sem responder.

O silencio de novo abriu suas azas n'aquelle recinto.

— Padre, tornou ella, alcance-me aquelle crucifixo, quero morrer abraçada á elle.

O sacerdote entregou a imagem do Redemptor á moribunda e sentou-se com os olhos fitos n'aquelle anjo, que batia as azas para transportar as regiões sidéreas.

Ó, disse ella, não sei o que sinto, nada soffro... nada, meu bom padre...

Ó, meu Deus, deixai-me respirar...

Ella estendeu a mão ao sacerdote que apertou-a entre as suas...

Carlota estava morta.

Achylles P. A.

PARTIDA

Sim! eu li, Dalia, os teus versos,
Me orgulhei de teu talento,
Perfumes e sentimento
Imagens de tanta dôr!...
Mas ah! que é tarde, querida,
Cumpro as leis do fado iroso,
Vou partir... pois é forçoso,
Deixo a alma e deixo amor!...

Ai meus tempos de ventura,
Paz, amor e poesia,
Vou tudo perder n'um dia,
No dia em que te perder!
Que a vida é como tu dizes:
Não passa nunca de um sonho,
Um dia bello e risonho —
Depois... tristeza e soffrer!...

Como era bello esse sonho!
E como elle é bello ainda
Se te vejo sempre linda,
Triste, sim, mas me sorrir!...
Oh! do tempo qu'inda resta
Até o ultimo instante,
Eu quero — poeta — amante —
Viver n'elle a me illudir!...

E adeus, oh! noites felizes
Em que eu affrontava ufano
A tormenta, o minuano,
Para estar junto de ti!
Adeus, oh! tardes de nacar
Em que eu te via formosa,
Fresca, linda como a rosa,
Mundano ideal da hury!

Mas não chores, inda é cedo,
Nivea garcinha de amores,
Já vai abrindo das flores,
Na primavera o botão;
As andorinhas já voltão,
E o céu tem nuvens de prata...
Não chores — olha na matta
Já as aves trinando estão...

Não chores; canta — na fronte
Tens o dom de poetisa,
Canta amor e pede á brisa
Que te dê suspiros meus:
E nas nuvens e nas auras,
Na rolinha que suspira...
— Na saudade — sim — te inspira
Em mim, em ti e em Deus.

E amanhã quando eu fôr ido...
Olha os céus e pede a lua
Que me leve a imagem tua
Ao meu desterro de lá;
E quando as aves no inverno
P'ra o norte alçarem adejo,
Oh! então manda-me um beijo
Nas azas de um sabiá.

Relê depois estes versos
E roreja-os com teu pranto,
Traduzindo este meu canto
Na dulia de um serafim...
Mas se acaso por tua mente
Passar de um outro a miragem,
Ai! não percas minha imagem
Ai não te esqueças de mim!...

Adeus! amante adorada,
Acabou-se o nosso sonho,
Vou viver triste, enfadonho,
Porque sem ti vou viver;
Ai! Dalia, de ti tão longe
N'essa afanosa cidade,
Eu — n'ausencia e na saudade,
Que farei? irei morrer. (*)

Porto Alegre — 186...

F. Antunes F. da Luz.

(*) Verso de Gonzaga.

O CELIBATO

EPISTOLA IV

Infatigavel vejo na estacada
O meu tão caro Pylades, mas lesto
Esquivando-se aos golpes que lhe atiro.

Recursôs não lhe faltão, seu engenho
Profusos os ministra a seu talante.
Se eu hoje fôr vencido lhe prometto
Que nunca mais o gladio da verdade
Me encontrará vibrando em outra arena.

Refugium peccatorum, acredito,
São esses teus peccados de que fallas!
Deixar de rir não pude em caso sério,
Mas tens tal seriedade que conter-me
Não foi possível, ri e ri deveras!...

Dizes que Adão legou-nos um peccado
Antigo como o mundo, como os seculos:
Original o chamas, certamente
Porque d'elle descende a nossa especie.
Ab Jove! o não conheço como o pintão.

Eva trazes á téla, como autora
Do crime abominavel que condemna
Uma progenie toda a penas cruas;
Mas o comer o fructo da sciencia,
Eu creio em nossa mãe não foi máo gosto.
Antes hoje outras muitas a imitassem
Que menos ignorancia tinha o mundo,
E os filhos, como nós e tantos outros
Sahirião do berço armando pleitos,
Manejando algarismos e compassos,
E em subidas materias discutindo.
Em quanto ao demo — genio da maldade,
Que da serpente a pelle revestira,
Juro que o não vi por vida minha,
“**Non video, non crederam**” disse um santo,
E eu em estranho caso o sigo á lettra.

Não me dirás do assumpto já que trataas
Por que zonas s'estende o Paraizo?
Se é certo que demora junto ás terras
De Fohi e de Confucio ou é o reino
Do famoso Cibango que refere
O errante Marco Polo...

Eis d'uma duvida

Que eu quero me tirasses. Mas severo
Parece que estou vendo o meu amigo
Reluctar na leitura d'essa epistola.
Que queres pois que eu faça? Que eu consinta
E aceite o juizo erroneo tu desejas?

Os filhos onde vimos pelos crimes
De seus pais responderem no presente?
Foi doutrina transacta, eu sei, amigo,
Quando pela tragedia de Solyma
Israbel, nos dizião, vagueava,
Sem patria das nações escarnecidas;
Quando do despotismo o braço fero,
Destacava impedindo a liberdade
Nos cimeiros adejos do progresso,
Os tectos arrazando furibundo,
Salgando os campos — palco de homens livres;
Quando golfava o throno de S. Pedro
Chuvas de excommunhões e de exorcismos
Sobre a misera e triste humanidade;
Mas a razão repelle tal doutrina
Que innocentes arrasta ao cadafalso;
A justiça nos erros não repousa,
Principio de moral, direito egregio
Do empyreo emanados não se calcão.

Innocente Terceiro em raiva acceso
Póde matar a prole dos Catharos,
Póde o bronze soar de São Germano,
De Coligny, Caumont e Ferrières
Ordenando execrando assassinato,
Póde um Borgia reinar em mar de sangue
De incêsto e de ignominia tendo ao lado
Infame Machiavello que o defenda,
Póde o Escurial erguer-se carrancudo,
E nos autos — de fé — o Santo Officio
Insonte gente inerme nas fogueiras
Sem piedade arrojear, mas resta a historia
— Areopago de arestos implacaveis,
E do genero humano a consciencia
Que não perecerá mercê de algozes.
Se as leis da terra os filhos não condemnão
Como crês que a causa do Universo
— Um Deos de bondade e de doçura
Inferior aos homens se pareça?

Como irás expiar um vão delicto,
Crime que não é teu, e que apanhamos
Da traducção nas ondas quasi mortas
Qual ambar que na praia o mar atira
E buscamos a fonte inutilmente?

Dizes que a morte, os males nos vierão
Da falta que Adão e Eva commetterão:
Que creias convencido em taes sandices
Não creio, não concebo, ás veras fallo.

Se outra vida antes d'esta nós tivemos,
Se fomos cherubins, prompto aceito;
Mas não com essas formas e esse corpo
Nos climas do planeta que habitamos.

A planta que viceja na floresta,
A alimaria que pasce na campina,
A ave que o céu azul percorre alada,
O insecto que nas folhas tem seu mundo,
O peixe que nas aguas nasce e vive,
Não os vemos morrer? E tem acaso
Peccado original por que respondão
Nos dias do presente?

Não pretendas
Com frivolos sophismas perturbar-me,
Que nullo intento fôra; o céu m'escuda;
A verdade defendo e seus direitos.
Dizes mais que te pezão mil remorsos,
Que mil magoas afligem-te incessante.

Quem falla não sou eu, ouve: é Christo.

Não nasce a luz de si, o sol não faz-se
E a terra não viveu dos tempos antes;
Os fizeram, se vivem. Quem creou-os?
Aquelle que no amor resume tudo,
Que o nada vivifica n'um seu gesto,
Cuja voz aniquila, extingue mundos,
Cuja mão concedeu-te os bens que gozas.
Adoras a teu Deus?

Sim, lhe respondes.

A mulher deu-te á luz, és fructo d'ella
Seu seio saciou-te a fome, a sêde,
Bebeste nos seus olhos ternos raios
E em sua voz a crença que sublima;
E o varão deu-te a sombra, e o sol ardia
E chegou seu braço ao teu, e em pé t'ergueste,
Andavas nú, lançou-te ao hombro a tunica
E depois teu espirito alentara
A senda te mostrando d'este mundo.
Honraste-os na velhice, foste sempre
A gloria de teus pais?

Sim, tu respondes.

Filhos, eu te digo, todos os homens
D'aquelle que os creara, tanto os ama,
Do pai da natureza, pai bondoso,
D'aquelle cujo amor estreita o mundo
E não castiga os Africanos incolas
Por seu Deus adorarem no fetiche,
Porque a Vichnou e Siva curvem outros
Em Allah muitos creião, sigão muitos
De Budha e de Moysés, as leis escriptas
E um Tupan tonante a ponte dobrem;
Porque questão de nomes nada vale,
Vale a crença-fanal do sentimento,
Lume que o coração na voz, no gesto
Copioso irradia, intenso inflamma.
Tu amas teus irmãos?

Sim, lhe respondes.

A Naboth extorquiste os lindos cachos
Orgulhando o vergel?

Não, tornas inda. .

De teu irmão o sangue derramaste,
— Caim mataste Abel?

Não, o repetes.

Sua mulher cubiças? Nunca foste
De Urias assaltar o santo thalamo
Como David o fez?

Nunca, respondes.

Teu corpo nos excessos se apascenta?
Teu coração conserva más sementes
Que produzem o mal?

Porque emmudeces?

Ah! Teu peccado, amigo, está nos erros
Que professas agora com soberba!
Na pugna em que uma lança forte vibra
Em prol do celibato! Não nas eras
Onde em commum passamos dóce vida.

Estou cansado, a noite se adianta,
Mas ante-ponho o fecho, escuta ainda:

Jezus se retirando e seus discipulos
A tarde de Bethania e vendo ao longe
Frondifera figueira, a ella forão;
Porém só folhas tinha, nem um fructo
E disse então Jezus: Ninguém teus figos
Jámais na terra os coma.

E a aurora crástina .

A figueira encontrou mirrhada e sêcca.

.....
O padre é a figueira sem ter fructos?

Appollinario P. A.

A AURORA

Eu amo a aurora dos vergeis do sul
Que a flor desbrocha d'infantis amores,
Meigo poema de harmonias cheio
Na linda tela de mimosas cores.

N'um meio riso de fulgente aurora
Abre-se um mundo de gentil poesia,
Exhalão as flores mais perfumes, vida,
E a natureza mais descanta um dia.

O lyrio murcho, que no hastil pendêra,
Ao grato orvalho reverdece então,
E a harpa eolia, que dedilha a brisa,
Traduz-se em notas de febril paixão.

Cobre-se o prado de roupagem alva
Da laranjeira nas esparsas flores,
A selva em galas a sorrir florida
Tambem desperta a resfolgar de amores.

Veloz serpêa na montanha a fonte
Que o sol nascendo vem languil fitar-se,
E a branca espuma de christaleos flocos
Convida ao cysne para vir banhar-se.

Ha tanta vida n'essa voz suave
Que falla ao mundo no volver da aurora,
Que a fé renasce com meiguice n'alma
Vibrando ao peito doce amor d'outr'ora.

Eu amo a aurora dos vergeis do sul
Que a flor desbrocha d'anfantis amores,
Meigo poema de harmonias cheio
Na linda tela de mimosas cores.

Porto Alegre. Novembro.

Appelles P. A.

A VIDA

(FRAGMENTOS DE UM POEMA INEDITO)

I.

Levanta o albor da vida, e o caminheiro
Lá segue pela estrada;
Deixa no berço o marco da partida,
Cumprir vai seu destino.
Ao principio são risos de esperanças,
Prazer, e doce enleio...
Contempla o céu sorrindo na bonança,
No brilho das estrellas;
O sol, a natureza e o mundo inteiro
Promettem o impossivel!
Eterna primavera lhe convida
Na amplidão virente,
O colhido perfume ás brancas flôres,
O mel colhido n'ellas.
Pulsa o peito infantil impaciente
Chegar á raia extrema;
Estende a curta vista no horisonte,
O fim é já tão perto!...
Os passos accelera; na passagem
Sacode o pó da estrada,
E caminha, caminha sem descanso,
Com fé mais pura n'alma!
Lança outra vez a vista no poente,
O engodo é sempre bello!
Tudo esquece; e no pensar, na ideia
Só tem almo conforto.

Que sonhos de prazer n'alma alimenta
Em turbilhão de risos,
Na debil nuvem que o rever alcança
Julgando o Parayso?!
Vem augmentar-lhe o calor das veias
O facho dos estios;
Passa a mão pela face empoeirada,
Sente o fogo da febre;
Lavada de suor a fronte ardente,
Lateja em descompasso!
Enlanguede um instante ;o sonho volve;
Vê tudo por um prisma!
Não lhe foge o anhello lisongeiro,
Oh! não lhe foge ainda,
Mas sente a dôr nas plantas laceradas,
Começo de um tormento.
Para que a carreira permanente
Na tão longa jornada,
Sem contemplar do céu a immensidade
Miragem de bellezas?
Para que fatigar-se... a felicidade
Parece ali tão perto!...

II.

A esperança siderea inda o confôrta
Entre mil resplendores,
A noite de luar suavisa o sangue
Que pulsa nas arterias,
Os cirios, que nos ares pallidecem,
O fazem meditar.
Mas augmenta-se a dôr, nas chagas feitas
Dos cardos pela estrada,
Nas horas em que o sol em pino aquece
A poeira dos trilhos,
Quando pendente no hastil a branca rosa,
E calão-se os insectos.

Só elle! Eil-o que segue pela senda
Juncada de desvios!
Mas inda assim prosegue, inda tem risos,
A's crenças do futuro.
E' poeta; na mente afogueada
Quantas visões de amores?
Quantos sonhos fictícios de esperança
Lembrados n'uma noite?!
E vai um após outro se apagando
Como as estrellas d'alva,
E vai um após outro dentro d'alma
Nascendo e refulgindo.
Soluça, treme... vem após um riso,
E sem cessar descanta!
São fragmentos de um sonho lisongeiro
Que não quer esquecer.
Falla á Deus inquerindo a brisa tibia:
Porque nasci?... Pergunta.
Exaspera, comprime no seu ambito
O coração que chora,
Ao silencio fatal que lhe volteja,
Da natureza muda...
Sorri depois á borboleta andante
De doirados matizes,
Onde quebra-se o sol prismando as côres,
De mil raios doirados.
Esquece as dores preso ao labirinto
De tantas commoções!
Colhe á beira da estrada roxo lyrio
Que murcha após instantes!
E vai o coração se requeimando
No tormento da sêde...
Sorve gôttas de orvalho na passagem
Pendidas na roseira;
Em vão as aguas de chrystalea fonte
Bebeu e bebe mais...

O cansaço o acolhe, os membros lassos,
Os passos lhe fraqueão;
Vem o delirio calcinar-lhe o peito,
Quer descansar... não pode!

Uma voz se levanta entre a poeira,
E só lhe diz: — Prosegue!...
Então o forasteiro volta a fronte
Quer ver o berço amigo,
Mas descobre o infinito já sulcado,
O marco está bem longe!
E caminha... caminha! A dubia estrella
Sumio-se no horisonte...
A nuvem se deslisa pelo ether
E lhe sombreia a fronte!

III.

Foge-lhe então o prisma de illusões,
O mundo lhe apparece
Corrosivo qual é, entre esplendores
Pejado de miserias!
Que martyrios, que lutas incessantes
Ao descer desse sonho!
Que pugna medonha se levanta!
Entre o peito e a razão!
As dores lacerantes dos espinhos
Embebidos nas carnes,
O alento da vida esvaecido
Nos membros que fraqueião;
O mundo encadeado á vis paixões,
Que renegão dos céos,
Fortalece a razão nessa descrença,
Pungente e dolorosa:
— O amor, como Deos, é um mero sonho,
A vida, um só martyrio! —
E o coração lhe diz agonisante:
— Tenho ainda esperança!
Limpa as palpebras de lagrimas banhadas,
Mas a esperança é morta!...
E caminha, caminha o peregrino
Na senda do infinito!
As horas da existencia estão contadas.
Não pode ter descanso!
A nuvem já cubriu-lhe o firmamento,
A escuridão perpassa...
Sem mão amiga que lhe limpe ao rosto
Os suores da fraqueza;
Sem amparo que guie os debeis passos
Do corpo vascilante!
Revoltando-se então contra a natura
Quer descansar... Embalde!...
Inda imbellé supplica extenuado;
E a voz lhe diz: — Prosegue!...
E elle segue no trilho, a cada passo,
Um gemido soltando!...
E caminha, caminha longo tempo...
Por um seculo inteiro!

Até que chega á raia da romagem!
Emfim parou agora!...
Um abysmo mais negro que a tormenta

Dista a penas um passo,
E' o ultimo gemido desse peito
Agonizante e fraco...
Avança emfim, e no abysmo horrivel
Para sempre sumio-se!

E o que resta depois d'essa jornada
Tão cheia de tormentos?
Os cantos de uma lyra que quebrou-se,
Lembranças de um passado.
E algumas flores murchas, desfolhadas,
Colhidas na passagem.

S. Brito.

EMENTARIO

Delenda Carthago!

Abrão-se os diques, vomitem as cataractas... converta-se o firmamento em nevoeiros de saraiva, abra-se o sol o oceano, mas que venhão notícias do chronista.

Grande coisa é ser chronista! Descreve trinta dias com a mesma paciência com que uma criança desfolha uma a uma as trinta petalas de uma rosa!

E não deve elle ser pretencioso?

Mas... porque? O que é uma chronica?... Quatro linhas escondidas no fundo de uma revista de trinta e duas paginas, meia duzia de noticias esquecidas á primeira vista, e muitas vezes nem honrada com a leitura do assignante... Finalmente... o tempo urge, e se continúa a divagar não poderei ser pretencioso, e farei o triste papel de D. Quixote a combater os monstruosos gigantes transformados em moinhos. Pedreiro livre... mãos á obra.

*
* *

THEATRO. — Subiu á scena no dia 1.^o d'este mez o mimoso drama **Carlos ou os fabricantes do Porto**; é um trabalho puramente portuguez, tanto pelos costumes como pela linguagem.

E' talvez o melhor drama portuguez que n'este decennio tenha-se exhibido no nosso theatro, mais da classe realista que da romantica, possui no seu singelo enredo, uma linguagem modesta, mas á caracter.

Levado á scena em commemoração ao anniversario do rei D. Luiz I, deu-nos uma noite aprasivel pelos esforços que fizeram os actores para seu bom desempenho.

A empresa dramatica resente-se por falta de pessoal; tem poucas figuras boas, destacando-se sobre toda a companhia o actor Araujo.

E' um dos melhores actores que temos visto n'esta cidade; recommenda-se pela intelligencia com que interpreta seus papeis, pela belleza com que os executa, e pelo caracteristico proporcionado; enfim, nada deixa a desejar.

Vimol-o nos diversos dramas **Dalila**, **Estatua de Carne**, **Mulher e Mãe**, na **Graça de Deus**, em **D. Cezar de Bazan**, assim como em em muitos outros, e o Sr. Araujo tem sempre revelado ser verdadeiro actor dramatico.

*
* *

DRAMAS. — Temos a inscrever mais dois trabalhos dramaticos: **Jeny a Irlandeza** e **A Vingança**, são titulos de dois dramas do Sr. Luiz Antonio de Almeida.

Não conhecemos o autor, nem queremos aqui analysar seus trabalhos; noticiamos e apenas faremos algumas reflexões sobre elles.

Jeny a Irlandeza, é extrahido do romance **Rocambole**, do escriptor francez **Ponson du Terrail**.

Tem algum tanto de inverosímil como acontece nas obras d'aquelle romancista. Sentimos que o autor se dê ao trabalho de extrahir o enredo de seus dramas de outras peças litterarias.

Temos visto na **Côrte** subir á scena por dezenas de vezes, e sempre applaudidos fervorosamente, os dramas **Antonieta**, e **Margarida**, extrahidos do mesmo romance; no entanto nunca procuramos conhecer seus autores: é que se ahi colhe-se alguma gloria, ella pertence ao autor do romance.

Sabemos que o Sr. Almeida é muito jovem; não queremos com o que temos dito, pôr um obstaculo a que mais tarde colha louros na senda litteraria, não; antes pelo contrario, diremos sempre — **Avante!**

A Vingança, é um trabalho melhor organizado, e por isso sendo um primeiro ensaio, está acima d'aquelle outro, merecendo palavras animadoras. Seus quadros estão melhor dispostos, seu enredo é bello, notando-se apenas não finalizar o drama como devia.

A litteratura dramatica é um trabalho que necesista de muito estudo e cautela.

Deixamol-o por aqui, e passemos aos

*
*
*

Cantos do ermo e da cidade. — E' um novo volume de poesias do mimoso cantor Varella, do filho dilecto do Guanabára!

Devêra antes chamar-se — **Flores do ermo e da cidade**; flores! ahi as ha singelas e puras, trescalando o aroma suave d'aquellas que vegetão nos prados solitarios, chrystalisados pelo orvalho do albôr; existem tambem adormecidas entre os salões esplendidos em vasos de christal.

O que nos diz o **Canto do sabiá**, **A filha das montanhas**, e o **Vagalume** quando falla:

“A tribu das borboletas
Das borboletas azues,
Segue teus gyros no espaço
Mimosa gotta de luz.”

O que nos diz? . . .

A alma do poeta comprehende a bella obra da creação! Sublime comparação!

Como sua lyra se manifesta rodeada de esplendores na poesia — **As Letras?**

“Na tenue casca de verde arbusto
Gravei teu nome, depois parti;
Forão-se os annos, forão-se os mezes,
Forão-se os dias, acho-me aqui.
Mas ai! o arbusto se fez tão alto,
Teu nome erguendo, q' mais não vi!
E n'essas letras que ao céu subião
Meus bellos sonhos de amor perdi.”

— E tu, elevado cantor da — **Minh'alma é triste**, — qué dormes sob a lousa mortuaria, quando embriagado nos sentimentos de tua alma, a brisa que passava não te murmurou um segredo, não te disse que voltaria sob o livre céu do Guanabára?... E ella voltou... voltou e viu-te adormecido nos páramos da eternidade, mas achou outro can-

tor que a esperava; era uma lyra doce e meiga como a tua. Olha... vê n'esta voz a magica doçura dos teus cantos:

"Amo o silencio, os areaes extensos,
Os vastos brejos e os sertões sem dia,
Porque meu seio como a sombra é triste,
Porq' minh'alma é d'illusões vasia."

.....
"Amo as perpetuas que os sepulchros ornão,
As rosas brancas desbrochando á lua,
Porque na vida não terei mais sonhos,
Porque minh'alma é de esperanças nua."

Não é só isto; cada um verso de Varella é uma perola estimada. **A Lenda do Amazonas, O General Juarez, Leviandades de Cynthia e O Filho de Santo Antonio**, são preciosas poesias; e sobretudo quanto é bello, mimoso e elegante quando diz em suas **Estancias**:

"O que eu adoro em ti não são teus seios,
Alvas pombinhas que dormindo gemem,
E do indiscreto vôo d'uma abelha
Cheias de medo em seu abrigo tremem."

Que comparação podera melhor pintar os sentimentos da alma do poeta?

E' este o segundo volume de poesias que o Sr. L. N. Fagundes Varella tem dado á luz no correr d'este anno.

* * *

As victimas algozes — lê-se no frontespicio de dois volumes de romances do nosso distincto litterato o Sr. Dr. Macedo. Tres novellas são escriptas sob aquelle titulo; é um trabalho original onde o autor pintando essas scenas que diariamente se dão em nosso lar, revela quão prejudicial é para a sociedade a escravatura.

A primeira novella, **Simão o crioulo**, é o escravo que desconhece o sentimento da gratidão, e por ser escravo paga os beneficios recebidos de seu senhor com ingratidão.

A segunda, **Pai Rayol, o feiticeiro**, são dois escravos que se unem para a destruição de uma familia; é um quadro horrivel do escravo revoltando-se contra o senhor, mas muito commum entre nós.

O ultimo, **Lucinda, a mucama**, é ainda o verme peçonhento que tantas vezes tem corrompido o seio de nossas familias, é ainda a escrava respirando com as nossas virgens no mesmo ambiente.

Triste verdade nos apresenta o Dr. Macedo n'estes tres romances.

Vingança por vingança é o titulo de um drama publicado recentemente na Córte por seu autor o Sr. Constantino Gomes de Sousa.

* * *

Bibliotheca. — O Exm. Sr. Dr. M. Homem de Mello acaba de presentear ao **Parthenon** com um exemplar de cada um dos seus trabalhos biographicos e historicos.

O nosso illustrado consocio nunca se esquece da provincia que tão

sabiamente governou; e ainda mais, amando a litteratura patria e desejando seu engrandecimento, nunca se faz esperar em semelhantes occasiões.

Outro sim recebeu o **Parthenon** o 1.º numero do **Soldado e o Marinheiro**, órgão da classe militar. Já se fazia esperar em nosso paiz, onde todas as classes sociaes tem proprios defensores.

E' não recuarem os esforçados campeões a quem desejamos um futuro brilhante.

* * *

Libertação de escravos. — O **Parthenon** foi surprehendido por um officio assignado por algumas pessoas moradoras na **Cachoeira**, que remettião-nos, para ser destinada á libertação da escravatura, a quantia de 313\$740 réis.

Era o producto de um espectáculo, que alguns moços d'aquella cidade, desejosos de ver erguido em nosso paiz o estandarte da civilisação e da liberdade, exhibirão para coadjuvarem o **Parthenon** no solemne festejo que teve lugar na noite de 19 de Setembro.

Um bravo unisono erguemos saudando essa mocidade, tão briosa quanto util á patria!

O sol da liberdade parece que lentamente vai desdobrando seus raios aos martyres escravos!

* * *

Delenda Carthago!

Algumas palavras sobre a revista de Outubro.

Agradecemos ao illustrado redactor a nomeação que nos fez para o cargo de — continuo, — isto é, — o órgão mais autorizado, — pois cremos que quem o intelligenciou de que seria redactor d'aquelle mez, quem respondeu como aquelle estudante bebado — ainda — não foi outro senão o chronista de hoje.

Orgulhamos-nos da nomeação, mas não desmoralisamos o monumento do **Parthenon** em ruínas, como fizerão os discipulos de **Loyola** por traz da cruz da Redempção.

Outro sim o redactor d'este mez votou contra a publicação da carta anonyma, porque não aceitariamos demonstração alguma por escripto, visto seu autor acobertar-se sob profundo mysterio.

* * *

Iamos esquecendo o resto...

O que dizem agora sobre as pretensões do chronista?

Deve elle as ter, ou não?

Eis concluida a tarefa, venha a recompensa; desejo tudo o que amo.

Querem saber quaes são meus amores? Pois leião o seguinte **Soneto**:

Eu adoro o viver onde a paixão
Em horridos tumultos se revela,
Amo o rouco gemer d'atroz procella
E o batel sobraçando ao vagalhão.

Amo o mocho a piar no cemiterio
Quando banha-se a lua em mar celeste,
Ou quando o vendaval quebra o cypreste
Querendo derrocar todo o hemispherio.

Amo mais a mulher q' deixa o leito
Onde fôra feliz, outr'ora amada
Do desprezo sentindo amargo effeito

E raivosa em ciume, a mão armada
Embebendo o punhal no ingrato peito
Solta após estrondosa gargalhada.

Novembro de 1869.

me o peito, mais amor para offertar-te! Na lucta insana que travei com o coração, o resultado foi este: hoje a doença, amanhã a morte... oh! é horrível..."

A tosse suffocou o enfermo, e uma golfada de sangue sahiu-lhe pela boca.

Passados alguns momentos, Guimarães fallou:

"Meus amigos, sinto que a minha derradeira hora se avizinha; já nem forças tenho para fazer-me ouvir. Cheguem-se a mim, que lhes quero dar um conselho. Accuso da minha morte a sociedade. Desde os primeiros annos revelou-se-me uma irresistivel vocação para as letras. Nas horas de ocio cantava na lyra e escrevia folhetins para jornaes. Passei do folhetim ao romance, convencido de que o primeiro é como a flôr de um dia, que a viração lança para longe. Quando o meu nome começou a apparecer elogiado pelos mestres, senti-me orgulhoso, e disse: ao menos assim ha uma compensação para os que se afadigam pelas letras. A maledicencia e a inveja não tardarão em lançar-me ao coração o gelo da descrença; e no combate á que provoqueei os materialistas da epocha, tive a infelicidade de ser vencido.

Cantei, e rirão-se estolidamente dos meus hymnos; e um mais ousado houve, que perguntou o que guardava a cigarra para atravessar o inverno.

Escrevi folhetins aos domingos, e recebi-os ao outro dia envoltos nos generos da taberna.

Fiz romances, e não achei editores nem subscriptores.

Tantas decepções enfraquecerão-me o animo; e pela primeira vez tive de curvar a cabeça á sentença dos homens que proclamavão a supremacia do dinheiro, e declaravão-se em guerra aberta ás letras.

Desanimei; lamentei ter consumido a melhor parte da minha vida a estudar a litteratura, a aprender a historia.

Vi-me sem meios, mas repugnou á minha dignidade ir pedil-os aos unicos que m'os podião dar, aos que se dizião senhores absolutos porque tinham muito oiro!

Preferi a miseria; e querem saber porque soffro?

Tive fome muitos dias; quando quiz erguer-me para recorrer aos poucos amigos que me restavão, não me foi mais possivel; a enfermidade não m'o consentiu.

O meu exemplo deve servir-vos de lição; não se cancem; se ainda é tempo, deixem os livros, e tornem-se commerciantes; hoje no mundo tudo é calculo e commercio, até... no amor...

E a tosse e a golfada de sangue repetirão-se.

Bem sabião os dois amigos do enfermo que, sobretudo, fôra o amor despresado que matára Guimarães; tinham lhe surprehendido o segredo n'um momento de febre; respeitarão n'o, fingirão ignorar-o!

A agitação de Guimarães foi crescendo, e em pouco conheceu-se que a sciencia nada mais tinha a fazer.

Guimarães abraçou os dedicados companheiros que tinha em derredor, a agradeceu-lhes por não o terem deixado morrer só.

A sua ultima palavra foi um perdão a Malvina, e uma absolvição aos que o tinham insultado.

Alberto e Leonardo fizeram o enterro do pobre poeta, roubado á vida no verdor dos annos.

No mesmo dia do sepultamento de Guimarães, Malvina recebia-se em matrimonio com o escolhido da sua ambição, um homem rico, que comprára a peso de oiro o titulo de commendador.

Deus deve ter em sua santa gloria o moço que atravessára o caminho da vida, sangrando os pés nos espinhos que lhe semeiarão; Malvina soffre as consequencias do seu orgulho nos desgostos que o consorcio lhe trouxe.

Aurelio de Bittencourt.

A PEDRA FENDIDA

LENDA NACIONAL.

A GUILHERME DA SILVEIRA

Surgindo n'agua á flôr coberta de verdura,
O mar em torno d'ella assim brando murmura:
Tú és de Guanabara a mais mimosa filha!
Nenhuma como tú no seu regaço brilha,
Tão bella e tão gentil, oh Paquetá saudosa!
Eu mesmo, nos vaivens da lida porfiosa,
Ao ver o solo teu coberto de verdores,
Em ti penso beijar a Ilha dos Amores;
Aquella que em meu seio á voz de um genio surge,
E que ao repercutir da voz inda resurge,
Bella qual a creou esse inspirado genio,
A que no mundo deu o mendigar por premio. —
Alli a tradição conta uma triste lenda,
De que te faço, amigo, esta singela offrenda.

Paulo era pescador e mal entrava ainda,
Na idade das paixões; quadra risonha e linda,
Em que elle, além do mar, que impavido sulcava,
Para tudo no mundo com desdem olhava.
De pequeno, seu pae, um pescador tambem,
Ensinára-lhe a ver o que de horrendo tem,
No seio a tempestade, quando ao mar e á terra,
Revolve a face n'um e n'outro abala a serra.
Mas um dia seu pae á choça não voltára,
A morte com traição do barco o arrebatára!
Colhia o pobre velho a rêde sem cautella.
E subito sentiu-se emmaranhado n'ella;
Desenredar-se quiz, porém fatal sentença.
Já tinha a sorte escripto; a superficie immensa
Ao corpo que tombava um largo espaço abriu,
E o corpo á superficie, ai, nunca mais subiu!

Paulo ao perder seu pai sentiu-se de repente,
Irmão e protector de linda adolescente.
Encanto e seducção dos rusticos visinhos;
Amelia, se chamava o cofre dos carinhos,
D'aquella boa gente á lida acostumada;
E Amelia, morto o pai, foi logo disputada!
Era coisa de ver a socegada ilha,
Alvorçar se toda a reclamar a filha!
Brava a contenda foi, mas Paulo a todos dera,
Razões tão naturaes, que a todos convencera.

O triste assim fallou: — Se pae, se mãe perdi,
(Ha muito a mãe morrerá) e Deus me tem aqui,
Errando sobre a terra, oh quereis vós roubar-me,
Quem pôde este viver, sorrindo, amenisar-me?...
Movidos eu bem sei que sois das caridade,
Mas dae este consolo á misera orphandade;
Se minha irmã levaes, o que será de mim?...
Na vida encontrarei a solidão sem fim —
Eu, que sulcando o mar as solidões só vejo,
Nem mesmo no meu lar terei o casto beijo,
A voz da minha Amelia a soluçar baixinho:
Oh Paulo, meu irmão, aqui n'este cantinho,
Somos nós e a saudade, mais ninguem se acolhe.
E no mar, quando a vaga os meus vestidos molhe
Dizei! quem sobre a relva ha de estendel-os rindo?
Quando ao entardecer do mar vier fugindo,
Quem ha de ir esperar-me á sombra dos coqueiros,
A acenar-me de longe?... ai, vós, meus companheiros,
Tendes, volvendo á praia, a esposa que suspira,
Que mil affagos dá, que a vossa rede tira.
E cantando convosco as malhas lhe concerta.
Mas eu, triste de mim, com a choupana aberta,
Ninguem me levará, sequer a gota d'agua,
Um consolo ao soffrer, um lenitivo á magoa.
Amelia me deixae, é rôla d'este ninho
Eu sei — que morrerei se me deixar sosinho. —

Quem se havia de oppôr? com seu irmão ficára,
E na desdita Paulo a sorte abençoára,
Por lhe ter concedido aquella criancinha,
Esteio que de pé o corpo lhe sostinha.
E ás lufadas da dôr a vida lhe abrigava.

Na quadra das paixões Amelia penetrava;
A infancia a suspirar por ella se ficou.
Como a quem desde o berço estremecida amou.
E nunca a mocidade abrira o seu regaço
A fronte mais gentil; Paulo moreno e baço,
Tostado pelo sol mostrava o rosto bello;
E tinha no dizer um modo tão singello,
Que ouvil-o uma só vez, era ficar captivo!
Quando na capellinha ou n'um logar festivo,
O donairoso par taful apparecia:
— Que bonitos irmãos — o povo repetia.
E não faltava alli rapaz que não pensasse,
Ao ver a linda Amelia em venturoso enlace;
Mas se ella presentia uns longes na conversa
Do occulto pensamento, alli logo dispersa,
Ficava a companhia, e Paulo de repente,
Arremessado olhar lançava ao pretendente.
Então no grupo alguém vendo este irmão cioso,
De mansinho dizia: — oh nem que fosse esposo! —
Se o mar era sereno e o céu era de anil,
A's vezes na canôa entrava o par gentil;
E quando o sol no occaso as serranias doura,
Como era lindo ver de Amelia a trança loura,

Caprichosa ondulando á viração da tarde!
Um frio coração d'estes em que não arde,
Nem viva já se ateia a branda luz da fé.
Se visse no barquinho aquella moça em pé...
O sol a illuminar-lhe as faces e os cabellos...
E o mar a debuxar os seus perfis tão bellos...
Alma gasta, descrente, oh reprobó que fosse,
A' mente lhe viria um pensamento dóce;
De pae, de mãe, de Deus se lembraria emfim,
Se visse no barquinho á tarde Amelia assim.

Um dia alguém notou que á missa já não ia,
Amelia a devotinha, a flor da freguezia,
A mesma que o vigario apresentava a todos,
Como exemplo a seguir na compostura e modos,
Que deve a moça ter na casa do Senhor.
E depois, mais alguém, o povo fallador,
Raça damnhinha e vil que em toda a parte habita,
A que não ha fugir, pois quanto mais se evita,
Mais nos devassa o lar e nos escuta a voz,
E se não vê nem ouve, ergue a calunnia atroz.
Esse monstro fatal a cujos pés rebrame,
Com a negra mentira a hypocrisia infame.
Tal povo emfim notou que o meigo par agora,
Não era em seu viver o mesmo par de outr'ora;
Faltava-lhe a alegria, aquelle sol formoso,
Que doura a mocidade a palpar de gôso.
Nos domingos á tarde entre o girar das danças,
Ai nunca mais se vira o fluctuar das tranças,
Nem o canto de Amelia acompanhando o côro
Do bando festival; dizia-se que em choro,
Alguem a surpreendeu fitando um dia o mar,
Sem jamais se saber a causa do pesar,
Que de pranto inundava a face á linda moça.
Tambem agora havia em torno á humilde choça,
Um não sei que sinistro e de tristonho aspecto,
Morrera o sabiá; pendente inda do tecto,
Se via abandonada a muda gaiolinha,
E o basto roseiral por quem Amelia tinha,
Tão entranhado amor, á secca se mirrava.
Que desdita seria a que sem dó roubava,
Da socegada estancia o riso, o canto e as flores?

Era o quente verão; do mar os pescadores,
Fugiam com temor da proxima tormenta.
A tarde ia no fim; já uma cor cinzenta,
Nuncia do trovejar, ao longe o céu cobria;
Enormes, semelhando immensa serrania,
As nuvens em tropel sinistras avançavam;
Intenso era o calor, nem leve ciciavam
As folhas no arvoredó; e quem n'este Brasil,
Não sabe como em ti oh Paquetá gentil,
São tanto de temer as seccas trovoadas?

As canôas á praia emfim já são chegadas;
De esposas, filhas, mães, palpita desoppresso,

E ledo o coração; oh quanto é caro o preço
Por que vós lhe compraes, os pobres pescadores,
O seu terno carinho e os seus ternos amores.
E' por ellas que vós sulcando o extenso mar,
Estaes sempre co'a morte alegres a brincar;
E' por ellas que vós sobre esse mar correndo,
Nem vos lembraes talvez que o vendaval tremendo,
Irado, dentro em breve arroje ás profundesas,
Vossas vidas que estão já d'outras vidas presas.

Liberto o furacão, arqueja, rugé, freme,
E a terra ao seu embate, horrorisada treme;
Do mar a superficie agita-se alterosa,
Parecendo abalar co'a furia impetuosa,
Os rochedos que em torno a Paquetá ergueu
A sabia natureza; escuro e negro o céu,
Mais negro inda o tornava o approximar da noute.
A tempestade erguendo o pavoroso açoute,
O medo, a assolação em tudo ia deixando.
Estalava o trovão e rapido passando,
O raio coruscante, illuminava a scena
De fugaces clarões; ao longe a voz serena
De crianças que ao céu em côro a prece erguião,
Aos echos da tormenta os debeis sons união.
Subito, entre o bramir dos encontrados ventos,
Humana voz se escuta, e vem do mar; attentos
Os olhos atravez da escuridão procurão
D'onde vem o clamor; intensos já fulgurão
Mil fogos sobre a praia o mar illuminando;
Eis que ao longe se vê, nas vagas fluctuando,
Desmantelado e entregue á furia da tormenta
Pequenino baixel, que a custo se aguenta
Sobre horrido escarcéo; na praia os mais ousados
Querem ao mar sahir, e tentão, mas baldados
Os seus esforços são; á praia elle devolve
Arrojado batel, que afouto se resolve
O seu dorso a galgar; perto o clamor já sôa,
E distincto se escuta assim: — meu Deus perdôa,
A mim que vou morrer, o meu peccado atroz! —
Amelia! o povo exclama ouvindo aquella voz;
E a triste para a terra os braços estendia,
Como se a multidão que sobre as praias via,
Podesse ir arancar-a á angustia em que penava.
A pobre em afflicção depois continuava:
Piedade, soccorro!...

O coração confrange
O grito dolorido, e o que em redor abrange
A vista desvairada, oh, mais horrendo torna
O pavoroso quadro; o mar já quasi adorna
O alquebrado baixel, até que enorme vaga
De encontro a erguida rocha o pobre lenho esmaga;
Seguiu-se um grito, um só, medonho, pavoroso,
Que o furacão levou rugindo furioso.

Não era a rocha nua, em torno lhe viçava,
Densa vegetação que o mar em vão tentava

Nas crescidas marés ás vezes destruir;
Quando o barco de encontro ali se foi partir,
O instincto natural aos naufragos mostrára
A unica salvação; um raio que passára,
De luz todo inundou em pedestal ingente,
Um grupo magestoso, um grupo commovente;
Ai, era Paulo e Amelia, os dois irmãos, que unidos
Erguião para Deos as mãos agradecidos.
De joelhos na praia o povo a Deus se prostra,
E erguendo as mãos também a gratidão lhe mostra;
De repente, porém, novo trovão estala,
E o feroz ribombar como que a terra abala.
Um raio que baixou das solidões do espaço,
A rocha bipartiu com horrido fracasso.

Serenára a tormenta e de entre o mar sahiu
Uma voz que na terra assim repercutiu:
— “Olhai d'estes irmãos, o fim negro e funesto,
E vêde como Deus sem dó castiga o incesto.”
Perto de Paquetá fendida a rocha existe,
A memorar de Amelia e Paulo o caso triste.

1860, Rio de Janeiro 30 de Junho.

M. J. Gonçalves Junior.

DOUS CULTOS

Era no templo! enovelado em ondas,
O incenso para Deus brando subia;
E a voz do órgão magestoso e grave
Todo o espaço inundava de harmonia.

O sol era no occaso; um raio a furto,
Coando-se no vidro, illuminava
Ao sacerdote a veneranda fronte,
E como que uma aureola lhe dava.

Tudo ali era paz, socego tudo,
E na prece a minha alma recolhida,
Quando já para Deus ia a ascender-se,
Em ti pousou oh sol da minha vida!

.....
Correrão dias e uma noute ouvindo,
Da tua meiga voz o brando accento;
Essa candura que o teu labio estilla,
Quando a phrase traduz o pensamento;

Lembrei-me então das sacras harmonias,
Do sol, da prece, que no templo erguera;
E d'aquella visão terna e suave,
Que o santo enlévo atraíçoar viera.

E depois, quando a luz serena e limpida
D'esses teus olhos encontrava os meus,
Eu preso e fascinado pelo encanto,
Olhando para ti pensava em Deus!

Erão dous cultos, sim, ambos unidos,
Ambos gerados pelo mesmo amor!
Se amando a Deus amava a creatura,
Na creatura amava o Creador!

Rio de Janeiro, 1868.

M. J. Gonçalves Junior.

O ENGEITADO

(Empressões da Julia, poesia de Thomaz Ribeiro.)

O' noute! Quanta belleza
Tinha a magica tristeza
Que teu silencio infundia!
Nos céos — um arco de lua,
No rio — baixel que fluctua
Ao arfar do maresia.

—
No horisonte a densa esteira
Da gigante cordilheira,
Que s'estende desde o mar;
D'aqui, d'ali — ilhas soltas
E rios que, após de mil voltas,
Vem-se ao lago derramar.

—
A meus pés frême o Guahyba,
E além, n'arenosa riba,
Reflue o mar a gemer;
Mais longe o écho estrugia
Sons de um clarim, e dizia:
— São horas de recolher!

—
O' noute! Que mago encanto
Reçumbrava de teu maño
Esparso a face da terra!
Sonhos de amor e poesia
Tinha o lago que dormia
Debruçado aos pés da serra.

—
E grata e doce a bafagem,
Da figueira entre a ramagem,
Dizia triste — saudade.
Aqui — phantasma do vicio,
Se erguia um negro edificio.
E lá em cima — a Caridade!

—
Tudo era bello, meu Deos!
A terra, o espaço, os céos
Resplendecião de encanto!
Mas qual a vaga eu gemia
Porque minh'alma eu sentia
Sossobrar, afflicta, em pranto.

—
Soffria!... e sempre sosinho,
Como um passaro marinho
Vagava, beirando os cáes...
Porque eu, qual n'um deserto,
Estendia o olhar incerto
Sem nunca ver á meus paes!

—
Porque jámais esperava
Entre a turba, que passava

Tão junto a mim em seu trilho,
Quem a dextra m'estendesse...
Quem minha dôr compr'hendesse...
Quem me chamasse — seu filho!

—
Ninguém! ninguém! sempre só!...
Estatua lançada ao pó
Eil-o — engeitado e maldicto!
Vêde-o — que escarneo sublime!
— Insonte e filho do crime,
Em todo o mundo proscripto!...

—
A' elle não se abre um seio,
Não — que existe de permeio
Entre mãe e filho... horror!
Em vez do amor tão sagrado.
Um anáthema — **engeitado!**
E a miseria, a infamia, a dor!

*
Longe d'arvore que se esfolha,
Pobre folha,
Fragil brinco do tufão,
Em que chão
A misera irá parar?

—
Terá ella acaso abrigo,
Seio amigo,
Que lhe dê o seu calor,
Seu amor,
Onde possa dormir?

—
Quem sabe! Mas eu aneio
No receio
De que role a pobresinha,
Tão mesquinha,
Senda azinha até morrer.

—
Tal sou eu — pobre **engeitado.**
Desgraçado.
Sem familia, nem lareira
Onde em hora deradeira
Vá gemer.
Vá morrer tão malfadado.

*
Bem alta vai a lua! E' findo o baile;
Já bem longe fluctua o claro chaile
Da donzella formosa,
Que volta do sarão, onde entre as flores
A mais querida foi, scismando amores,
Ou d'elles desdenhosa.

—
Prosegue a noute; reprêso o mar é quêdo;
Não vejo a propria sombra, e como a mêdo
Abraço a solidão.

Após da festa não ha nem luz, nem vida,
E nem da orchestra sequer nota perdida
Revibra no salão.

—
Tolda-se o firmamento; as sombras descem;
Reina a tormenta; os astros desaparecem;
E' todo negro o norte!
Sérpe ignita o raio enrosca as vagas,
Que succedem-se, gemendo, á longes plagas,
O cantico da morte.

—
No entanto, a morte, que conservo n'alma,
Não dá-me, barbara, o repouso, a calma
Da campa delecteria.
O' misero que sou!... Eis minha sorte:
— Silencio e sombra, isolamento e morte,
E despreso e miseria!

—
Qual da Bethania o biblico leproso
Eu padeço; e qual Job, nem sequer ousou
A' meu Deos me queixar.
E martyr, a tortura e o esquecimento
Calo n'alma, sigillo o meu tormento...
Padeço sem chorar.

—
O mundo de meu pranto zombaria
Se m'o visse verter, sim se riria
Democrito cruel!
Porque sem compr'hender seu riso stulto,
Tyranno lançar-me-hia atroz insulto,
Os residuos do fel!

.....
.....
.....
*
.....
Mas o que importa a turba que escarnece,
Quando no peito a vida se esvaéce
Transbordando de dor?
Que importa mais um travo, um soffrimento,
Um espinho de mais, mais um tormento,
Na vida do cantor?

—
Que importa mais um golpe sobre a chaga,
Que sangra eterna, que jamais se apaga,
Que já cura não tem?
Ergão-se phariseos, lancem-me os dardos,
Eis o meu peito... crôem-me de cardos,
E eu rirei tambem.

—
Rirei da propria dôr que me turtura,
Rirei da minha infausta e má ventura
Escripta no inferno...
E embora sinta pungir-me aguda pena,
Rirei té do juiz que me condemna,
Serei um riso eterno!

E rindo, crer-me-hão feliz. No meu tugurio
Ninguém virá bradar-me: — “O’ filho expurio,
Arréda, eu quero entrar!”
Mendigo, posso invocar a caridade,
Impetrar d’esto mundo a piedade,
Sem ter do que corar.

—
Mas nunca amor supplica o coração,
Que pôde bem ser nobre, e não ter pão,
Na miseria jazer!
O’ que a fome de Camões fêl-o mais nobre,
E nem corava o **Jão** pedindo um cobre,
Para lh’o vir trazer.

—
Não deshonrou a esmola a Belizario,
Quando da patria banido, adversario,
Triste fado cumpria,
Pelo braço da filha que o guiava,
Doce luz que ao grande cego illuminava
A deveza sombria.

*

E no entanto, eu soffro... e muito... e só!
Mas não quero que de meus males tenha dó
Quem negou-me um seu riso.
Não!... Regeito a compaixão por seu rancor,
Quero — inteiro seu odio, ou seu amor —
Inferno ou Paraizo!

—
No orgulho que se nobilita no tormento
Julgo o mendigo de amor vérme nojento,
Repugnante e vil
Quero ser antes obelisco no deserto,
Do que poder esmagar-me, em passo incerto,
Um pé como a um reptil.

*

Todos os entes creados
São mais felizes que eu;
Têm estes por patria os prados,
Aquelles — nuvens do céu;
Este outro no fundo, mar
Tem seu berço que ha de amar.

—
E lá na invia floresta,
Inaccessível, remota,
Nas horas da ardente sésta
A fêra vae senda ignôta;
Penetra as grotas dos morros,
Onde aninha os seus caxorros.
E toda amor, quem diria
Ao vê-la a prole lamber,
Que é ella a besta bravia,
Que de susto faz tremer?
Pois na caricia materna
Tanto é docil, tanto é terna!

E como a tigre na selva
Azylo aos filhos procura,
Busca a cadórna, de relva
Uma toiga mais segura,
Onde faz cama macia,
Sobre a qual seus pintos cria.

A mosca, o pequeno insecto,
A serpente ignava e vil,
O vérme o mais abjecto,
O mais nojoso reptil,
Sentem o amor filial,
Todos, por lei natural.

E á esta lei tão suave
— De amar tão caro objecto —
Nenhum, nem fera, nem ave,
Nem o reptil, o insecto,
Nem o verme famulento
Se lhe esquivava ao mandamento.

Nenhum ao filho renéga!
E, irrisão! ao contrario,
Em quanto o bruto os offéga,
Vae ali, cruel sicario,
Humano desnaturado
Deita fóra ao seu gerado!

As maldições do inferno
Punão tal crime e infamia...
Que o punja remorso eterno,
Que eterna lhe seja a insania!
Que seu peito, sem amor,
Seja eculeo á mortal dor.

Mas blasphemo, meu Deus!... Perdão, Senhor,
Não fulmines a colera dos céos
— Nem sobre a mãe, que ao filho renegou;
— Nem sobre o filho, que a mãe amaldiçoou!...
Perdão, Senhor, perdão!

Estava louco...
A dor me obsecou e ardendo em febre
Eu não senti dos labios, que queimavão,
A lava do anathema se expellir...
Perdão!... Eu soffro muito!

O' minha mãe,
Te não podes queixar se aos céos mandei
Contra ti uma queixa amargurada...
Eu não sei compr'hender o amor de filho,
Porque não tendo paes, nunca o senti!
A êsmo, lançado á praia, ao acordar-me

Do pezado lethargo em que jazia,
Tinha a meu lado o mar erguido em furia;
O céu era mais negro que o mysterio

Da minha triste historia e nascimento;
E confusos, no horror da tempestade
Meus primeiros vagidos s'extinguirão.

Edesde o leite que devia alimentar-me
Até o teu extremo e tuas bênçãos,
Tu, me negaste tudo, ó minha mãe.
Pr'a furtar-te a vergonha do teu erro
Optastes, cruel, meu sacrificio...
Me mandaste engeitar da praia á beira!

Mais benigna serias dando em pasto
A' esfaimados cães meu fectio imbelles,
Do que deixar-me vivo, entregue aos homens.

Me não podes chamar — máo, inflexivel,
Porque não me ensinando uma virtude,
Não me déste uma crença, e nem teu nome,
Para evocando a Deos abençoal-o.

Se eu sou máo, é somente a culpa tua;
Pois não pôde ser bom quem não haurio
Nos seios de uma mãe leite e ternura.

Repellido por ti, mulher sem alma,
Por ti, de quem sou parte em carne e sangue,
Quem da vida, na rota que percorro,
Me mostraria o norte e o bom caminho?
Quem viria enxugar o pranto amargo
Que de meus olhos verte copioso
Qual outr'ora d'Horeb o jorro d'agua,
Na minha solidão, n'este deserto
Immenso como o Barca, ingrato assim?
Oh! ninguem, minha mãe!... Se tu podeste
O fructo do teu amor, fraccão de ti,
Jogares ao desprezo e aviltamento;
Repellido por ti, que só devêras
Morrer commigo ao seio, quem quizera-me,
Ou quem quizera eu — chamar de amigo?
Ninguem me quer a mim, e eu a ninguem.

Mas n'este isolamento da familia
Ha momentos horriveis, explosões
De desespero e pena, de odio, de ancia,
Que espedação a alma, em que fallece
A mais robusta fé... Horas de insania.

Sem crenças, sem esperanças, sem amores,
Que lhe inspire nas accões nobres e grandes,
Elle — engeitado — por todos malquerido,
A seu turno também descrê de todos,

E sceptico se torna, e se degrada...
Suppõe na carne o goso e após o nada;
Ama, ou se entrega ao goso da materia;
E deixando-se arrastar das vis paixões
Um degráo, outro e outro desce á crápula,
Que na taberna immunda a sêde tem.
Ahi se joga a honra contra o ouro
Desse templo infernal unico idolo;
Ahi se acalma a dor na embriaguez;
Ahi se apaga a sêde que devora,
Nos labios das Phrinés, ou no cognac,
Que cresta nas labaredas milicôres
Os hervados espinhos do desgosto;
Ahi, cambaleando, em copos cheios
Bebe-se o poncho, o rhum, e o abysintho
Em louvor da materia em bellas fórmas!
A saude do corpo! — a paz d'Epicuro!
Ahi, onde a mulher venal, sem pejo,
A' quem mór preço dá vende os encantos.
E exclamando — **Per Baccho amor e vinho!**
Rodopia, fraqueia e cahe por terra!...
E' onde vae esquecer a dor as vezes
O **engeitado**, o orphão de paes vivos!
Sim, é nessa ignobil furna tenebrosa,
N'esse barathro onde os vicios remoinhão,
Que elle vae esquecer magoa profunda,
Que elle busca o prazer das sensações,
O suicidio 'emfim, do corpo e d'alma.

Mas eu não desci tanto, não, o juro
Por Deos, em cuja fé fui educado,
A' cuja omnipotencia eu curvo humilde,
De quem conheço a obra-maravilha,
Essa, a mais sancta das virtudes todas
Ensinada por Elle, a — **Caridade!**
Não calquei um degráo sequer da escada,
Que descida uma vez não mais se sobe,
E que vae ter pelo crime ao cadafalso.
Não, beirando-a talvez, voltei a tempo:
Por que foi indo á ella que aprendi
A ter crença, a ter fé, a ter espr'ança.
Já quasi no pendor a descambar-me,
Ergueo-se uma mulher, se sombra, ou corpo,
Não saberei dizer, mas sei que era
Tão bella como os anjos do Senhor,
Que, acaso, um milagre, ou a Providencia
Collocou — qual pharol erguido a costa,
Que ao navegante mostra onde os escolhos,
Que deve desviar — em meu caminho,
E o passo suspendi na torpe senda,
E tive de mim mesmo pejo e dó.
E senti-me pequeno e acabrunhado
Ante a **estatua** que Deos reanimára
Para ser d'ora avante idolo ao bardo!
Se ella um anjo não é, se nunca o foi,
Era modelo, que os gregos não tiveram
Para d'elle imitar de Chypre a Deosa.

E, ou fosse illusão gerada em febre,
Ou bella realidade, eu sei que a vi,
E que ao vê-la esqueci quanto soffria
Para só a lembrar no meu amor.

Ella era um anjo, sim; ella ensinou-me
A não desesperar do infortunio,
A esperar, crente em Deos, melhor porvir.

Ella era um anjo, sim; n'ella adorei
A mulher que odiara em minha mãe!
E todo o odio que votava a esta
Transfundio-se em ternura, em piedade!

O' Christo, como é bello o teu calvario
Onde chora Magdalena arrependida!

Bem longe vae meia noute,
São horas de repousar;
Todos tranquillos já dormem,
Só eu estou a velar...
Elles sonhão, — são felizes...
E eu? Nem posso sonhar!

Faz frio, recrudescer a chuva,
Eu me sinto enregelar;
Todos têm tecto, ou lareira
Onde se vão abrigar.
Mas eu, mendigo, **engeitado**,
Aonde irei pernoutar?

Só tenho por leito as praias,
Ou das ruas a calçada;
Por coberta as intemperies,
E além d'ellas mais nada.
Mas como deitar-me agora
Se 'stá tão fria e molhada?

Passarei a noute inteira
Desperto sem precisão,
Collado á fria parede,
Ou de joelhos no chão.
Seja pelo amor de Deos
Rezemos pia oração.

Porto Alegre, 13 de Outubro de 1869.

José Bernardino dos Santos.

O CELIBATO

Epistola V e ultima

"Maldicto o matrimonio e seus effluvios!
"Maldicta a lei que o matrimonio ordena!
Tu disseste!? Blasphemia! Impiedade!

Meia-noite echôa nos espaços
Entro em casa, me sento junto á mesa
Onde sempre te escrevo.

Um velho amigo
Consocio de collegio e d'esses dias
Que nossas fronte risos enfloravão
Da infancia na aprazivel, doce quadra,
Ha pouco visitei, com elle estive.

Quando da pubescencia ardentes áscoas
No peito lhe ferverão, foi um louco
Arrastado nas ondas da volupia.
Nada temia, além dos desenganos
Em seus amores faceis e conquistas.
Insano s'entregava ao tom dos ventos
Que as paixões sopravão dentro d'alma,
Bem como o nenuphar na espumea lymphe
D'uma torrente em tufos despenhada.
Lovelace o chamarão, Jacques Rolla.

E não o era! Que apenas fôra o infante
Que atraz corre de varia borboleta,
E corre até cahir no prado exausto.

Cansou um dia, arripiou no trilho,
E á lareira correra d'onde ausente
Por largo tempo esteve, sem lebrar-a.

Vi-o constricto vir, pallida fronte,
Macilento, sorrindo com tristeza.
A's pompas que pullulão primaveras,
Ao desbrochar dos annos vendo a vida
Como botão que murcha, como phálena,
Que na chrisalida — risonho berço,
Vai deparar a tumba cineraria!
Vi-o assim, mas por pouco.

De seus tectos
Inda agora sahi e trouxe n'alma
Doce perfume de caçoila argentea
Alegria ineffavel que amenisa,
Que o espirito depura, a Deus exalça,
Fal-o energico, forte debater-se.

E sabes o que tinha ameno balsamo?
Sabes o que doçuras derramou-me,
Como a maveta o beijoim vertendo
Em caracões azues de olente efflúvio?
Foi um quadro singelo, mas sublime
Como o que a Raphael o typo dera
Da virgem da Cadeira.

Vou traçal-o

Em rapido bosquejo

Sobre um leito

Enfermo jaz um moço levemente,
A seu lado zelosa e terna esposa,
E d'elles de permejo curto berço
Onde gentil menina dorme o somno,
Que dormem anjos na morada cérula.
Que delicias frui assim os vendo!
Como abençoei o céu que faz ditosos!
E no meu coração, quantas caligens
Não dissiparão breve a linda scena!

Deus é grande, exclamei, feliz o homem—

A consorte amável, diligente

Do esposo soletrar nos olhos busca

O menor de seus desejos, a seus males

Blandicias derramando em doce trato

Que á mulher só pertence, só é d'ella

Só póde dispensar, trato que viça

Aos femininos dedos pulchras flores

Da esperança vital, é que ao doente,

Ao homem que debruça nos abysmos,

Evoca do soffrer a seu aceno,

Para abrir-lhe o alcáçar de venturas.

Como Lazaro á voz do divo mestre

O sudario rompendo torna á vida.

A filhinha desperta a nossas vozes,

E logo novo rumo toma a pratica.

Alli vela sorrindo, se animando

Ao amplexo paternal, da mãe aos beijos,

Vel-a balbuciar accents timidos

Que o labio infantil murmura cedo

Accents como canticos seraphicos.

Como harmonias que do templo emanão,

Como brizas d'um lago á flor correndo,

As horas se deslisão como em sonhos

Ou bem quando a alma em abandono escuta

As notas palpitantes — scismadoras

Da musica que prende attento ouvido,

O sentimento erguendo além da terra.

Eu amo das crianças o sorriso

Pois que n'elle o Jordão deparo sempre

Onde o bulcão dos odios s'esvaece,

Onde as rugas da fronte se distendem,

E o tedio, que o seio me banhava

Desfaz-se em subitaneo, ethereo jubilo.

No semblante infantil o céu s'espelha,

Nos olhos de virginea, castidade,
Nas graças que enuncia em cada gesto,
Na palavra que o labio desabrocha...
O' a infancia, a innocencia, é tudo o mesmo!

Depois a avó entrou, ruina esplendida
Por onde as idades passa a foice
E no seu nobre porte apenas traça
Um vinculo ligeiro que s'aminha
Avita experiencia aos filhos util,
Cuja testa cingida de respeito
Ao sol do inverno resplandece os gelos.

Havia tanta luz n'aquelle grupo
Que alli a natureza apresentava,
Tanta expressão, e magia tanta
Que pintal-o, quem pôde? Quem ousára?
Pintor lança o pincel da tela longe,
O cinzel, o buril alli se calem
Que seu sublime artista é Deus somente.
E tu, penna, do obscuro litterato
Que tentas sublimar-te, não prosigas,
Suspende n'esse arrojo temerario.
Sente-se meramente, não traduz-se
A eloquencia expressiva d'esse quadro.
De Timantes o celso imita o exemplo,
E' digno de imital-o, quando vastas,
Immensas proporções o assumpto abrange.
Assim é que eu quizera o sacerdote:
Quizera-o ver modelo de virtudes,
Bom cidadão, arauto da verdade,
Archetypo dos pais pregando ardente
As venturas da vida na familia,
E repetindo em vez de sévo anathema:
Bemdicto o matrimonio e seus effluvios!
Bemdicto a lei que o matrimonio ordena!

Seguisse o Vaticano a voz do seculo,
Supplantando os defeitos do passado,
Erroneas leis da igreja e preconceitos,
Revestindo a chlamide do progresso,
Grandiosa missão seria a sua,
E Roma houvera preitos entre os povos,
Roma altiva reinára como outr'ora.

PERDÃO

Perdão! Lucia, perdão... se n'um momento
De arroubada paixão,
Minha voz foi d'insulto a teus ouvidos;
Se ameaças uni aos teus pedidos,
Perdão! Lucia, perdão!

Perdão! Se eu do pudor o véo rasgando
A flor dos labios teus,
Profanei d'esse amor o sanctuario
Como profana a mão do mercenario
As aras do seu Deus!

Perdão! se n'esses transes de delirio,
De escravo quiz ser rei;
Se respirando o sopro de teu peito
Recusei uma vez render-te preto
No throno que jurei.

Mas tu não te curvaste ás ameaças
Que louco proferi;
Despresaste-me só, que eras rainha
E eu que logo tombei d'altivez minha
Escravo sou de ti.

Ardia-me esta fronte em febre aceza
N'um avido queimor...
E eu suppliquei-te, morto de esperança,
Depois... (meu Deus!) eu murmurei — vingança...
Mas tudo só de amor!

Perdão! se n'esse arfar de ethereo gozo
Minh'alma viste arder;
Se enlevado de colera um instante,
Eu tentei acordar n'um peito amante
O medo entre o praser!

Não cedeste ao terror; á nuvem negra
A aguia não baixou;
Quiz do céu derribar-lhe iroso vento,
Ella firme parou — parou um momento
E mais alto voou!

A aguia foste tu que revoavas
N'um peito a se incedir;
Eu fui o vento que tentou rojar-te...
Mas das azas de amor á subtil arte
Quem póde resistir?...

Perdão, porém, meu anjo de delicias
De um Eden divinal;
Perdão! se d'essa chamma nos ardores
Ousei faltar mil juras, e de amores
Fallar de uma rival!

Perdão, Lucia, de amor se arrebatado
Me havia o coração;
Se eu promessas te fiz — ameaçando,
Se em vingança fallei-te — supplicando,
Perdão! Lucia, perdão!

Porto Alegre — 1868.

F. Antunes F. da Luz.

EMENTARIO MENSAL

Hoc opus hic labor est.

Eis ahí um dito de grande applicação nas cousas d'este mundo, e que excellentemente casa-se n'este instante com o meu máo humor litterario. Por mais que eu pense, por mais que procure inspirar-me, nada brota a imaginação, que cheia de visões informes, só tem concepções sem belleza.

E escreva-se alguma coisa quando sómente o tédio invade o espirito, e a faculdade inventiva não dá de si.

Ah! Camillo, Camillo, és um rei eterno a quem n'este momento invoco; sopra-me de lá aos ouvidos algumas d'essas phrases ricas de idéas que costumas desprender dos labios, e a minha imaginação expandir-se-ha como a flor bafejada por matutinas brisas: solta um brado concitante que venha reboar ao Sul do gigante americano, e o meu espirito adejará vivaz, e serei fluente...

Entretanto reina a monotonia, e a sentença — **Hoc opus hic labor est** não se me apaga da mente.

E' que quando a natureza entristece e predispõe-se á lethargia, difficilmente reanima-se; faz-se mister a experimentação de fortes emoções, e mais ainda, que alguma mão divina lhe vá estremecer o seio.

Então ergue-se altiva, acerca-se do bello, e forte e vigorosa subjuga o mal.

Mas falho de emoções, baldo de crenças, que poderei eu sentir á afugentar-me o tédio?

Nada, porque a emoção que verdadeiramente inspira, aquella que vem de um sentimento terno e vivificante do amor, não me vem ao coração, que pulsa na placidez do lar; nada, porque a crença unica capaz de produzir cantos e flores, envelheceu comigo no seio da familia.

E assim é apenas sob a pressão de um dever, que escrevo o ementario, não sabendo mesmo o que fazer para evitar aos leitores alguns momentos de aborrecimento.

Emfim trabalhemos; se formos infelizes, nos dispensarão muita indulgencia, certos de que veda-nos o bom desempenho da missão a frouxidão da intelligencia.

Comecemos; e como cumpre, noticiando o apparecimento de algumas obras, que sobejamente attestão o desenvolvimento rapido e brilhante das lettras no paiz.

Publicou-se na côrte a segunda edição do muito util e interessante trabalho do Sr. Dr. Castro Lopes, intitulado **Cathecismo de Agricultura**.

Os serviços prestados ás sciencias e ás lettras pelo distincto escriptor são tão conhecidos, que nos dispensamos de apontal-os aqui, deixando mesmo de dizer algo sobre o seu ultimo trabalho, que aliás conhecemos.

*
* *

Encetou o Sr. José de Almeida Soares, tambem na côrte, a publicação da traducção de uma **Historia do commercio de todas as nações desde os tempos antigos até nossos dias**.

Não temos o prazer de conhecer o Sr. Almeida Soares, mas saudamol-o pelo relevante serviço que presta á causa das lettras n'essa parte transcendente, que faz o objecto de difficeis estudos, e que sempre recordará os vultos grandiosos de Gresham, Craveu, Beukel e outros.

*
* * *

Em S. Paulo, n'essa terra das tradições gloriosas, onde ao romu-rejar das brisas nas florestas, desprendem-se cantares rescendentes de patriotismo; ahi onde a intelligencia brota impetuosa e a imaginação é rica; n'esse torrão encantado, onde talvez a mocidade mais se depura no estudo das lettras patrias, publicaram os Srs. H. Amaral e Candido Barata um drama em quatro actos intitulado — **O Soldado Brasileiro**.

Não conhecemos o trabalho d'esses dois athletas nas lides litterarias, mas somos certos de que, sendo o thema sobre que escreveram vastissimo, deve ter sido bem esboçado o genio do soldado brasileiro.

*
* * *

O distincto latinista o Sr. Sotero dos Reis traduziu e publicou no Maranhão os **Commentarios de Cezar**.

Que poderíamos nós dizer sobre tal trabalho, quando o conhecemos?

Nada, porque ao passaro que rasteja só é dado mirar a aguia em seu remigio; nada, porque á intelligencia que mingua á falta de cultura, só é dado admirar o talento que se expande.

*
* * *

Lendas da provincia do Espirito Santo é o titulo de um livro que acaba de ser publicado pelo Sr. Dr. Peçanha Povoas.

Comquanto não conheçamos de perto o Sr. Dr. Povoas, pensamos comtudo que o seu livro deve ser importante, já pelo thema necessariamente rico de episodios, já pelos dotes do autor, a quem pressurosos saudamos.

*
* * *

O Sr. Dr. Joaquim Maria de Lacerda publicou uma geographia destinada á instrucção secundaria.

Temos ouvido, os maiores elogios sobre o livro do Sr. Lacerda, nosso antigo collega de academia, e a cuja intelligencia e illustração sempre nos curvamos; e cremos que a boa justiça lhe assistirá toda a vez que novas produções suas apparecerem.

*
* * *

Diversas outras publicações se fizerão e em outras provincias, que deixamos de mencionar por não tornarmo-nos mais enfadonho; apontaremos apenas mais duas que, porque nascerão aqui, tornão-se dignas de especial menção. São ellas o drama **Mulher e Mãe** do distincto litterato o Sr. Eudoro Berlink, e **Trêtas e Pêtas**, collecção de romances e contos do não menos distincto poeta o Sr. Vasconcellos Ferreira.

Quanto ao primeiro, já representado no nosso theatro, nada pode-

mos dizer na occasião, a não ser o que dissemos em o numero sete da nossa revista, não só por faltar-nos o tempo e o espaço preciso no ementario, como porque pretendemos em artigos especiaes occupar-nos dedidamente d'esse bello trabalho.

Quanto ao segundo, que ainda não conhecemos, diremos alguma cousa no proximo numero da revista.

*
* *
*

Apre! Os leitores sentem-se fatigados?

Pois tambem eu, apesar de nada ter feito. Quid facere? Nem todos nascerão para tudo: não póde ser bom piloto quem nasceu para arrieiro. Emfim façamos mais um esforço, e chegaremos ao porto.

*
* *
*

A companhia Cabral Junior vai, apezar dos pezares, com vento em pôpa. Feliz gente! Mesmo repisando os dramas do seu fraco repertorio, não lhe vem calmaria. E' o caso de dizer-se: **Audaces fortuna juvat.**

Que querem? Quando o povo é paciente e a quadra falha de divertimentos, a necessidade aconselha a tolerancia. Consta-nos que retira-se da companhia a Sra. Marquelou, vindo substituil-a a eximia actriz a Sra. Adelaide Amaral; não sabemos se é exacto, pouco nos interessa mesmo isso, uma vez que estamos condemnados a admirar tres ou quatro figuras, que por sua crassa ignorancia e requintado de-leixo, compromettem os melhores artistas.

*
* *
*

Quizeramos dizer alguma cousa com relação aos actores Germano e Pereira, mas sendo esta revista correspondente ao mez de Dezembro, e demorada por motivos que se prendiam á nova eleição da directoria, não o fazemos, visto que o facto prende-se ao mez de Janeiro: Ao redactor que entra de mez fica essa tarefa que será melhor desempenhada do que por nós.

*
* *
*

Terminamos assegurando aos leitores, que escrevemos estas linhas á ultima hora, e quando nos sentiamos immersos em um mar de tedio.

A. e S.

Porto Alegre, Dezembro de 1869.